

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

MIGUEL BRANDÃO MARTINEZ

**Trajetórias e dinâmicas de mobilidade migrante no
oeste paulista: sírios e libaneses em Bariri –
décadas de 1900 a 1950**

SÃO CARLOS - SP
2024

MIGUEL BRANDÃO MARTINEZ

**TRAJETÓRIAS E DINÂMICAS DE MOBILIDADE MIGRANTE NO OESTE PAULISTA:
SÍRIOS E LIBANESES EM BARIRI – DÉCADAS DE 1900 A 1950**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Oswaldo Mário Serra Truzzi.

São Carlos-SP
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Miguel Brandão Martinez, realizada em 28/02/2024.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Oswaldo Mario Serra Truzzi (UFSCar)

Prof. Dr. Marcelo Alario Ennes (UFS)

Profa. Dra. Samira Adel Osman (UNIFESP)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

Aos meus antepassados que migraram e aos que partiram durante a elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível graças ao apoio e ajuda de pessoas e instituições às quais expresso minha gratidão nessas linhas.

Primeiramente, agradeço a minha família pelo apoio incondicional, mesmo nos momentos em que não compreendiam a minha insegurança ou a minha felicidade. Perto deles me sentia acolhido e seguro. Lidinalva, a senhora foi a peça fundamental nessa jornada.

Agradeço ao Prof. Me. Fabio Paride Pallotta, por ter despertado em mim, ainda na graduação, o desejo por conhecer mais sobre a história da minha região de origem.

Expresso também minha gratidão a José Augusto Barboza Cava, que além de memorialista de Bariri, se tornou um amigo. Desde o nosso primeiro contato em 2018, não media esforços para narrar as histórias da cidade, ora vividas por ele, ora contadas pelo seu pai.

Agradeço a João Pedro Volante, pelas dicas a respeito do processo seletivo que tanto me angustiava e por ter escutado atentamente as minhas ideias iniciais. Também o agradeço por ter me colocado em contato com Emilene Frasão Capoia, que me ensinou os conceitos básicos de geoprocessamento para a elaboração dos mapas que tanto contribuíram nesta análise.

Ao meu amigo e professor, Rodrigo Rafacho, que por dois conviveu comigo semanalmente e escutava atentamente minhas angústias e incertezas, e presenciou os momentos que mais senti felicidade.

Agradeço também aos meus alunos e companheiros de trabalho da FourC Bilingual Academy, que se demonstraram compreensivos nos momentos em que falava com tanta empolgação a respeito de um tema que, na maioria das vezes, não os interessava.

Ao meu amigo de longa data, Bruno Hermínio de Oliveira, que partilhou a mesma casa comigo durante toda essa jornada.

Agradeço também aos amigos que fiz pelo caminho, especialmente José Victor Maritan e Diogo Bercito. Ambos foram essenciais para a organização deste trabalho. Admiro-os muito.

Aos meus colegas de turma do mestrado, especialmente o Bruno Benechio, que tantos cafés compartilhou comigo, e a Desirée Marques, a qual partilhamos 09as

angústias da reta final dessa jornada acadêmica.

Aos meus interlocutores, que foram receptivos e atenciosos desde o primeiro contato, me tratando como se fosse um *brimo*.

À Isabela, presente em minha vida desde 2017, que mesmo nos momentos em que estávamos distantes, não deixou de se preocupar e torcer por mim. Foi compreensiva, solícita, amiga e companheira. Jamais me esquecerei das vezes em que renunciou a coisas que a agradava tanto para ora estar ao meu lado, ora entender minha ausência.

Agradeço também à banca de qualificação, composta pelos professores Samira Adel Osman e Marcelo Alario Ennes. Suas críticas e sugestões valiosas adensaram a estrutura e o conteúdo de meu trabalho de forma decisiva.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Oswaldo Mario Serra Truzzi, pela incansável orientação, apoio e carinho. Das nossas conversas, sempre irei me recordar dos conselhos precisos e das inúmeras risadas. Seu acolhimento, especialmente na reta final, foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Agradeço à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e ao Programa de Pós-graduação em Sociologia que proporcionaram minha breve formação acadêmica no campo sociológico. Estendo esse agradecimento a todos os professores, mas em especial àqueles que tive o prazer e a oportunidade de ser aluno.

Por fim, agradeço e destaco que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

“Em Jaú tinha muito patrício, mas a colônia de Hasbaïya era em Bariri. Lá havia sessenta famílias de Hasbaïya... tinha mais gente de Hasbaïya em Bariri do que na própria Habaiya.”

Elias Alasmar

RESUMO

A partir da segunda metade do século XIX o estado de São Paulo passou a receber diversas nacionalidades de imigrantes. Entre as principais nacionalidades que chegaram no estado, destacam-se os de origem europeia, sobretudo italianos, espanhóis e portugueses. A partir da década de 1870, passam a chegar os imigrantes oriundos da Ásia, especialmente sírios e libaneses, que diferentemente das outras nacionalidades, não tiveram uma imigração subsidiada. Concentraram-se inicialmente na capital paulista, iniciando a trajetória profissional como mascates e posteriormente abriram estabelecimentos comerciais, em especial na rua 25 de Março. Com o passar dos anos, foram incentivando a vinda de seus conterrâneos, que ao chegarem, recebiam auxílio dos que já estavam estabelecidos e começavam a jornada profissional no ramo comercial. Ao passo que os cafezais e as ferrovias foram se expandindo para a região oeste, os sírios e libaneses se aproveitaram da economia em expansão das cidades recém-formadas e se espalharam pelo interior do estado. Uma das cidades que contou com a presença desses imigrantes foi Bariri, localizada a pouco mais de 300 quilômetros da capital paulista. Esta pesquisa buscou analisar a trajetória da colônia formada no local e as dinâmicas de mobilidade socioeconômica vivenciada pelos seus membros. Para tanto, foram analisadas fontes primárias e secundárias, como os prontuários do Registro Nacional de Estrangeiro, periódicos históricos, produções bibliográficas sobre o município e entrevistas com os descendentes dos imigrantes pioneiros. Os dados obtidos permitiram compreender que a colônia local se inseriu no ramo comercial, transformando-o em um nicho étnico, que possibilitou o acúmulo de capital financeiro utilizado para a recomposição das famílias no município paulista a partir de uma rede migratória com determinadas aldeias. Esses fatores contribuíram para um alto grau de coesão social entre os conterrâneos, permitindo a fundação Sociedade Syria de Beneficencia e a construção da Igreja Ortodoxa Antioquina de São Jorge. Também foi possível identificar que alguns pioneiros direcionaram seus esforços para a formação intelectual de seus filhos, especialmente no ramo das profissões liberais, que futuramente os credenciaram para pleitear cargos políticos.

Palavras-chave: migração; sírios e libaneses; oeste paulista; sociologia histórica; micro-história.

ABSTRACT

From the second half of the 19th century onwards, the state of São Paulo began to receive various nationalities of immigrants. Among the main nationalities that arrived in the state were those of European origin, especially Italians, Spaniards and Portuguese. From the 1870s onwards, immigrants from Asia began to arrive, especially Syrians and Lebanese, who, unlike the other nationalities, were not subsidized immigrants. They initially concentrated in the capital of São Paulo, beginning their professional careers as peddlers and later opening stores, especially in Rua 25 de Março. Over the years, they encouraged their fellow countrymen to come, and when they arrived, they received help from those who were already established and began their professional journey in the commercial sector. As the coffee plantations and railroads expanded into the western region, the Syrians and Lebanese took advantage of the booming economy of the newly formed cities and spread throughout the interior of the state. One of the cities that had the presence of these immigrants was Bariri, located just over 300 kilometers from the capital of São Paulo. This research sought to analyze the trajectory of the colony formed there and the dynamics of socio-economic mobility experienced by its members. Therefore, primary and secondary sources were analyzed, such as the records of the National Registry of Foreigners, historical periodicals, bibliographical productions about the municipality and interviews with the descendants of the pioneer immigrants. The data obtained made it possible to understand that the local colony became involved in the commercial sector, transforming it into an ethnic niche, which enabled the accumulation of financial capital used to re-establish families in the São Paulo municipality through a migratory network with certain villages. These factors contributed to a high degree of social cohesion among the inhabitants, enabling the founding of the Syria de Beneficencia Society and the construction of the St. George Antiochian Orthodox Church. It was also possible to identify that some pioneers directed their efforts towards the intellectual education of their children, especially in the liberal professions, which in the future enabled them to run for political office.

Keyword: migration; Syrians and Lebanese; western São Paulo; Historical Sociology; Microhistory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Reportagem do jornal <i>O Bariry</i> sobre um desentendimento entre imigrantes “syrios”	63
Figura 2 - Propaganda da Casa Syria de Salim Sabbag	64
Figura 3 - Propaganda da Loja da Estrella	66
Figura 4 - Membros da diretoria e conselho consultivo da <i>Associação Commercial</i> em 1939	84
Figura 5 – Igreja Ortodoxa Antioquina de São Jorge	105
Figura 6 - Comitê Pró Santa Casa em 1934	117
Figura 7 - Homenagem ao Dr. Semi Jorge Resegue.....	121
Figura 8 - Propaganda de Semi Jorge Resegue	122
Figura 9 - Candidatura de Semi Jorge Resegue à deputado estadual	124
Figura 10 - Inauguração da Estação Ferroviária de Bariri, em 1910	135
Figura 11 – Propaganda do Hotel Syrio de Felicio Chaddad	136
Figura 12 - Agência Chrysler - Sabbag Irmãos	137
Figura 13 – Diretoria e Conselho Consultivo da Associação Commercial de Bariry em 1937	138
Figura 14 – Homenagem dos escoteiros à colônia síria.....	139
Figura 15 - Zonas de produção agrícola de mamona no estado de São Paulo (1937-1938)	140
Figura 16 - Resegue Indústria e Comércio S/A.....	141
Figura 17 – Câmara Municipal em 1951	142
Figura 18 – 1ª Festa da Mamona.....	143
Figura 19 – Propaganda eleitoral de Semi Jorge Resegue	144
Figura 20 - Fachada do Estádio Municipal Farid Jorge Resegue em 2019	145
Figura 21 – Homenagem ao aniversário de José Jorge Resegue.....	146
Figura 22 – Nomeação de José Jorge Resegue como presidente da Comissão de Construção da Casa da Criança	147

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Produção de café em São Paulo (1836 - 1835).....	33
Gráfico 2 - Imigrantes entrados no Brasil e no Estado de São Paulo (1872 - 1972).....	35
Gráfico 3 - Imigrantes entrados no Estado de São Paulo, segundo a nacionalidade (1872 - 1971)	36
Gráfico 4 - Número de habitantes de Bariri (1890 - 1980).....	52
Gráfico 5 - Dados populacionais de Bariri, Jaú e Bauru	54
Gráfico 6 - Imigrantes destinados a Bariri pela Hospedaria dos Imigrantes	55
Gráfico 7 - Relação de industriais e comerciantes em comparação aos imigrantes em Bariri (1911 - 1925).....	74
Gráfico 8 - Ano de chegadas dos imigrantes sírios e libaneses da colônia baririense no Brasil	95
Gráfico 9 – Nacionalidades com mais de 100 imigrantes registrados em Bariri (1920)	103
Gráfico 10 - Comparação populacional entre as cidades com a presença de igrejas ortodoxas até 1940 pelos dados do Recenseamento Geral de 1920	111

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Avanços das frentes pioneiras em direção ao oeste de São Paulo	29
Mapa 2 - Expansão dos cafezais em direção ao oeste de São Paulo	30
Mapa 3 - Malha ferroviária de São Paulo em 1930	32
Mapa 4 - Localização de Bariri no estado de São Paulo	38
Mapa 5 - Núcleos de concentração de sírios e libaneses, em municípios com mais de 200 habitantes	44
Mapa 6 - Rota de deslocamento dos mineiros no século XIX	48
Mapa 7 - Zonas de produção agrícola de café no estado de São Paulo (1937-1938)	51
Mapa 8 - Localização de Bariri e Itaju no estado de São Paulo	76
Mapa 9 - Aldeias de origem dos sírios e libaneses da colônia baririense	94
Mapa 10 - Ruas de concentração e localização das igrejas em Bariri	105
Mapa 11 – Igrejas ortodoxas antioquinas no estado de São Paulo	110

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados populacionais das regiões do oeste paulista (1836 - 1935).....	30
Tabela 2 - Sírios e libaneses com estabelecimentos comerciais entre 1909 e 1914	60
Tabela 3 - Sírios e libaneses com estabelecimentos comerciais em 1915	67
Tabela 4 - Sírios e libaneses com estabelecimentos comerciais entre 1916 e 1921	68
Tabela 5 - Lista dos sírios e libaneses que deveriam pagar imposto sobre comércio em 1916	69
Tabela 6 - Lista dos sírios e libaneses que deveriam pagar imposto sobre comércio em 1917	69
Tabela 7 - Lista dos sírios e libaneses que deveriam pagar imposto sobre comércio e indústria em 1918	70
Tabela 8 - Lista dos sírios e libaneses que deveriam pagar imposto sobre comércio e indústria em 1919	72
Tabela 9 - Sírios e libaneses que assinavam a linha telefônica da empresa Vianna & Rocha	73
Tabela 10 - Sírios e libaneses estabelecidos em Bariri e Itaju em 1927.....	75
Tabela 11- Lista dos sírios e libaneses que deveriam pagar imposto sobre comércio e indústria em 1929	77
Tabela 12 - Produção de café em Bariri (1926-1936).....	78
Tabela 13 - Lista dos sírios e libaneses que deveriam pagar imposto sobre comércio e indústria em 1930	80
Tabela 14 - Lista dos sírios e libaneses que deveriam pagar imposto predial em 1930	81
Tabela 15 - Lista dos sírios e libaneses que deveriam pagar imposto sobre comércio e indústria em 1931	82
Tabela 16 - Lista dos sírios e libaneses que deveriam pagar imposto sobre comércio e indústria em 1936	83
Tabela 17 - Lista dos sírios e libaneses que deveriam pagar imposto predial em 1940	85
Tabela 18 - Lista dos sírios e libaneses que deveriam pagar imposto sobre indústria e profissões em 1949	86

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
Capítulo 1 – Imigração e trabalho no Brasil e oeste paulista	23
1.1 Política migratória no Brasil e em São Paulo durante o século XIX.....	23
1.2 O povoamento do oeste paulista, a cafeicultura e as ferrovias.....	28
1.3 Imigrantes para a as lavouras paulistas	33
Capítulo 2 – Sírios e libaneses no Brasil e no oeste paulista	39
2.1 A origem: causas e motivações do processo migratório.....	39
2.2 A vinda para o Brasil e a concentração na capital paulista.....	41
2.3 Caminhos do interior.....	43
Capítulo 3 - A região de Bariri e a formação do município	47
3.1 A “porta de entrada” do oeste paulista	47
3.2 A economia local e a chegada dos imigrantes	50
Capítulo 4 - Sírios e libaneses em Bariri	57
4.1 Os pioneiros em território baririense	57
4.2 A expansão da colônia e do comércio.....	58
4.3 A crise de 1929, os impactos locais e os patrícios	77
4.4 O empreendedorismo étnico e a concentração espacial	87
Capítulo 5 – Recomposição familiar	90
5.1 As redes migratórias e a recomposição familiar	90
5.3 “Árabe só se casava com árabe”	95
Capítulo 6 – Identidade étnica e religiosa	100
6.1 A identidade étnica	100
6.2 Associativismo étnico: a Sociedade Syria de Beneficencia	101
6.3 A Igreja Ortodoxa Antioquina de São Jorge	104
7.3 A identidade religiosa.....	106
6.4 Os ortodoxos no oeste paulista.....	109
6.5 O papel do capital social	112
Capítulo 8 – A vida pública	116
8.1 A atuação nos clubes e em outras associações locais.....	116
8.2 Doutores e políticos	118
Considerações finais	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	129
FONTES	133
ANEXOS	135

INTRODUÇÃO

Os movimentos migratórios no estado de São Paulo entre a segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX marcaram profundamente a sociedade paulista. Estima-se que nesse período, dos mais de 3,5 milhões de imigrantes que chegaram no Brasil, mais de um milhão teve como destino a então província de São Paulo (Luna & Klein, 2019). Atraídos por uma economia em expansão e pelas oportunidades geradas pela gradual substituição da mão de obra escrava, os imigrantes que aqui chegaram se instalaram principalmente em zonas rurais, com o predomínio de italianos, portugueses e espanhóis (Holloway, 1984).

Ao passo que as lavouras de café foram se expandindo para o oeste paulista, especialmente com as frentes pioneiras que partiram de cidades próximas a capital e dos mineiros que ingressaram no território paulista em busca de novas oportunidades, os imigrantes também foram sendo atraídos para o interior da província. Os que haviam chegado primeiro rapidamente partiram para o ramo agrícola, ora trabalhando nos grandes latifúndios que iam se formando, ora comprando pequenas parcelas de terras para o cultivo, sendo essa segunda opção bem menos recorrente do que a primeira.

A partir da década de 1870, o Brasil passa a receber imigrantes oriundos da Ásia, especialmente da região que hoje compreende os territórios da Síria e do Líbano, que até então faziam parte do território do Império Otomano. Os principais destinos foram o estado de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, com o predomínio nas terras paulistas, concentrando-se especialmente na cidade de São Paulo. Diferentemente de outras nacionalidades, congregaram-se no meio urbano e destinaram seus esforços para o comércio, iniciando suas atividades profissionais como mascates e posteriormente com empreendimentos comerciais (Truzzi, 2009).

Após o estabelecimento na capital, diversos sírios e libaneses começaram um processo de deslocamento para o interior do estado, desfrutando das oportunidades comerciais que surgiram a partir da expansão dos cafezais para a região oeste (Truzzi, 2019). Uma das cidades que recebeu esses imigrantes foi Bariri, localizada a pouco mais de 300 quilômetros da capital paulista. Desde a formação do município, a agricultura se apresentava como principal fonte de renda, movida especialmente pelo cultivo de café nas décadas finais do século XIX (Zanotti, 1988).

Os primeiros imigrantes a se estabelecerem na região de Bariri foram italianos,

espanhóis e portugueses, que se aglutinaram principalmente na zona rural a partir da década de 1860. Os sírios e libaneses chegam ao território somente nos anos finais do século XIX e rapidamente direcionam seus esforços para o ramo comercial, assim como em outras cidades da região. Ao passo que foram estabelecendo redes de clientes, expandiram o número de casas de comércio e armazéns na região central da cidade (1988). Nos anos seguintes, se esforçaram para trazer seus conterrâneos e familiares, e em pouco tempo formaram uma colônia com um alto grau de coesão social, mesmo com uma quantidade inferior de membros em comparação as outras nacionalidades.

Foram responsáveis pela construção de um empreendimento religioso único na região do município, a Igreja Ortodoxa Antioquina de São Jorge, que foi possível graças a diversos fatores que serão expostos e analisados neste trabalho. Apesar de terem marcado alguns aspectos na história do município, a colônia de sírios e libaneses formada em Bariri ainda não havia sido estudada, tendo apenas algumas menções a seus membros e feitos em obras sobre a história do local.

Desta forma, o objetivo geral proposto por este trabalho foi analisar a trajetória histórica da imigração de sírios e libaneses no município entre as décadas de 1900 a 1950, compreendendo as dinâmicas de mobilidade desse grupo a partir da influência social, econômica e política na sociedade local. Para tanto, foram estabelecidos quatro objetivos específicos. O primeiro foi analisar a quantidade de imigrantes desse grupo que Bariri recebeu na transição do século XIX para o XX e quais as regiões que habitavam no país de origem, tendo como hipótese inicial uma provável rede migratória entre a região de Hasbaya e Bariri.

O segundo buscou compreender a trajetória da evolução econômica e de mobilidade social do grupo, desde o início como mascates até a formação de lideranças étnicas. Este, teve como hipótese associada que tal trajetória dependeu da afirmação progressiva em atividades comerciais ligadas ao varejo de bens de consumo popular na cidade, como ocorreu em outras regiões do estado, e o provável beneficiamento e comercialização de produtos agrícolas, dada a inserção econômica rural do município em seus primórdios.

O terceiro procurou identificar os esforços empenhados na construção de um empreendimento religioso quase único no interior paulista: a Igreja Ortodoxa Antioquina de São Jorge em uma cidade de porte relativamente modesto. Tal objetivo partiu de duas hipóteses: a primeira foi de que a construção só foi possível graças à

circunstância de haver um alto grau de coesão social (capital social) entre os imigrantes que provinham de uma mesma origem (hipótese do primeiro objetivo específico), de modo a facilitar a coordenação e cooperação para benefícios mútuos. A segunda foi de que o empreendimento sinaliza a busca tanto por diferenciação e prestígio na sociedade local, quanto por reforço da coesão social da colônia.

O quarto buscou identificar as trajetórias trilhadas pelos descendentes da primeira geração de imigrantes. As duas hipóteses associadas foram: a integração progressiva da primeira geração nascida no Brasil diminuiu a adesão a valores estritamente religiosos, mais caros aos imigrantes da primeira geração, o que sugere uma lenta, mas progressiva decadência do empreendimento religioso; dada a relativa mobilidade socioeconômica obtida pela colônia, parcelas da primeira geração nascida no Brasil puderam se formar como profissionais liberais, o que por sua vez os credenciou como postulantes a cargos políticos no município.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram utilizadas diferentes fontes. A primeira foi um documento produzido pela delegacia da Polícia Civil de Bariri referente aos registros de estrangeiros que residiam no local entre 1939 e 1947. As informações encontradas eram resumidas, mas permitiram a compreensão de alguns aspectos da colônia, como as principais famílias, origens e datas de chegada no Brasil. Em seguida, foram analisados os prontuários originais do Registro Nacional de Estrangeiro, que deram origem ao livro de resumos, salvaguardados pelo Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

O segundo grupo de fontes foram os periódicos históricos do município. O foco foram as publicações que datavam do início do século XX até o início da década de 1960, período estabelecido para a análise desenvolvida. Nos periódicos foram localizadas informações sobre impostos referentes ao comércio e a indústria, impostos sobre propriedades urbanas, propagandas de casas comerciais, formação de associações locais e propagandas políticas de membros da colônia.

A terceira fonte analisada foi composta pelas edições do Almanak Leammert, publicados originalmente no Rio de Janeiro, que faziam referência as cidades do estado de São Paulo. Foram localizados dados acerca dos sírios e libaneses que se estabeleceram em Bariri no início do século XX, bem como o ramo de atuação profissional que se dedicavam e o tipo de produtos que comercializavam, visto que a colônia formou um “nicho étnico” no comércio local.

Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com um memorialista

local, José Augusto Barboza Cava, e com descendentes dos imigrantes pioneiros, sendo eles Ibrahim Jacob, Mauro Jacob, Miriam Jacob e Norma Curi. Uma outra entrevista também foi realizada com Leidi Boiani Sabbag, casada com um filho de imigrantes da primeira geração que já havia falecido. As informações colhidas junto a esses interlocutores foram fundamentais para a análise desenvolvida, visto que ora complementavam e confirmavam as informações colhidas junto a outras fontes, ora apresentavam outra perspectiva a respeito dos dados.

Por fim, foram analisadas obras a respeito da história de Bariri produzidas por memorialistas e historiadores, a fim de cruzar as informações com as fontes primárias e entrevistas. Buscou-se combinar diferentes fontes e metodologias (qualitativas e quantitativas), tendo como suporte teórico as análises já desenvolvidas no campo sociologia histórica. Entretanto, cabe ressaltar que este trabalho não esgota as discussões acerca da colônia árabe local e os resultados se limitam as informações encontradas nas fontes analisadas.

No que se refere a organização do texto, o primeiro capítulo apresenta um panorama histórico sobre a relação entre a política migratória no Brasil e em São Paulo no século XIX. Buscou-se apresentar de forma sintética os anseios do governo acerca do povoamento de áreas ainda não exploradas, os impactos da expansão da cafeicultura e das ferrovias para o oeste paulista e o cenário encontrado pelos imigrantes que chegaram no estado durante esse período.

O segundo capítulo aborda as principais causas que levaram os imigrantes sírios e libaneses desembarcarem nos portos nacionais. Em seguida, é discutido sobre a concentração espacial na capital paulista e os caminhos percorridos para o estabelecimento em cidades do interior, especial no oeste paulista, região que está localizado o município de Bariri.

O terceiro capítulo trata sobre a povoação da região de Bariri e da formação urbana do local, apresentando um breve panorama histórico e político. Além disso, trata sobre as principais características econômicas, a expansão da população e a chegada dos imigrantes.

No quarto capítulo, é discutido sobre a chegada dos primeiros sírios e libaneses no local e como a colônia rapidamente se expandiu no ramo comercial. Discute também os impactos da Crise de 1929 na economia cafeeira e como afetou a colônia, que havia desenvolvido uma forma de empreendedorismo étnico e se concentrava na região central da cidade.

O quinto capítulo aborda a importância da rede migratória estabelecida entre Bariri e algumas aldeias. Discute como essa rede possibilitou uma recomposição familiar no local, observado pelos dados acerca dos casamentos existentes entre os membros da colônia que seguiram alguns padrões e tiveram um alto índice endogâmico.

O sexto capítulo destaca a formação de uma identidade étnica entre esse grupo de imigrantes, que possibilitou o associativismo étnico e a construção da igreja. Faz uma breve análise sobre os aspectos religiosos nas aldeias de origem, destacando o predomínio de um credo religioso entre os que migraram para Bariri. Apresenta também uma comparação entre as outras cidades do oeste que tiveram igrejas ortodoxas, além de demonstrar o papel do capital social entre os membros da colônia.

No sétimo capítulo, é discutido como esses elementos apresentados anteriormente contribuíram para a inserção dos membros de segunda geração em profissões liberais e na vida política. Busca demonstrar que, ao se valerem da influência social e econômica da família na sociedade local, alguns patrícios conseguiram alcançar cargos políticos na esfera local, estadual e federal.

Capítulo 1 – Imigração e trabalho no Brasil e oeste paulista

1.1 Política migratória no Brasil e em São Paulo durante o século XIX

A transição do sistema escravista para o trabalho livre no Brasil marca um capítulo significativo na história econômica e social do país. Até meados do século XIX, a economia brasileira dependia fortemente da mão de obra escrava, principalmente no setor agrícola. Neste período, houve a consolidação do capitalismo pelas nações europeias, acarretando um aumento demográfico repentino que culminou na busca de novos territórios para uma certa melhora na qualidade de vida por parte de pessoas oriundas da Europa e algumas regiões da Ásia. As colônias europeias localizadas na África e Ásia, além dos países recém-independentes das Américas, se apresentavam como uma alternativa viável para esses migrantes (Fernandes e Costa, 2020).

No Brasil, durante o período colonial, os grupos que desembarcaram no território nacional eram formados, especialmente, por holandeses, franceses e ingleses, além dos africanos escravizados que foram destinados, inicialmente, para os engenhos de açúcar na região nordeste e posteriormente para as minas de ouro na região sudeste. Já no início do século XIX, com a transferência da corte portuguesa para a sua maior colônia, o Brasil passou por mudanças significativas em relação a sua política migratória (Côrtes, 1954).

Em 1808, Dom João VI publicou o Decreto de 25 de novembro¹ com o intuito de permitir a concessão de sesmarias² aos estrangeiros já residentes no Brasil para que pudessem aumentar os números da lavoura e da população. Esse decreto não apenas abriu portas para a chegada de novos habitantes, mas também sinalizou uma mudança nas políticas de ocupação territorial, marcando o início de um processo que influenciaria diretamente a transição do sistema escravista para o trabalho livre no

¹ O texto do decreto na íntegra se apresentava da seguinte maneira: “*Sendo conveniente ao meu real serviço e ao bem publico, aumentar a lavoura e a população, que se acha muito diminuta neste Estado; e por outros motivos que me foram presentes: hei por bem, que aos estrangeiros residentes no Brazil se possam conceder datas de terras por sesmarias pela mesma fórma, com que segundo as minhas reaes ordens se concedem aos meus vassallos, sem embargo de quaesquer leis ou disposições em contrario. A Mesa do Desembargo do Paço o tenha assim entendido e o faça executar. Palacio do Rio de Janeiro em 25 de Novembro de 1808.*” (BRASIL. Leis etc. Coleção das Leis do Brasil de 1808. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1891, p. 166. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dim/DIM-25-11-1808.htm. Acesso em: 27 de nov. de 2023.

² Terras virgens, ainda não exploradas.

país.

A partir desse momento, além das concessões aos estrangeiros que já residiam no Brasil, a coroa portuguesa passou a incentivar a vinda de imigrantes por meio de uma imigração dirigida e subsidiada, sem renunciar ao comércio de escravizados. Foi adotada a lógica de ocupação de terras públicas, baseada na pequena propriedade, na agricultura familiar e na policultura (Lotti, 2001). Buscava-se estabelecer uma complementaridade entre os núcleos coloniais³, o mundo agroexportador e as cidades já existentes, para que fosse possível atender à crescente demanda por alimentos tanto nos centros urbanos quanto nos latifúndios escravistas (Fernandes e Costa, 2020).

Dez anos depois, a publicação do Decreto de 6 de maio de 1818 pode ser considerado como um marco significativo no que se refere aos futuramente chamados “migrantes ideais”. O decreto tratava sobre a criação de uma colônia para suíços no Rio de Janeiro, que posteriormente seria chamada de Nova Friburgo, com o intuito de “difundir a civilização e desenvolver o progresso do país”⁴. Mesmo que as discussões sobre o embranquecimento da nação tenham ganhado espaço no cenário nacional somente a partir da segunda metade do século XIX, o Decreto de 1818 já sinalizava que os imigrantes que aqui se esperavam deveriam ser oriundos da Europa e, conseqüentemente, brancos (Seyferth, 2002).

Passado o processo de independência, formalizado oficialmente em 1822, até 1830 o Imperador Dom Pedro I concentrou em suas mãos a tarefa de criação de novas colônias e o aumento na introdução de imigrantes europeus no território nacional, dando continuidade à política de criação de núcleos coloniais praticadas por seu pai, Dom João VI. Foram estabelecidas sete colônias oficiais e uma particular, que buscavam, além da povoação, a defesa das fronteiras territoriais. Essas atitudes não agradaram os grandes latifundiários, provocando uma forte reação da classe, contrária ao financiamento da imigração (Lotti, 2010).

Com a publicação da Lei Orçamentária⁵ em 15 de dezembro de 1830, foi

³ Locais criados pelo governo brasileiro para a inserção de imigrantes.

⁴ O texto do decreto na íntegra pode ser consultado no seguinte link: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Atos/dim/1818/DIM-6-5-1818.html#:~:text=Incumbe%20ao%20Ministro%20e%20Secretario,as%20despesas%20da%20mesma%20colonia. Acesso em: 28 de nov. de 2023.

⁵ A lei encontra-se disponível no seguinte link: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38056-15-dezembro-1830-565833-publicacaooriginal-89571-pl.html. Ver, especialmente, o Capítulo II.

abolido em todas as províncias do Império a despesa com a colonização estrangeira. No ano seguinte, com a abdicação de Dom Pedro I, a imigração subsidiada pelos cofres públicos foi abandonada, marcando a vitória dos latifundiários contrários a essa política migratória. Ainda em 1831, no início do período regencial, dada a relativa pressão externa por parte da Inglaterra⁶, foi publicada a lei que declarava livre todos os escravos vindos de fora do Império e impunha penas severas aos importadores, buscando diminuir o contingente de escravizados no país⁷. Era a primeira manobra efetiva que culminou no início do lento processo de abolição da escravidão no Brasil.

Em 1834, com a publicação do Ato Adicional de 12 de agosto⁸, as províncias passaram a ter uma maior autonomia em relação ao governo central do Império, facilitando as articulações nas Assembleias provinciais para tratarem de termos mais específicos e necessários àquela localidade. No ano seguinte, em 1835, com a publicação do Decreto de 12 de abril⁹, que reiterava a Lei Orçamentária de 1830, as províncias não teriam mais acesso a recursos para a criação de núcleos coloniais.

Mesmo sem o incentivo financeiro do governo imperial, as províncias continuaram a promover a imigração de escravizados – que eram mais atrativos para os latifundiários, visto que não teriam a concorrência dos imigrantes livres que se instalavam nos núcleos coloniais – pelo contato direto com empresas privadas que os enviavam para os portos brasileiros por meio do contrabando. Em 1837, por exemplo, 46 mil escravizados foram desembarcados ilegalmente nos portos do Rio de Janeiro e Santos (Gonçalves, 2020).

Nos anos seguintes, especialmente a partir da adoção do parlamentarismo em 1841, a competência sobre a questão de terras e de colonização passou para o Parlamento. O governo imperial deu início a uma tentativa de montar “uma estrutura administrativa para dirigir e controlar de forma mais efetiva os negócios referentes à

⁶ Os ingleses haviam proibido o comércio negreiro em suas colônias desde 1807, e por serem um dos grandes parceiros comerciais de Portugal e do Brasil, as reivindicações surtiram efeito.

⁷ O texto completo pode ser consultado no seguinte link: [https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37659-7-novembro-1831-564776-publicacaooriginal-88704-pl.html#:~:text=Declara%20livres%20todos%20os%20escravos,aos%20importadores%20dos%20mesmos%20escravos](https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37659-7-novembro-1831-564776-publicacaooriginal-88704-pl.html#:~:text=Declara%20livres%20todos%20os%20escravos,aos%20importadores%20dos%20mesmos%20escravos.). Acesso em: 02 de dez. de 2023.

⁸ O texto completo pode ser consultado no seguinte link: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leimp/1824-1899/lei-16-12-agosto-1834-532609-publicacaooriginal-14881-pl.html>. Acesso em: 01 de dez. de 2023.

⁹ O texto completo pode ser consultado no seguinte link: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret_Lei/1824-1899/decreto-37370-12-abril-1832-563951-publicacaooriginal-88005-pe.html. Acesso em: 02 de dez. de 2023.

imigração e à colonização” (Lotti, 2010, p. 4). Em 1848, com a Lei nº 514, as terras devolutas¹⁰ foram destinadas às províncias com o objetivo de dividir com os governos provinciais a tarefa da colonização.

Já em 1850, o império brasileiro promulgou a Lei Eusébio de Queiroz, que proibia o tráfico internacional de escravizados, e somada a Lei de 7 de novembro de 1831, dificultou ainda mais o acesso a esse tipo de mão de obra por parte dos latifundiários favoráveis a esse regime de trabalho. Uma alternativa encontrada foi o comércio interno entre as províncias, com o deslocamento de escravizados da região norte para o sul do país, que pouco tempo depois passou a ser taxada pelo governo (Fernandes e Costa, 2020).

Esse deslocamento interno se dava por conta de que as províncias de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro apresentavam-se como as maiores produtoras voltadas para a exportação, com a produção de açúcar, algodão e café, que tinham a mão de obra escrava como principal força produtiva. Mesmo na ilegalidade, o comércio internacional de escravizados, somado ao movimento interno, servia para atender a demanda de mão de obra para as lavouras (Lesser, 2015).

No mesmo ano em que se proibiu o tráfico internacional, foi promulgada a Lei de Terras, que dentre seus diferentes tópicos, aboliu a gratuidade de lotes de terras aos colonos, definindo como única forma de posse a compra das terras. Essa medida parece ter sido o impulso necessário para que os agricultores passassem a direcionar seus esforços para a atração de imigrantes. Para a opinião senhorial da época, o aumento do valor das terras e a dificuldade de aquisição faria com que os imigrantes pobres alugassem o seu trabalho por um tempo, antes de tornarem-se proprietários, substituindo gradualmente a mão de obra escravizada (Lotti, 2010).

A partir desse momento, além das colônias imperiais e provinciais, passaram a surgir as colônias particulares, especialmente com o sistema de parceira. Os cafeicultores recebiam empréstimos do governo imperial e poderiam devolver o montante em até seis anos, sem contar juros. Com o dinheiro em mãos, os cafeicultores contratavam empresas para aliciarem e transportarem imigrantes europeus, que tinha como destino, especialmente, as lavouras de café de São Paulo.

Na província paulista, os núcleos coloniais tinham um objetivo diferente em

¹⁰ Terras devolutas são terras públicas sem destinação pelo Poder Público e que em nenhum momento integraram o patrimônio de um particular, ainda que estejam irregularmente sob sua posse. O termo "devoluta" relaciona-se ao conceito de terra devolvida.

relação as outras regiões do país, pois como estavam situadas às margens das grandes fazendas de café, deveriam funcionar como uma espécie de isca para a atração de imigrantes (Fernandes e Costa, 2020). Buscavam incentivar os imigrantes com as possibilidades de se tornarem pequenos proprietários depois de um período trabalhando nas lavouras de café. Futuramente, estes poderiam fazer poupança e se familiarizarem com as técnicas agrícolas de um país tropical (Fernandes e Costa, 2020), especialmente por serem oriundos da Europa, em sua maioria italianos (Holloway, 1984).

Essa estratégia não apresentou resultados esperados, principalmente pela insatisfação e revolta dos imigrantes, que sofriam com a falta de clareza nos contratos e cláusulas desfavoráveis a eles (Lotti, 2010). Com a Revolta de Ibicaba¹¹ em 1856, esse sistema de parceria foi abandonado nas fazendas paulistas, principalmente pela mentalidade escravista da época, em que os fazendeiros impunham condições semelhantes às dos africanos escravizados para os imigrantes recém-chegados.

Em 1857, o governo imperial publicou a Decisão nº 340, estabelecendo as bases dos contratos de colonização de terras, além de adiantamentos para pessoas e companhias que se dedicavam à introdução de imigrantes nos núcleos coloniais, somado a um auxílio em dinheiro para o abatimento de dívidas com o transporte (Fernandes e Costa, 2020). Com um cenário conturbado em relação à mão de obra – proibição do tráfico internacional de escravizados e a tentativa fracassada do sistema de parceria – as discussões a respeito da transição do trabalho escravo para o livre passaram a ganhar mais atenção.

Os projetos elaborados pelo Marquês de São Vicente e discutidos no Conselho de Estado em 1866 buscavam articular de modo conjunto a reforma do elemento servil, o encaminhamento da abolição e a reorganização do trabalho. Pretendia-se, segundo o que defendia Nabuco de Araújo, um processo de abolição “gradual, num tempo relativamente longo, com uma direção previdente, de modo a respeitar e propriedade e sem causar abalos na agricultura” (Lamounier, 1986, p. 104).

¹¹ A fazenda Ibicaba, localizada na cidade de Limeira, interior do estado de São Paulo, era propriedade do Senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro. A Revolta de Ibicaba, também chamada de Revolta dos Imigrantes, foi responsável por colocar fim no sistema de parceria adotado nas fazendas paulistas da época. A realidade dos colonos e dos cativos do local foi retratada por Thomas Davatz em sua obra *Memória de um colono no Brasil* (1972). Na época, foi suspenso o agenciamento de emigrantes da Prússia para São Paulo e, poucos anos depois, Inglaterra e França também adotaram a mesma medida. Outro trabalho interessante sobre o tema é o de Mendes (2017), que buscou fazer uma releitura do contexto econômico da época, além de uma análise espacial da propriedade rural.

Dois anos depois, em 1868, Nabuco de Araujo apresentou ao mesmo Conselho de Estado um projeto para a Lei do Ventre Livre¹² que, em linhas gerais, pretendia promover a emancipação substituindo as relações de trabalho baseadas na escravidão por uma modalidade especial de trabalho livre a partir dos contratos de locação de serviços. Em 1870, um outro projeto foi incorporado ao de Nabuco, elaborado pela Comissão Teixeira Junior, e dizia que os proprietários teriam direito de utilizarem os serviços daqueles nascidos do “ventre livre” até os 21 anos, numa espécie de indenização pela sua criação, que poderia ser substituído por uma indenização do Estado.

Em 28 de setembro de 1871, a Lei do Ventre Livre é promulgada. A partir desse momento, as relações de trabalho no país, sobretudo nas províncias da economia cafeeira, foram diretamente impactadas pelos decretos que a sucederam. Era o início do fim do sistema escravista brasileiro, que seria abolido, pelo menos de modo oficial, com a assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel em 1888.

1.2 O povoamento do oeste paulista, a cafeicultura e as ferrovias

Para a compreensão dos impactos do movimento migratório para São Paulo no século XIX, é necessário fazer uma breve reconstituição histórica do processo de povoamento do estado. Até a década de 1850, a concentração demográfica estava na região leste e a ocupação do oeste se deu de forma gradual a partir do movimento dos *precursores* (Mongeib, 1984), também classificados como integrantes da chamada *frente de expansão* (Martins, 1996).

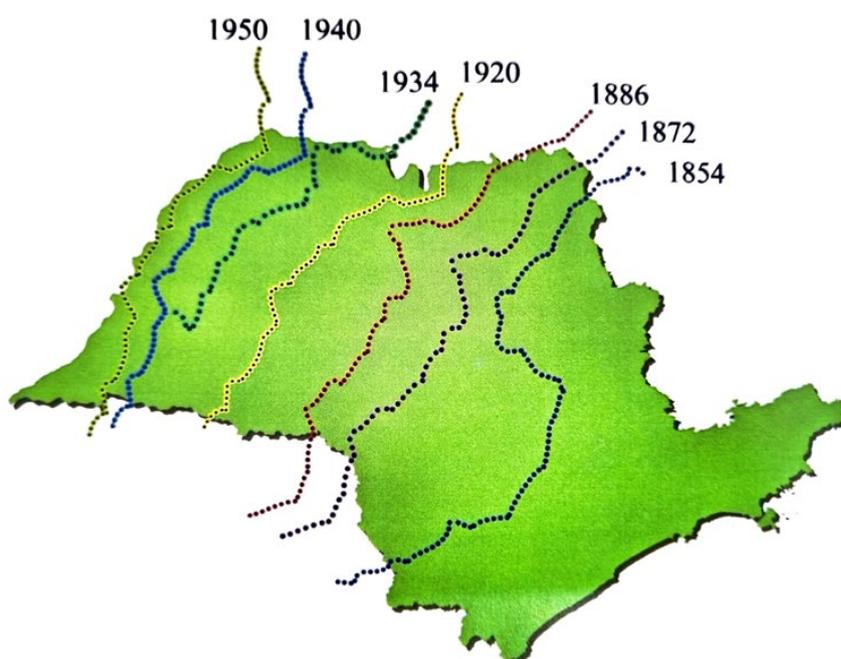
De modo geral, esses indivíduos que iniciaram a ocupação das “terras desconhecidas” eram marginais, forasteiros e escravos fugidos, que buscavam estabelecer posses de terras em regiões distantes do então chamado “mundo civilizado”. Eram oriundos de municípios mais antigos do estado e de algumas regiões de Minas Gerais que estavam em decadência pelo declínio do ciclo do ouro (Truzzi e Volante, 2021).

Mesmo como precursores, dificilmente tinham recursos suficientes para reivindicar a posse das terras na medida em que “estratos sociais mais poderosos passaram a se interessar por terras ainda incultas localizadas mais a oeste do estado”

¹² O texto completo da lei pode ser encontrado no seguinte link:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm. Acesso em 08 de janeiro de 2024.

(Truzzi e Volante, 2021, p. 16), acarretando um deslocamento contínuo para regiões mais afastadas das concentrações demográficas. A partir da Lei de Terras de 1850, do início do declínio do sistema escravista e das possibilidades de aumento da produção cafeeira em uma região pouco explorada, a ocupação do oeste se intensificou, sobretudo pelo investimento de famílias que já tinham posses de terras em regiões próximas a capital e Minas Gerais, como pode ser observado no Mapa 1.

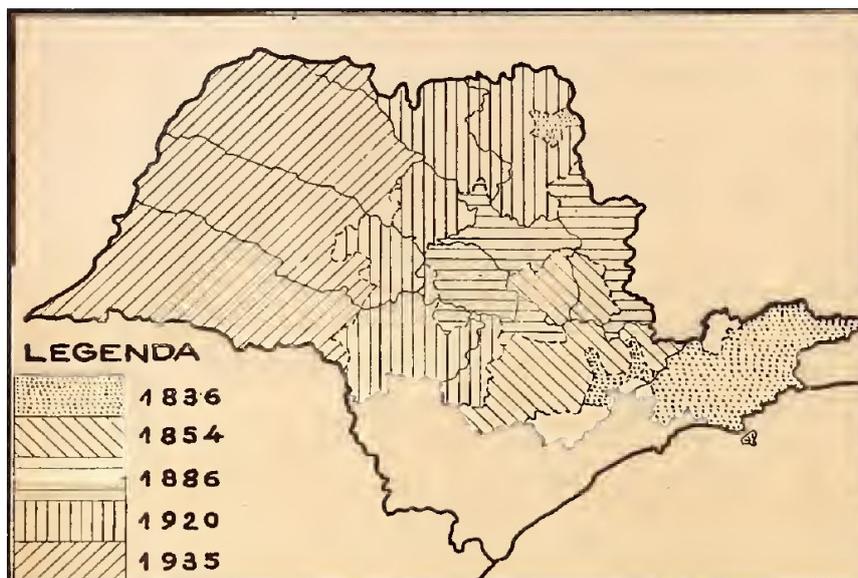
Mapa 1 - Avanços das frentes pioneiras em direção ao oeste de São Paulo



Fonte: Truzzi e Volante, 2021.

A ocupação do território abriu caminho para a proliferação dos cafezais, que havia adentrado a província paulista pela costa fluminense e chegado as cidades de São Sebastião e Ubatuba, no litoral norte de São Paulo, e depois transpôs a Serra do Mar e se instalou em outras partes do Vale do Paraíba (Milliet, 1941). Com o avanço para a região oeste, notou-se a possibilidade de expansão das plantações em uma região até então pouco explorada, com clima e solo favoráveis para o desenvolvimento do *ouro verde*¹³ como pode ser observado no Mapa 2.

¹³ Nome popular empregado ao café pela coloração do fruto e que gerava grandes lucros, semelhante ao que ocorria com a exploração de ouro.

Mapa 2 - Expansão dos cafezais em direção ao oeste de São Paulo

Fonte: Milliet, 1941.

Como consequência do avanço das frentes pioneiras e dos cafezais, a demografia da região foi impactada. A Tabela 1 apresenta os dados populacionais das regiões que foram sendo povoadas, principalmente a partir do início da década de 1880 (Araraquarense e Alta Sorocabana) e década de 1920 (Noroeste).

Tabela 1 - Dados populacionais das regiões do oeste paulista (1836 - 1935)

Zona	Ano				
	1836	1854	1886	1920	1935
Norte	105.679	146.055	338.533	490.660	483.834
Central	102.733	126.429	299.216	769.802	877.077
Mogiana	20.341	51.265	163.831	811.974	845.442
Paulista	2.764	21.889	133.697	537.237	661.920
Araraquarense	-	-	43.358	579.653	890.095
Noroeste	-	-	-	136.454	608.027
Alta Sorocabana	-	-	58.004	326.994	576.812

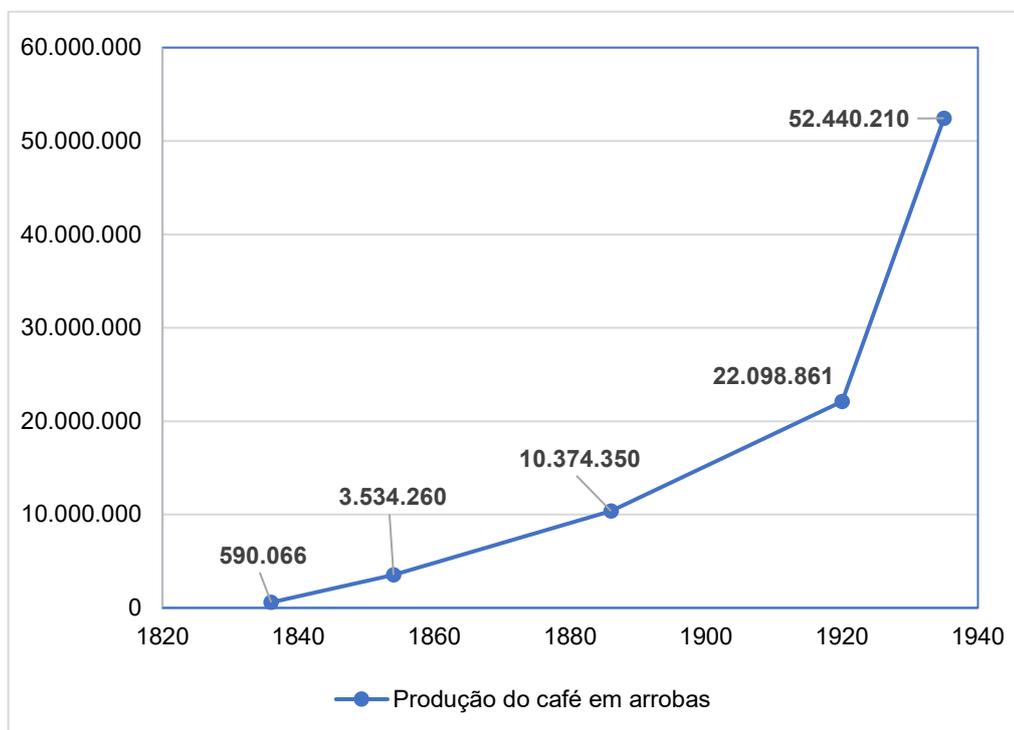
Fonte: adaptado de Milliet, 1941.

Esse aumento demográfico também foi impulsionado pela construção das linhas férreas, que tinham o intuito de facilitar o escoamento da produção para o porto de Santos. Segundo Milliet (1941, p. 22),

[...] atrás do café e por vezes à sua frente penetram as ferrovias. Com elas os colonos estrangeiros e o comércio semi-sedentário. Cidades erguem-se, crescem rápidas, sem tempo suficiente para tomar pé, sem raízes bastante fortes para resistis desde logo às vicissitudes da marcha vertiginosa e fatigante.

Na década de 1860, as frentes pioneiras tinham perpassado mais da metade do território paulista, como pode ser observado no Mapa 1, assim como as plantações de café. Dessa forma, a atitude do governo paulista, visando potencializar a produção cafeeira, ocorreu em 6 de junho de 1860, com o Decreto 2.601, marcando o início da construção da primeira linha férrea de São Paulo, que ligaria a cidade de Santos a Jundiaí, passando pela cidade de São Paulo, inaugurada seis anos depois e com uma extensão total de aproximadamente 140 quilômetros. A construção da ferrovia contou com financiamento inglês e foi chamada de *São Paulo Railway Company* (Matos, 1990).

Já em 1886, outras ferrovias e ramais haviam sido construídas. As que partiam em direção ao oeste do estado eram a Estrada de Ferro Paulista, que se encontrava com a Estrada de Ferro Rio Claro, a Estrada de Ferro Ituana e a Estrada de Ferro Sorocabana (que partia diretamente da capital rumo ao interior). Os trilhos foram aumentando nos anos seguintes, chegando a quase todo território paulista em 1930, como pode ser observado no Mapa 3.

Gráfico 1 - Produção de café em São Paulo (1836 - 1835)

Fonte: adaptado de Milliet, 1940.

Com a expansão da produção, a necessidade de mão de obra também aumentou. Como já destacado anteriormente, a partir da década de 1870, a atração de imigrantes livres já era uma pauta de destaque no Brasil. Com a promulgação das leis em relação ao trabalho escravo no período e uma maior autonomia das províncias em relação a suas políticas migratórias, os esforços das autoridades de São Paulo e dos cafeicultores se voltou para a atração de “imigrantes para o café” (Holloway, 1984).

1.3 Imigrantes para a as lavouras paulistas

Os cafeicultores paulistas, atentos para as discussões referentes à mão de obra do país, se articularam, antes mesmo da Lei do Ventre Livre ser publicada, para traçarem estratégias de captação de imigrantes. Em agosto de 1871, o presidente da província paulista se reuniu com financiadores e fazendeiros para formar a Associação Auxiliadora da Colonização e Imigração, com o objetivo de facilitar a aquisição de

trabalhadores livres (Holloway, 1984). Somado a isso, as leis provinciais de 1871¹⁴ e 1872¹⁵ pretendiam ajudar os fazendeiros que desejassem admitir trabalhadores imigrantes, além de fornecerem apoio financeiro para arcarem com os custos.

Junto ao governo provincial, a Associação construiu a primeira hospedaria para receber imigrantes no bairro do Bom Retiro em 1881, mas como tinha capacidade de atender somente 500 pessoas, logo foi substituído por um outro prédio, que passou a receber os imigrantes em julho de 1887, mesmo sem estar com as obras concluídas. O local escolhido era estratégico, pois ficava próximo a junção das estradas de ferro que adentrava São Paulo, vindas do Rio de Janeiro e de Santos (Holloway, 1984).

Em 1884, a Assembleia Provincial passou a conceder subsídios de até 400 contos de réis para a despesa do transporte de imigrantes que se destinavam as propriedades agrícolas. Essa atitude passou a ser contestada pouco tempo depois pelo próprio presidente da província, João Alfredo, pois a propaganda negativa do Brasil nos países europeus (que acarretou a diminuição da quantidade de imigrantes) e o pagamento fixo para os recrutadores (independente da quantia que conseguiam atrair para o país) passou a gerar prejuízos aos cofres provinciais. Além disso, diversos imigrantes que tinham sua vinda custeada, não permaneciam no território paulista. A partir desse momento, sugeriu-se a criação de uma companhia independente que seria a responsável por todo processo migratório, passando a atuar a partir de 1886 com o nome de Sociedade Promotora da Imigração (Holloway, 1984).

As ações tomadas pela Sociedade, somadas ao incentivo dos cafeicultores paulistas e ao processo final da abolição da escravidão, deram resultados mais satisfatórios do que a política migratória adotada anteriormente. Segundo Holloway (1984), entre 1882 e 1886, desembarcaram nos portos nacionais menos de 6.000 imigrantes anualmente, e após a criação da Sociedade Promotora, a construção da Hospedaria e o subsídio para o transporte, mais de 32.000 imigrantes chegaram ao país em 1887 e quase 92.000 em 1888, praticamente triplicando o montante em apenas um ano.

Uma das medidas tomadas que foi responsável pelo sucesso desse sistema

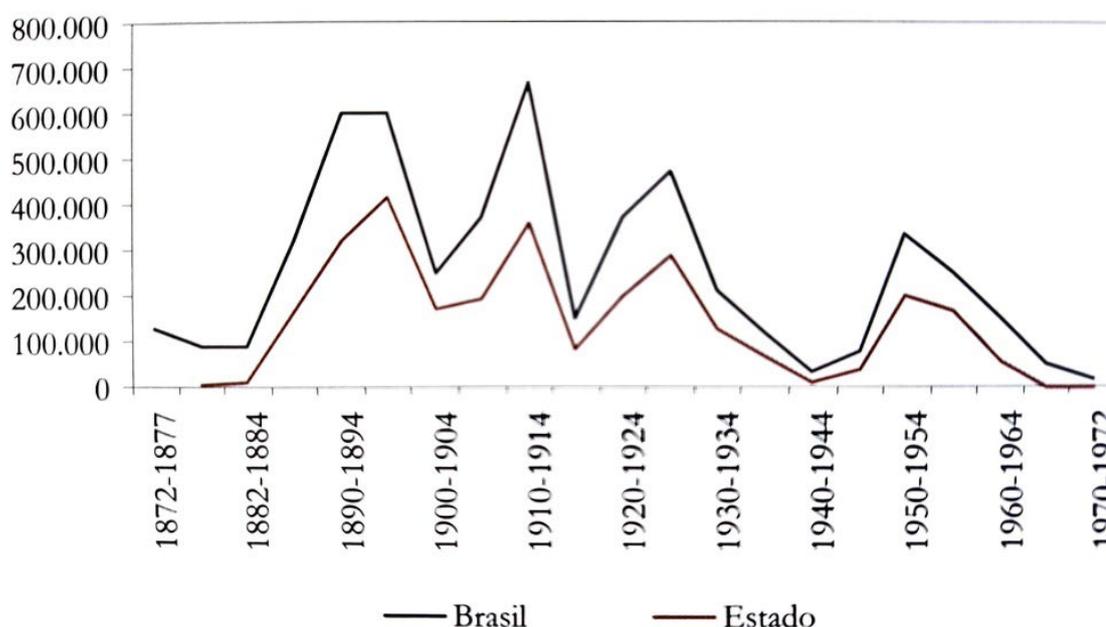
¹⁴ O texto completo da lei pode ser encontrado no seguinte link: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1871/lei-42-30.03.1871.html>. Acesso em 16 de jan. de 2024.

¹⁵ O texto completo da lei pode ser encontrado no seguinte link: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1872/lei-73-26.04.1872.html>. Acesso em 16 de jan. de 2024.

foram as propagandas. A Sociedade Promotora, presidida por Martinho Prado, elaborou o folheto intitulado *A Província de S. Paulo no Brasil*, traduzido para o alemão e italiano. Foi amplamente divulgado entre os povos germânicos, tradicionalmente tido como “imigrantes ideais”, e na Itália, especialmente no norte da península, chegando até as regiões da Suíça e Áustria. Os resultados foram observados em 1887, ano em que a Sociedade teve o seu maior número de entrada de imigrantes até então. Dos 31.275 imigrantes que passaram pelas hospedarias, 16.407 eram italianos, 8.859 portugueses e 2.323 espanhóis. Alemães, austríacos e suíços totalizaram juntos 916 imigrantes (Gonçalves, 2020, p. 111).

Nos anos seguintes, os números de imigrantes com destino a São Paulo continuaram sendo expressivos. O Gráfico 2 apresenta alguns momentos de acentuação nos números, seguidos por abruptas diminuições por diferentes fatores.

Gráfico 2 - Imigrantes entrados no Brasil e no Estado de São Paulo (1872 - 1972)



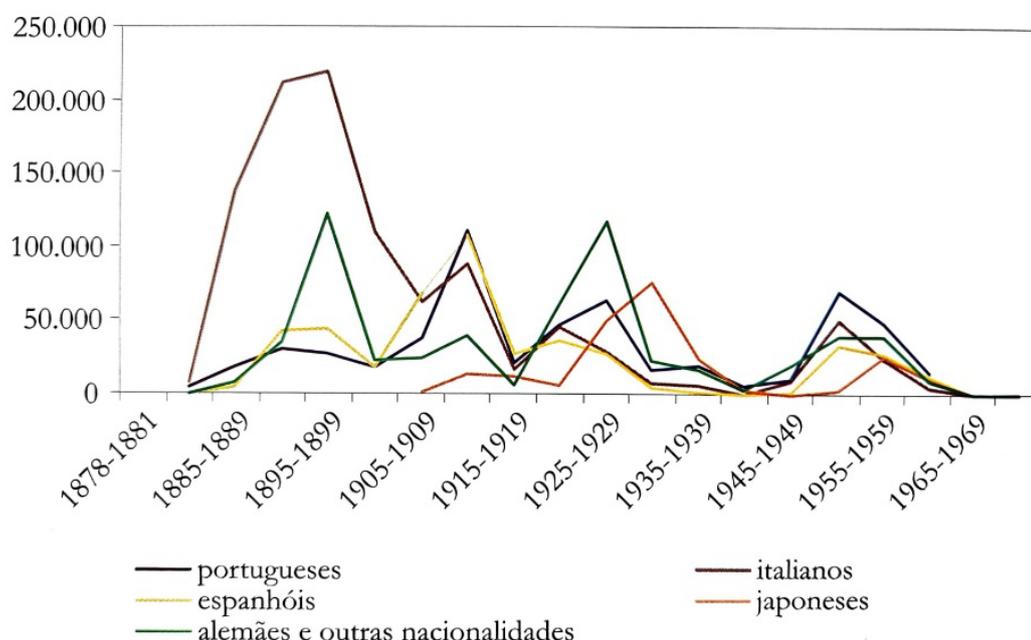
Fonte: Bassanezi *et al*, 2008.

Ao analisar o gráfico, percebe-se que a primeira grande leva de imigrantes se deu a partir da década de 1880, com a transição do trabalho escravo para o livre, a expansão dos cafezais no oeste paulista e a política de subsídios, declinando a partir

de 1902 com as dificuldades impostas pelo governo italiano para a imigração subsidiada e a crise na cafeicultura que ocorreu nos anos finais do século XIX e ainda surtia efeito. A segunda foi a partir da política de valorização do café e o aumento no número de portugueses e espanhóis, além do início da imigração japonesa, tendo seu declínio com o início da Primeira Guerra. A terceira foi pouco tempo depois do início da Primeira Guerra Mundial com a abertura dos portos para a imigração, mesmo que ocorresse de forma oculta em algumas nações, declinando especialmente a partir do fim da política de subsídios do governo paulista a partir de 1927, da campanha de nacionalização do governo brasileiro, além da crise de 1929 que afetou a economia internacional. A quarta se deu após o fim da Segunda Guerra Mundial, com números menos expressivos do que as três anteriores (Bassanezi *et al*, 2008).

No que se refere às nacionalidades desses imigrantes, os dados apresentados por Bassanezi *et al* (2008) nos ajudam a identificar as que foram mais numerosas.

Gráfico 3 - Imigrantes entrados no Estado de São Paulo, segundo a nacionalidade (1872 - 1971)



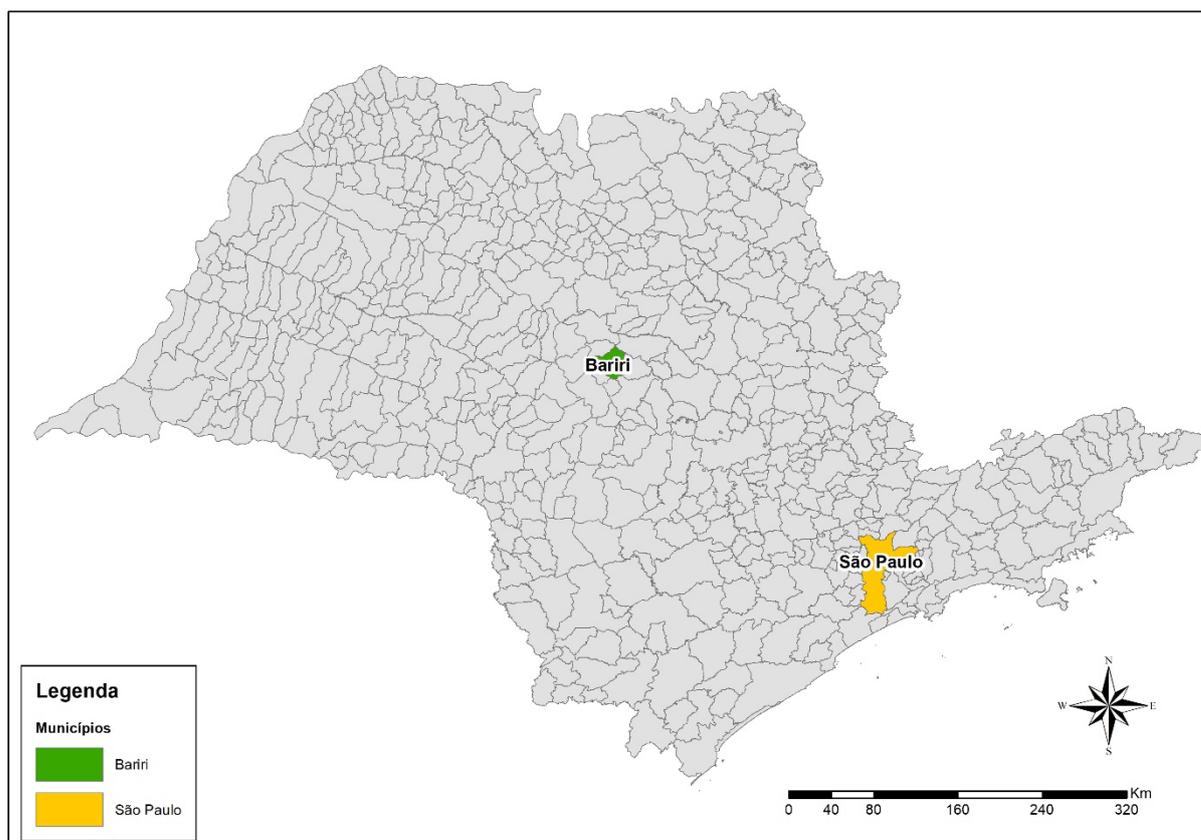
Fonte: Bassanezi *et al*, 2008.

As regiões do estado em que esses grupos foram se estabelecendo variaram de acordo com o momento em que chegaram. Os italianos, por exemplo, chegaram antes da abolição da escravidão e se concentraram, inicialmente, na região central do

estado e depois partiram para o oeste atraídos por áreas onde as terras eram mais baratas e mais produtivas. Já os japoneses, que tiveram seu maior afluxo a partir da década de 1930, concentraram-se quase que em sua totalidade no extremo oeste paulista, visto que as outras regiões já estavam “dominadas” por outros grupos (Truzzi e Volante, 2021).

Entre os classificados como “outras nacionalidades” no Gráfico 4, merecem destaque os sírios e libaneses. Esses imigrantes passaram a desembarcar no Brasil a partir da década de 1870, mas não usufruíram da imigração subsidiada. Tiveram uma concentração especial nas áreas urbanas, principalmente na cidade de São Paulo, com uma trajetória profissional marcada inicialmente pela mascateação e, ao passo que foram acumulando capital, destinaram seus esforços para a criação de armazéns com a oferta de bens não-duráveis, como roupas, tecidos e armarinhos (Truzzi, 2009).

Após o estabelecimento na capital paulista, começaram a adentrar o oeste do estado e se concentraram em diferentes zonas, aproveitando as oportunidades de negócios geradas pela economia cafeeira que se encontrava em intensa expansão. Uma das cidades do oeste que recebeu esses imigrantes foi Bariri, localizada a pouco mais de 300 quilômetros capital, destacada no Mapa 4.

Mapa 4 - Localização de Bariri no estado de São Paulo

Fonte: elaborado pelo autor.

Em números gerais, a colônia árabe¹⁶ baririense não foi tão representativa quanto à outras espalhadas pelo oeste do estado, contando com 162 patrícios¹⁷ registrados no local no Recenseamento de 1920. Mesmo com números modestos, a colônia alcançou um relativo destaque social, tendo uma participação significativa no comércio e em associações locais, que possibilitou a construção de um empreendimento religioso único na região, a Igreja Ortodoxa Antioquina de São Jorge em 1928. A rápida ascensão social permitiu que membros da segunda e terceira geração pudessem pleitear cargos políticos na esfera local, estadual e federal.

¹⁶ Utilizamos o termo colônia árabe para fazer referência aos sírios e libaneses que se estabeleceram no município, e que tinham a língua árabe como uma das características de conexão entre as duas nacionalidades.

¹⁷ Termo empregado pelos sírios e libaneses para fazer referência aos seus conterrâneos (Truzzi, 2009).

Capítulo 2 – Sírios e libaneses no Brasil e no oeste paulista

2.1 A origem: causas e motivações do processo migratório

Os limites geográficos da atual Síria e Líbano foram delimitados depois da grande onda migratória. Até o final da Primeira Guerra Mundial, era comum que os imigrantes se referissem a sua origem a partir da região que habitavam, como a chamada Grande Síria e o Monte Líbano, que passaram por diversos embates internos e externos até se tornarem países independentes a partir da década de 1940¹⁸.

De modo geral, a economia das duas regiões compartilhava características semelhantes. Por conta geografia local, era difícil o desenvolvimento de uma rede de transporte eficaz, quase que impossibilitando uma integração territorial, fazendo com que a maioria das comunidades tivessem que produzir os recursos necessários para a autossuficiência. As principais atividades econômicas desenvolvidas eram a sericultura, num formato de indústria doméstica até 1860, e o cultivo de uva para a fabricação de vinho, também desenvolvido pela agricultura familiar (Fahrenthold, 2019).

A partir da melhoria dos transportes marítimos e terrestres a partir de 1860, a região começou a receber diversos tipos de bens manufaturados de origem europeia. Somado a isso, também se iniciou um processo de industrialização, sobretudo no ramo da sericultura, com investimentos estrangeiros de origem francesa. A consequência foi o início de um processo migratório interno, com o deslocamento de pessoas das aldeias para os centros urbanos com o objetivo de atender e demanda de mão de obra nas indústrias, além de uma transição no estilo de agricultura, praticamente eliminando a subsistência, forçando-a a tomar características comerciais para atender as necessidades de consumo das cidades em concorrência com os produtos internacionais (Fahrenthold, 2019).

Essa transição no modo de produção agrícola não atingiu os objetivos esperados, pois esbarrou em dois fatores relevantes: as características geográficas da região e os índices demográficos das aldeias. No que se refere a geografia, a

¹⁸ A história da região, incluindo suas características culturais e políticas, já foram analisadas anteriormente em outros estudos, especialmente o de Hourani (2006), de modo que não é necessário retomá-la no presente trabalho. Para uma análise histórica mais precisa sobre a formação da Síria moderna, ver Hitti (1959). Sobre o Líbano, consultar Hitti (1965).

região com diversos desertos e terras montanhosas com escassez de água, fazia com que boa parte da terra não fosse fértil para a agricultura. Em relação a população, as aldeias estavam chegando ao limite, visto que a maior parte dos núcleos familiares eram compostos por três gerações, e com a produção restrita a pequenas propriedades, o acesso aos meios de subsistência também passou a se apresentar como um desafio (Truzzi, 2009).

Em 1869, com a abertura do Canal de Suez, o mercado da sericultura, um dos responsáveis pelo processo de industrialização e migração para os centros urbanos, foi diretamente afetado pela concorrência com a produção japonesa. Anos depois, a partir de 1890, doenças atacaram as plantações de uva, aumentando as dificuldades econômicas da população (Knowlton, 1961).

Somado as questões econômicas, fatores políticos e religiosos também contribuíram para um cenário que culminaria no início do processo migratório internacional nos anos seguintes. As autoridades turcas, buscando extrair uma carga de impostos cada vez maior, ao longo do século XIX, fomentou “discórdias profundas entre os drusos e os cristãos, no atual território do Líbano, e entre muçulmanos e cristãos, no restante da região conhecida como Grande Síria” (Truzzi, 2009, p. 29). Cabe ressaltar que as divergências religiosas foram importantes para o processo migratório, mas não necessariamente foi o fator decisivo, visto que “o massacre de cristãos pelos drusos, por exemplo, ocorreu no início dos 1860, ao passo que o movimento migratório tomou fôlego a partir da década de 1880” (Truzzi, 2009, p. 30)

Com esse cenário, a migração para outros países começou a se apresentar como uma oportunidade de superar os desafios socioeconômicos da região. Segundo Knowlton (1961), o movimento migratório começou por volta de 1870, restringindo-se a apenas alguns povoados, e na década seguinte a maioria das aldeias foi atingida, tendo assumido proporções de “dilúvio” a partir de 1890. Os sírios e libaneses passaram a ter duas rotas de emigração, sendo a primeira para o Egito, o Sudão e as colônias francesas na África Oriental e Central, e a segunda para as Américas e depois Austrália, Nova Zelândia e as ilhas do Pacífico.

A decisão de emigrar não era tomada de modo individual, mas no âmbito da família, coordenada pelo chefe, para melhorar ou manter as condições da família na origem. Na maioria das vezes, imigrava o membro mais velho com o objetivo de acumular capital e enviar remessas para os familiares, tendo como objetivo a ampliação das propriedades rurais para que fosse possível a retirada de uma renda

suficiente para o sustento de todos, pois o que “estava em jogo” era o prestígio da família na sociedade local (Truzzi, 2009)

Inicialmente, o plano desses imigrantes tinha como fim o retorno para junto de seus familiares. Mas ao que passo que os pioneiros foram alcançando um certo nível de sucesso econômico, evidenciado pelas remessas enviadas para seus conterrâneos e pelo retorno abonado as aldeias, “uma verdadeira febre se desencadeou nas aldeias” (Truzzi, 2009, p. 35). Os primeiros imigrantes sírios e libaneses que emigraram para a América o fizeram na década de 1870, tendo como principais destinos o Brasil, Estados Unidos, Argentina e, secundariamente, México e Canadá (Fahrenthold, 2019)

2.2 A vinda para o Brasil e a concentração na capital paulista

Para migrarem à América, sírios e libaneses percorriam um itinerário extenso, desde o deslocamento das aldeias até os portos para embarcarem nos vapores. Antes de chegarem nos destinos, passavam dias, semanas, meses ou até mesmo anos em cidades como Beirute, Alexandria, Cairo, Marselha ou Barcelona. Essas cidades de trânsito contavam com uma indústria secundária de agências de migração que facilitavam os requisitos burocráticos, além de conceder créditos e auxiliar o imigrante recém-chegado a encontrar trabalho (Fahrenthold, 2019).

No Brasil, começaram a chegar na década de 1870, mas todas as estatísticas a respeito são imprecisas, visto que foram registrados como turcos, turco-árabes, turco-asiáticos, sírios ou libaneses no momento que desembarcavam no território nacional. Essa diversidade de registros pode ser explicada por dois fatores. O primeiro é em relação ao documento traziam consigo, pois até o início da Primeira Guerra Mundial, os sírios carregavam um passaporte chamado de *mürûr tezkeresi*, que lhes dava o direito de viajar somente dentro dos domínios imperiais, mas que logo passou a ser utilizado para migrarem pelo Atlântico. Em relação aos que solicitavam um passaporte internacional, o faziam juntos das autoridades turcas, também sendo registrados como oriundos do império (Fahrenthold, 2019).

O segundo é em relação à agregação com outras nacionalidades nos registros oficiais no Brasil, pois até 1908 os imigrantes sírios e libaneses eram registrados na categoria “outras nacionalidades” (Truzzi, 2009). Portanto, os dados mais precisos em relação a esses imigrantes só estão disponíveis a partir de 1909. Knowlton (1961)

apontou que entre 1908 e 1941, 48.236 turco-árabes haviam desembarcado nos portos nacionais, sendo equivalente a 4% do total de imigrantes neste período. Os estados que receberam os maiores contingentes desses imigrantes foram São Paulo, com a maior colônia, Minas Gerais e Rio de Janeiro

No estado de São Paulo, a capital paulista foi o local de maior concentração desses imigrantes e, diferentemente da origem, sírios e libaneses que se estabeleceram na capital partiram para o ramo comercial. Os principais fatores que levaram os patrícios para o comércio era o sistema de grandes lavouras presentes no território paulista, em contraste com a agricultura familiar da origem, que somada a falta de recursos para financeiros para adquirir terras, além dos relatos negativos dos pioneiros que haviam se inseridos como colonos e rapidamente partiram para as cidades mais próximas devido ao tratamento recebido nas fazendas, fizeram com que o grupo direcionasse seus esforços para a atividade comercial (Truzzi, 2009; Knowlton, 1961).

Somado a essas circunstâncias, cabe destacar que uma parcela relativamente grande dos que migraram vieram solteiros ou deixaram suas esposas na origem, pois o objetivo principal era acumular uma certa quantia de capital e depois retornar. Neste cenário, a mascateação se apresentava como uma possibilidade de trabalharem para si próprios, “escapando das agruras da condição de colonos ou operários” (Truzzi, 2009, p. 52). Outro aspecto, de menor impacto, mas que também merece ser ressaltado, é a possibilidade de algumas famílias terem contato com o comércio na origem, pois a região do território sírio abrigava uma rota quase que obrigatória de comércio entre países ocidentais e orientais (Truzzi, 2009).

Na cidade de São Paulo, concentraram-se na região da rua 25 de Março, por ser um local próximo da estação ferroviária de Santos-Jundiaí, por onde os sírios e libaneses chegavam na cidade, e de um mercado com bancas ocupadas por comerciantes e mascates. Cabe ressaltar que a mascateação foi uma prática adotada por diferentes nacionalidades, sendo os primeiros alemães e portugueses, seguidos dos italianos e depois sírios e libaneses. Segundo Knowlton (1961, p. 114), a expansão do contingente dos patrícios se deve ao fato de que

À medida que chegavam navios em Santos, transportando imigrantes, os sírios e libaneses de São Paulo iam receber os seus amigos e compatriotas. Transportavam-nos para a rua 25 de Março em São Paulo, e lá lhes ensinavam termos portugueses indispensáveis e truques do comércio do mascate. Forneciam-lhes mercadorias a créditos e depois mandavam-nos

para o interior ou para os subúrbios da cidade para mascatear.

Isso fez com que a partir da década de 1890, mais de 90% dos mascates de São Paulo fossem sírios e libaneses (Knowlton, 1961), o que pode ter favorecido a busca por novas regiões para estabelecerem redes de comércio.

Como mencionado anteriormente, a ideia inicial era acumular capital, enviar remessas para seus familiares e depois retornar para origem afim de desfrutar de uma vida com condições financeiras mais favoráveis. No decorrer dos anos, os patrícios começaram a “importar” seus conterrâneos na medida em que seus negócios foram se tornando bem-sucedidos. Após a chegada, eram incentivados pelos pioneiros a partirem para o interior, especialmente no oeste paulista, evidenciado pelos dados posteriores com o Recenseamento Geral de 1920, ano em que o estado contava com 19.290 “turco-asiáticos” registrados, sendo 5.988 estabelecidos na capital e 13.302 no interior paulista.

2.3 Caminhos do interior

O deslocamento para o interior ocorreu graças as oportunidades comerciais que se apresentavam em uma região em constante evolução econômica, pautada pela expansão dos cafezais e do desenvolvimento das linhas férreas pela região¹⁹. A trajetória típica inicial envolveu a mascateação, e como os preços oferecidos pelos patrícios eram mais atrativos do que os das vendas das fazendas, os colonos preferiam negociar com eles, diminuindo a dependência em relação aos fazendeiros (Truzzi, 2009).

Ao passo que foram estabelecendo uma rede de clientes fiéis, direcionaram seus esforços para a criação de lojas (nos termos da época, venda, armazém ou bazar) em pontos comerciais estratégicos: no meio rural, em encruzilhadas e entroncamentos viários; no meio urbano, junto a locais movimentados, como praças centrais, igrejas e estações ferroviárias. Segundo Truzzi (2019, p. 4),

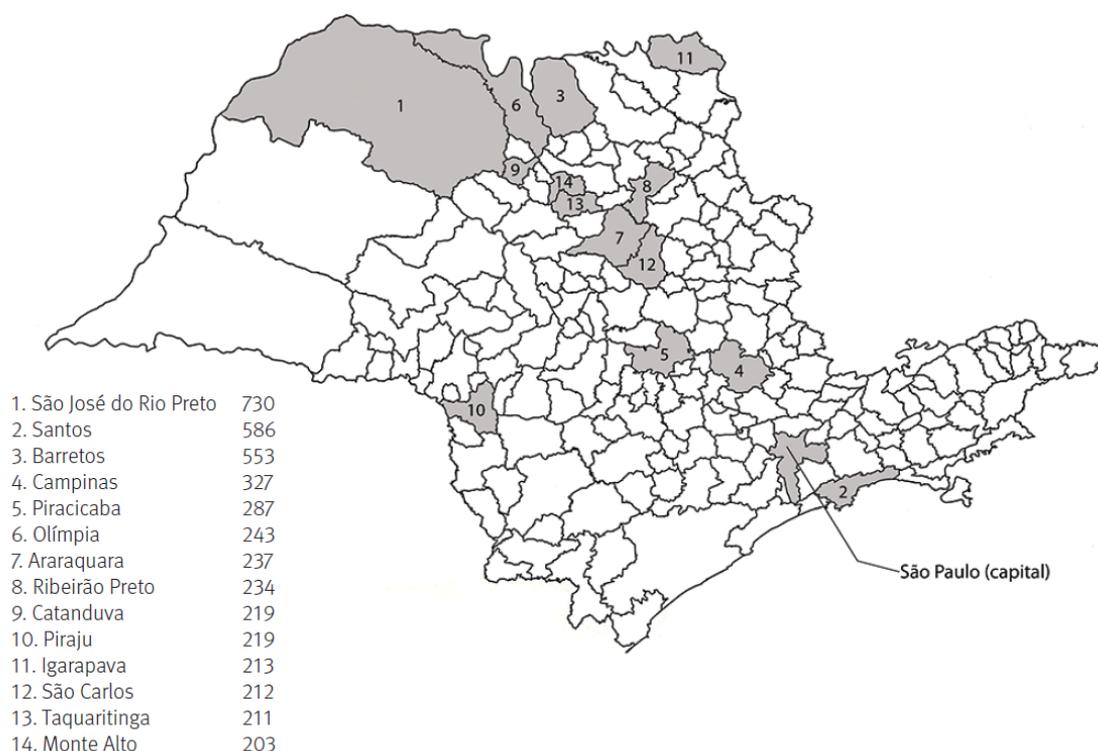
[...] nos quadros de uma economia cafeeira em permanente expansão, tanto econômica quanto geográfica (dada a marcha para o oeste, característica da expansão da fronteira de cultivo do café), não foi difícil ao grupo se acomodar em um nicho econômico específico, de comercialização de bens de consumo

¹⁹ Ver Mapa 3.

não duráveis, especialmente roupas, tecidos e armarinhos.

Em poucos anos, os patrícios se espalharam pelo estado, de modo que em 1920, no extremo noroeste paulista, algumas cidades da região de São José do Rio Preto, contavam mais de 2.057 sírios e libaneses. No centro-norte do estado, as cidades próximas a Araraquara tinham 1.938 imigrantes, enquanto nas proximidades de Campinas, região também chamada de “quadrilátero do açúcar”, perfaziam 960 indivíduos. Outras regiões também abarcavam um contingente menos expressivo de sírios e libaneses, como no extremo nordeste próximo a Franca e extremo centro-leste próximo a Piraju (Truzzi, 2019, p. 9).

Mapa 5 - Núcleos de concentração de sírios e libaneses, em municípios com mais de 200 habitantes



Fonte: Truzzi, 2019.

Como já destacado por Truzzi (2009), a região de Araraquara²⁰ foi uma das

²⁰ Cidade de número 7 no Mapa 5.

mais beneficiadas pela marcha do café pelo oeste paulista, sobretudo pelas oportunidades geradas pela Estrada de Ferro Araraquarense, o que consequentemente atraiu sírios e libaneses para o local. Dentre as outras cidades menores próximas a Araraquara que abrigaram colônias de patrícios, destaca-se Bariri, localizada na chamada de “porta de entrada” para o oeste paulista.

Segundo o Recenseamento de 1920, neste ano Bariri contava com 162 sírios e libaneses registrados no local, número menos expressivo em comparação a outras cidades, mas que abrigou uma colônia que alcançou relativo destaque social pelas atividades ligadas ao comércio, ao associativismo e a religião. Para compreender a história da colônia local, primeiro se faz necessário entender o processo de povoação da região, a formação da cidade de Bariri, a economia cafeeira e a chegada dos patrícios, que será tratado no próximo capítulo.

Capítulo 3 - A região de Bariri e a formação do município

3.1 A “porta de entrada” do oeste paulista

Para classificar geograficamente a região aqui chamada de oeste paulista, tomemos como base a definição elaborada por Truzzi (2019).

[...] porção do território paulista acima do Trópico de Capricórnio, o que exclui a capital e regiões litorâneas, bem como municípios do Vale do Paraíba pelos quais a cultura do café, tocada a braço escravo e originária de terras fluminenses, penetrou pioneiramente na primeira metade do século XIX (Truzzi, 2019, p. 2).

A ocupação dessa parcela da então província de São Paulo ocorreu de modo gradual pelas frentes pioneiras²¹, tanto pelas que partiram de áreas próximas à capital, quanto aquelas que penetraram os sertões do oeste pela região norte, sobretudo oriundos de Minas Gerais.

A região do atual município de Bariri foi povoada, inicialmente, pelas terras de Jaú a partir da década de 1830. Os pioneiros que chegaram às terras jauenses eram oriundos de municípios paulistas, como Porto Feliz, Itu, Tietê e Piracicaba, e mineiros, principalmente das cidades de Pouso Alegre, Campanha, Alfena, Baependi, Guaxupé e Caldas. Os paulistas, em geral, usaram o rio Tietê como via de penetração até a região e os mineiros fizeram um longo percurso, “por picadas que cortavam cerrados e florestas da Mata Atlântica” (Oliveira, 2012).

Poucos anos depois, se deslocaram para as futuras terras baririenses devido a sua proximidade com Jaú. O historiador Nelson Silveira Martins, em sua obra *Bariri: um pedaço de céu destacado do arco-íris* (1940), ao fazer um levantamento histórico em cartórios da região, focando nas cidades de Araraquara, Descalvado, Rio Claro e Jaú, encontrou informações de que o primeiro habitante da região onde hoje se encontra Bariri foi José Antonio de Lima, natural de Minas Gerais. Segundo o autor, José se estabeleceu na região em 1833 e nos anos seguintes vieram seus irmãos, cunhados, mulheres e filhos, além de Antonio José de Lima (irmão de José) com quase uma dezena de escravos (Martins, 1940, p. 82).

Aos poucos, esses povoadores pioneiros foram chamando seus conterrâneos

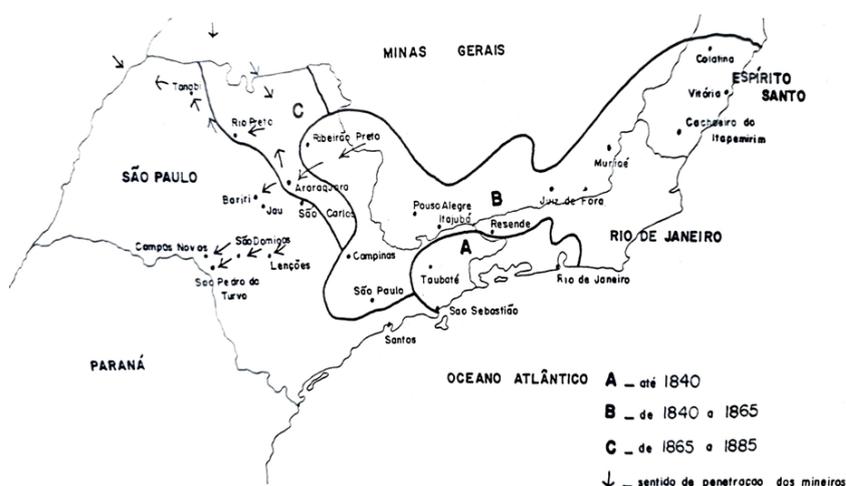
²¹ Ver Capítulo 2.

para se estabelecerem na região então chamada de “Campos de Araraquara”. Segundo Zanotti (1988):

Com o passar do tempo, mais e mais moradores foram se acrescentando aos já estabelecidos, muito provavelmente sendo chamados pelos próprios parentes que ali residiam. Geralmente ocorria que um pequeno grupo de mineiros se assenhorava de uma grande extensão de terras e depois voltavam a casa para reunir parentes e amigos que se interessassem em explorar seus domínios. Tornaram-se grandes proprietários de terras da noite para o dia, porém, continuaram pobres visto que as terras ainda não eram valorizadas (Zanotti, 1988, p. 25 e 26).

Esses moradores, oriundos do sul do estado de Minas Gerais, buscavam outros locais para o desenvolvimento econômico visto a decadência das minas nos anos anteriores, e adentravam o estado de São Paulo pela região de Ribeirão Preto até chegarem a Araraquara, o centro urbano mais próximo da região. É provável que tenha se formado um núcleo no local para servir como ponto de descanso e apoio para esses mineiros que migraram para as regiões onde hoje se encontram o município de Jaú, Bariri e Ibitinga, além de outros mais próximos com a divisa do atual estado do Paraná, como São Pedro do Turvo e Campos Novos²², podendo ser observado no Mapa 6.

Mapa 6 - Rota de deslocamento dos mineiros no século XIX



Fonte: Zanotti, 1988.

²² Hoje o município tem o nome de Campos Novos Paulista.

Retomando a história do pioneiro, José Antonio de Lima faleceu em 1846 e deixou suas terras para a esposa, Tereza Maria de Jesus, e duas filhas, ambas nascidas no atual território bariense, Gertrudes (1833) e Maria (1835). Gertrudes casou-se em 1848 com João Pires de Camargo e ambos venderam uma parte da herança para Manoel Francisco de Ávila, que residia no local desde 1844, e que passou a construir casas, abrir lavouras e vender lotes. Outra parcela da herança ficou para Joaquim da Costa Sarico, com quem José possuía dívidas e foi usada como pagamento, e o restante com Tereza Maria de Jesus, a viúva de Lima, que futuramente iria negociar as terras com João Leme da Rosa em 1857 (Martins, 1940).

Essa transação, no entanto, não se apresenta de uma forma clara, porque as terras vendidas por Thereza Maria pertenciam a Joaquim da Costa Sarico, o qual as recebera como pagamento de dívidas por ocasião do inventário de José Antônio de Lima. Percebe-se, contudo, que Sarico não tomou a posse efetiva de suas terras e elas foram sendo ocupadas por outros. João Leme, após ter concluído o negócio com Thereza Maria, mudou-se para o Bairro do Tietê (Mazoti, 1990, p. 45).

No ano seguinte à chegada após a compra das terras, João Leme fez uma doação de 30 alqueireis dessas terras que haviam sido negociadas com Thereza Maria para constituir o patrimônio da igreja que deveria ser construída em honra a Nossa Senhora das Dores, e que se chamaria Nossa Senhora das Dores do Sapé. O restante das terras que havia comprado foi loteado e vendido rapidamente, obtendo, segundo Mazoti (1990), “lucros na proporção de cinquenta vezes mais do que havia pago”. Em 1864 a igreja começou a ser construída, assim como diversas casas ao redor do templo religioso, e aos poucos o local foi assumindo características de vila.

Em 1862 chega à vila Luiz Pereira Barbosa, que iria se tornar chefe do Partido Liberal do Sapé, e Antonio José de Carvalho, popularmente conhecido como Antonio Mineiro, que assumiria o cargo de chefe do Partido Conservador do Sapé. Antonio teria um papel fundamental na emancipação política do local, já que em 1877 fez uma representação junto aos moradores do Sapé que foi enviada à Assembleia Provincial pela Câmara Municipal de Jaú, solicitando que a vila tivesse sua própria Paróquia, que acarretaria a independência política em relação a Jaú, maior cidade da região.

Em 30 de maio de 1877, pela lei n. 30, a Assembleia Provincial acatou ao pedido e elevou a Capela Nossa Senhora das Dores do Sepé a categoria de vila (Martins, 1940). Cinco anos depois, através do ato assinado pelo Governo Provincial no dia 6 de setembro de 1882, a freguesia passou a ter um Distrito de Paz, que na

prática significa que obtivera sua própria jurisdição (Mazoti, 1990).

No mesmo ano, fixou residência em Bariri Joaquim Lourenço Corrêa, nascido em Brotas, que havia estudado em São Paulo e criado laços de amizade com Prudente de Moraes, e passou a lutar pela causa republicana na freguesia. Quando a República foi proclamada, a notícia chegou em Jaú no dia 16 de novembro e em Bariri no dia 17. A partir desse momento, a política do Sapé passou a ser comandada por Joaquim, que tinha como meta a criação do município. Em 12 de maio de 1890, enviou um ofício à Intendência Municipal de Jaú, solicitando que a freguesia fosse elevada a condição de vila e foi atendido. Em 16 de junho do mesmo ano, Prudente de Moraes assina o decreto nº 60 e eleva a freguesia do Sapé do Jahu (nome oficial na província) à condição de vila, passando a se chamar Vila de Bariri²³ (Martins, 1940).

Como vila, foi elevada a termo (vila que não tinha autonomia política por conta da quantidade de habitantes) reunido ao de Jaú, em 11 de fevereiro de 1892. Pouco tempo depois, em 25 de agosto do mesmo ano, a lei nº 80 extinguiu os termos do estado, elevando-os a categoria de comarcas. Desta forma, em 15 de outubro de 1892 foi instalada a Comarca de Bariri, completando a autonomia política do município, tanto no campo jurídico quanto administrativo (Mazoti, 1990, p. 48).

3.2 A economia local e a chegada dos imigrantes

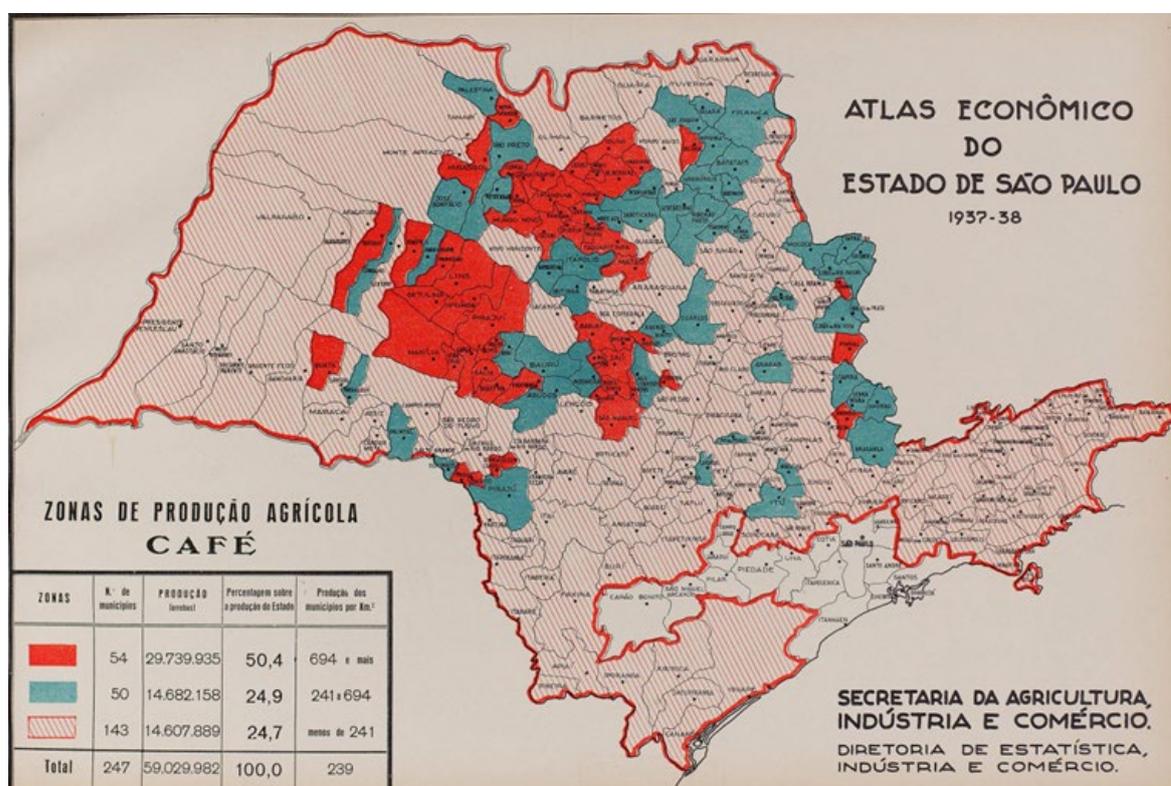
O principal vetor econômico de Bariri foi a cafeicultura, que desde antes da emancipação política, já se fazia presente em suas terras. O movimento de chegada do café até a região foi por Jaú, a partir de 1836 e, segundo Mazoti (1990), chegou em Bariri (que ainda era chamado de Sapé) na década de 1880. Os números iniciais em relação à produção aparecem a partir de 1899, ano em que a produção durante a safra foi de 130 mil arrobas, aumentando rapidamente nos anos seguintes, chegando a 350 mil arrobas em 1901, praticamente triplicando a produção em três anos (Zanotti, 1988). Esse rápido aumento na plantação pode ser justificado a partir da observação de Alfredo Ellis Junior (1934, p. 292), que ao fazer referência a região de Jaú, destacou que “nessa região, o solo toma uma composição de natureza química especial, o que

²³ A palavra Bariri tem origem no idioma tupi-guarani, escrito como “mboê-riri”, que em uma tradução literal, significa “o que corre e se agita”. A principal teoria a respeito do nome da cidade é de que na região existia uma forte correnteza de água que culminava em uma cachoeira com muitas pedras (local que atualmente está instalada a Usina Hidrelétrica Álvaro de Souza Lima). Portanto, o termo “mboê-riri” seria para fazer referência à água, que corria e fazia barulho.

possibilita a cultura cafeeira, que sendo a mais remuneradora, foi naturalmente a preferida”.

Mesmo não estando entre as principais cidades do estado, Bariri foi uma grande produtora de café nas décadas seguintes, chegando a figurar entre as 54 cidades que produziam mais de 50% de todo café cultivado no estado de São Paulo, como podemos observar no Mapa 7.

Mapa 7 - Zonas de produção agrícola de café no estado de São Paulo (1937-1938)



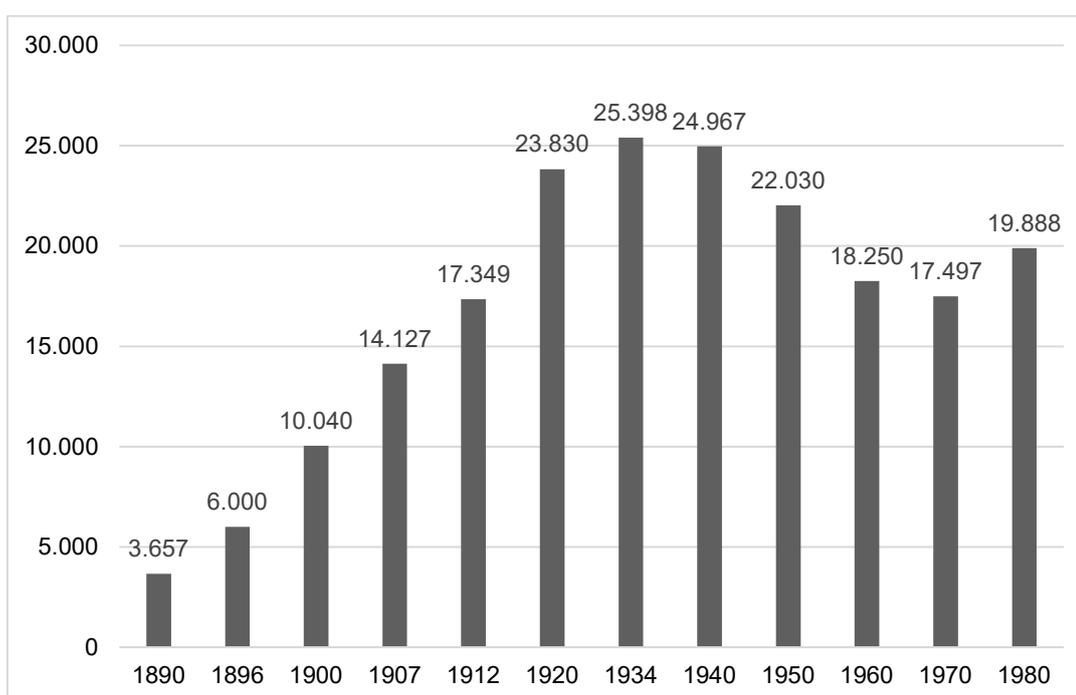
Fonte: Atlas Econômico do Estado de São Paulo (1937-1938).

Nas décadas seguintes, o café continuou sendo o principal produto da economia local, mesmo durante o período de recessão internacional com a crise de 1929, que abordaremos no próximo capítulo, perdendo sua hegemonia a partir da década de 1950 com o início do processo de industrialização local.

No que se refere à população local, é possível observar que os números aumentaram de modo gradual ao passo que os cafezais se expandiam. Em 1890, Bariri contava com pouco mais de 3500 habitantes, chegando a 6000 em 1896 e a

mais de 10000 em 1900. Nos anos seguintes, os números continuaram subindo, com destaque para um salto maior entre 1912 e 1920, justificado pela inauguração da estação ferroviária local em 1910, tendo uma pequena recessão a partir de 1934. A diminuição observada a partir de 1950 ocorreu pela emancipação política de Buenópolis, atual município de Itaju, em 1955, não constando mais nos dados populacionais de Bariri depois de então, e nas duas décadas seguintes pelo fechamento da estação ferroviária local em 1966.

Gráfico 4 - Número de habitantes de Bariri (1890 - 1980)



Fonte: adaptado de Zanotti, 1988.

Outro fator que merece ser analisado em relação aos dados populacionais foi apontado por Zanotti (1988). O autor destacou que após o período de recessão gerado pela crise de 1929²⁴, Bariri vivenciou um processo de êxodo rural decorrente de dois fatores, sendo o primeiro a diminuição nos preços do café – principal produto agrícola do local – e dos planos de industrialização do país implementados por Getúlio Vargas nos anos seguintes²⁵.

²⁴ Uma discussão mais profunda acerca desse período encontra-se no Capítulo 4.

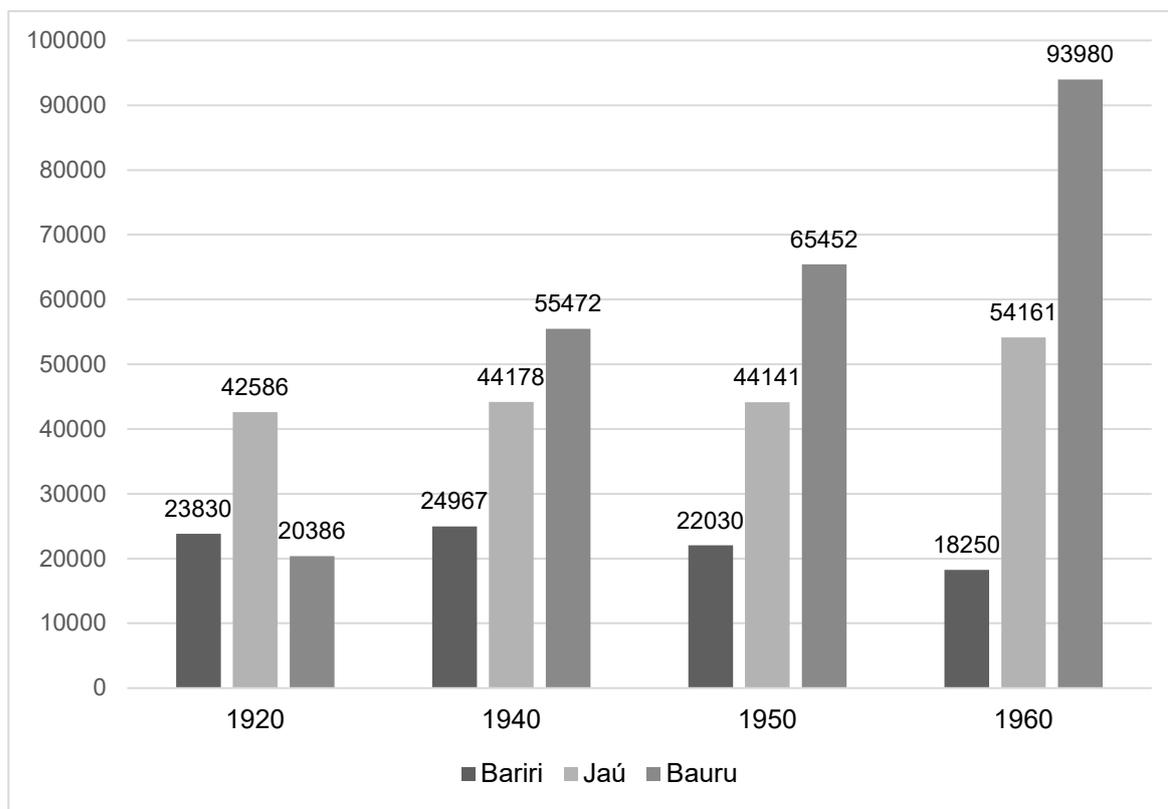
²⁵ Em Bariri, o processo de industrialização ocorreu de modo tardio e não deu conta de manter os níveis

O caminho escolhido por algumas parcelas da população foi o deslocamento para cidades maiores da região, especialmente Jaú e Bauru. A escolha pela primeira cidade era pela relativa proximidade geográfica e relações comerciais e familiares estabelecidas entre os dois locais desde o surgimento do povoado que deu origem a Bariri. A segunda, mesmo sendo pouco mais distante, passou a se desenvolver rapidamente no final da década de 1930, principalmente após a modernização da estação ferroviária local da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (Pallotta, 2014), tornando-se também um destino atrativo para outras cidades menores da região.

O Gráfico 5 apresenta um quadro comparativo dos números populacionais dessas três localidades. É possível identificar que a população bariense diminuiu ao longo das décadas de 1940 e 1950, enquanto a de Jaú se manteve estável até 1950, tendo um aumento significativo em 1960 graças ao processo de industrialização local, e a de Bauru manteve um aumento constante, especialmente a partir de 1940, atingindo números próximos à soma das duas outras cidades já em 1950 e bem superiores em 1960.

da antiga economia agrícola. Apenas uma indústria alcançou um relativo sucesso econômico no período e que pertencia a uma família de patrícios, abordada de forma detalhada no Capítulo 8.

Gráfico 5 - Dados populacionais de Bariri, Jaú e Bauru



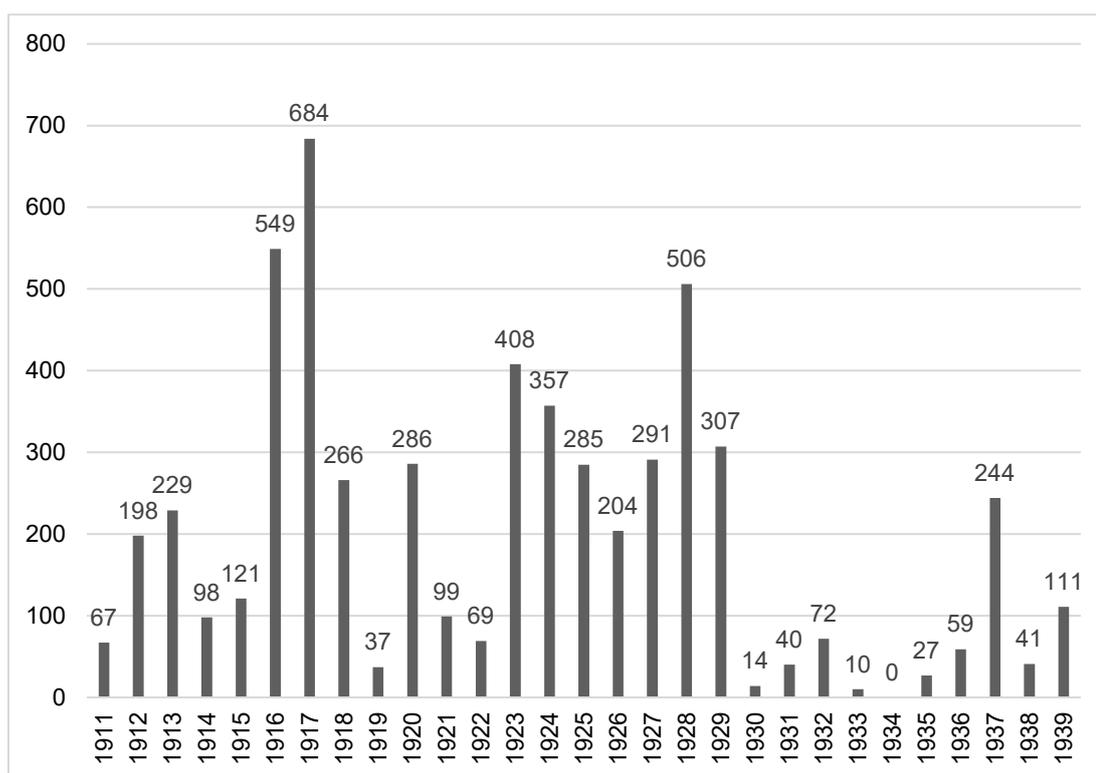
Fonte: adaptado dos Recenseamentos de 1920, 1940, 1950 e 1960.

No que se refere à chegada dos imigrantes, os números são um tanto imprecisos. Assim como dito por Bassanezi *et al* (2008), nas duas primeiras décadas da República, em que a imigração para o Brasil foi a mais intensa, os dados censitários disponíveis sobre estrangeiros são escassos e pouco confiáveis. As informações apontam para dados gerais sobre a imigração e nem sempre diferenciam os imigrantes por nacionalidade. Em 1890, ano que Bariri foi elevado à categoria de vila, dos 3.657 habitantes, apenas 37 eram registrados como estrangeiros, pois muitos dos que já estavam no Brasil na Proclamação da República foram considerados como brasileiros a partir de 1889.

Sem elencar com precisão a quantidade de imigrantes e a data que se estabeleceram na região, Martins (1940), Mello (1987), Zanotti (1988) e Mazoti (1990), afirmam em suas obras que os pioneiros foram italianos, portugueses e espanhóis, seguindo essa ordem em quantidade. Os dados mais precisos em relação a quantidade datam de 1911, com informações de imigrantes que foram destinados ao município a partir da Hospedaria dos Imigrantes.

Essas informações não correspondem, necessariamente, ao total de imigrantes que Bariri recebeu, pois aqueles que chegavam no município sem ter passado pela Hospedaria, ou por terem se deslocado a partir de cidades da região, não são somados a esses números. Entretanto, é possível identificar períodos em que os números oscilam consideravelmente, como pode ser observado no Gráfico 6.

Gráfico 6 - Imigrantes destinados a Bariri pela Hospedaria dos Imigrantes



Fonte: adaptado de Zanotti, 1988.

O aumento exponencial entre 1911 e 1912²⁶ foi graças à inauguração da estação ferroviária local, já mencionada anteriormente, que fazia parte da Estrada de Ferro do Dourado (também chamada de Douradense), em 1910²⁷. Até este ano, a estação mais próxima estava localizada em Jaú, que foi inaugurada em 1887. Segundo Nunes (2005), em 1911, as estações de Bocaina, Bariri e Ibitinga (todas inauguradas em 1910), arrecadaram juntas, 45% da receita total da Douradense.

²⁶ A inauguração também impactou os dados gerais da população local. Ver Gráfico 4.

²⁷ O registro do dia da inauguração da estação pode ser encontrado na Figura 9, disponível em Anexo.

Desses três municípios, Bariri era o maior em extensão territorial e em número de habitantes. Esse protagonismo econômico contribuiu para o fluxo migratório, que teve uma queda entre 1914 e 1915 pelo início da Primeira Guerra Mundial, mas que nos dois anos seguintes ultrapassou a quantia de 500 imigrantes, chegando a quase 700 em 1917. O gráfico anterior indica também uma queda brusca na recepção de imigrantes a partir da crise de 1929, da qual Bariri somente se recuperará, parcialmente, ao final dos anos trinta.

Capítulo 4 - Sírios e libaneses em Bariri

4.1 Os pioneiros em território baririense

Como discutido anteriormente, a inserção de sírios e libaneses no oeste paulista seguia a trajetória dos cafezais e das ferrovias, que se aproveitaram das oportunidades para desenvolverem suas redes de comércio, atuando principalmente, na comercialização de roupas, tecidos e armarinhos (Truzzi, 2019). É nesse contexto que os primeiros sírios e libaneses começam a se estabelecer em Bariri, apesar das obras sobre a história local não fornecerem informações tão precisas quanto às datas de chegada.

Segundo Martins (1940), os primeiros imigrantes desse grupo que apareceram em Bariri foram Johann Ibrahim e Kalil Haddad, mas que assinavam os nomes como João Baptista Ferreira e Miguel José Ferreira²⁸, e que possuíam um grande estabelecimento comercial com a firma Joaquim Elias & Cia (Martins, 1940). A segunda menção aos pioneiros²⁹ foi feita por Zanotti (1988), ao apresentar uma pequena lista de nomes de sírios e libaneses que constavam no *Anuário Commercial de 1905*, registrados como proprietários de estabelecimentos comerciais no local, sendo eles: Felício Chadad, Felipe Chaim, João Chuffi, Jorge Nassif, José Elias e Salim Sabbag.

Ao analisarmos os documentos históricos sobre o município, a relação de nomes presentes na *Estatística Agrícola e Zootécnica de Bariry (1904-1905)* vão ao encontro do texto de Martins (1940). Os registros no documento faziam referência aos proprietários de terras do município, contemplando os nomes, nacionalidades e a relação de dados da propriedade, como extensão territorial, produtos cultivados e a produção. No documento, Miguel José Ferreira foi registrado como agricultor e detinha uma propriedade com 70 alqueires paulistas (24.200m² por alqueire), sendo 23 deles cultivados, 18 em *matta*, 22 em *capoeira* e sete em campos e pastos. A propriedade cultivava café (23 alqueires), com um total de 45.000 pés, milho (10 alqueires), com uma produção de 70.000 litros, e feijão (1 alqueire), que rendia 3.600 litros. Detinha também uma égua, um burro, duas mulas, três bodes, nove cabras, 12 porcos, 15

²⁸ Em uma tradução livre, a tradução de Haddad do árabe para o português significa ferro ou ferreiro. Por isso a mudança para Ferreira.

²⁹ Classificamos como pioneiros os que chegaram em Bariri entre 1900 e 1910.

porcas e 15 leitões.

Uma informação que merece destaque é que no campo “nacionalidade” do registro de Miguel, aparece o termo “syrios”, indicando que a propriedade era compartilhada com outro imigrante, que nos parece ser João Batista Ferreira, visto que nos outros documentos analisados, e que trataremos adiante, somente o nome de Miguel José Ferreira pode ser identificado. A propriedade também contava com 25 trabalhadores e todos eram imigrantes, mas o documento não apresentava informações sobre as nacionalidades.

Ainda na *Estatística Agrícola e Zootécnica de Bariry (1904-1905)*, também estava presente o nome de Salim Sabbag, citado por Zanotti (1988) na relação de comerciantes de origem árabe do local no mesmo ano. Segundo a *Estatística*, Salim detinha uma propriedade relativamente menor que a de Miguel, com um total de 5,5 alqueires (24.200m² por alqueire), sendo três cultiváveis e a predominância do tipo de solo era a terra roxa. Três alqueires eram destinados ao café e contava com 6.000 pés plantados, que gerava uma produção de 400 arrobas. Também plantava milho em dois alqueires, com uma produção de 14.000 litros. O meio alqueire restante era destinado a plantação de feijão, com uma produção de 1.200 litros. Detinha também dois cavalos. Além disso, a propriedade possuía 3 trabalhadores, todos estrangeiros, mas sem informações sobre a nacionalidade.

Esses dados nos mostram que, inicialmente, alguns patrícios locais se dirigiram para o ramo agrícola ao passo que também buscavam ocupar o meio comercial, como Salim Sabbag. Por terem chegado ao local, possivelmente, ainda nos anos finais do século XIX, os patrícios devem ter encontrado terras com preços relativamente baixos por conta do início da economia cafeeira local, em uma área que era dominada por outras nacionalidades, como os italianos, espanhóis e portugueses, além dos brasileiros. Já Salim, com uma propriedade pequena em comparação as outras, pode ter escolhido adquirir uma parcela por dois motivos: comprou-a assim que chegou na região ou direcionou uma parcela de seus lucros com o comércio para investir na agricultura, o que não nos parece ter fornecido o sucesso almejado, visto que nos anos seguintes o patrício não constava mais dos registros agrícolas do local.

4.2 A expansão da colônia e do comércio

Nos anos seguintes, outros patrícios começaram a se dirigir para Bariri. Esses

imigrantes pioneiros nos parecem ter sido fundamentais para a atração e recepção dos conterrâneos que foram chegando. Ora partiam para Bariri assim que chegavam no porto de Santos e do Rio de Janeiro, como ocorreu com Abraão Jacob³⁰, ora vinham de outras regiões do estado. José Cury³¹, por exemplo, era mascate na região de Santa Maria da Serra, perto de São Pedro, e foi para a região de Bariri quando soube de outros patrícios que lá estavam. João Sabbag³², antes de se estabelecer em terras baririenses, foi mascate em São Paulo.

Após a publicação do *Annuário Agrícola* e do *Anuário Commercial*, ambos em 1906, existe um hiato de informações detalhadas a respeito da economia baririense. A única fonte que faz menção ao município e apresenta dados a respeito do comércio e da agricultura local é a edição de 1906 do Almanak Leammert. Segundo o documento, no tópico “Commercio, Industrias e Profissões”, que apresentava somente duas categorias profissionais, a de “advogados” e comerciantes de “secos e molhados”, o único patrício pioneiro mencionado é Miguel José Ferreira, classificado como comerciante de secos e molhados, diferentemente do que foi apresentado no *Annuário Agrícola* em 1906.

No ano seguinte, a edição do Almanak apresentou mais uma categoria profissional, a de “fazendeiros”. Nesta edição, Miguel José Ferreira foi classificado como fazendeiro, em contraste a edição anterior. O outro pioneiro, Salim Sabbag, não foi mencionado em nenhuma das edições, que continuou com os mesmos dados até o ano de 1909. Um dos motivos dessa ausência e da inconstância nas classificações dos imigrantes é que o Almanak se baseava nas informações fornecidas pelas autoridades públicas locais. Por ser publicado no Rio de Janeiro, a dificuldade em acessar os dados do interior de São Paulo às vezes se traduzia na mera repetição de dados do ano anterior, tornando algumas informações imprecisas.

Fato é, que a partir da edição de 1909³³, as informações fornecidas pelo Almanak Leammert demonstram a expansão da colônia no ramo comercial, tanto pelo

³⁰ Pai de Ibrahim Jacob e Mauro Jacob, ambos entrevistados pelo autor.

³¹ Avô de Norma Curi, entrevistada pelo autor.

³² Informação obtida na entrevista com Leidi Boiani Sabbag.

³³ Nesta edição, houve uma separação ainda mais detalhada sobre as ocupações profissionais. Na sessão “Commercio”, as categorias estavam divididas em “molhados”, “seccos e molhados” e “negociantes de fazendas”. A sessão “Industriaes” apresentavam as categorias de “cervejarias”, “engenhos”, “empreza telephonica”, “officina de serraria a vapor” e “machinas de beneficiar café” com um breve comentário para aqueles que possuíam “machina de arroz”. Na sessão sobre “Profissões”, as categorias eram “advogados”, “engenheiro”, “marceneiros”, “medicos”, “pedreiros” e “pharmaceuticos”. Por fim, apresentava outras três seções sem categorias, sendo “Agricultores e lavradores”, “Criadores” e “Capitalistas”.

aumento nos nomes dos imigrantes, quanto pela variedade de atuação, perfazendo um total de nove patrícios, três a mais do que a lista apresentada por Zanotti (1988) referente a 1905. Outro dado relevante é que a partir desse ano, nenhum patrício foi registrado como proprietário de terras. Nas edições de 1910, 1911 e 1914³⁴, os números e os nomes dos imigrantes se repetiram, como pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 2 - Sírios e libaneses com estabelecimentos comerciais entre 1909 e 1914

1909 – 1914				
Nome	Tipo de comércio			
	Secos e molhados	Negociantes de fazendas	Máquinas de beneficiar café	Máquinas de beneficiar arroz
Amim Mansor		X		
Demetrio João		X		
Elias Nami		X		
Felipe Chaim		X		
Felipe Mansor		X		
José Sabbag & Irmão		X		
Sahid Mansor			X	X
Salim Haddad		X		
Salim Sabbag & Irmão	X	X		

Fonte: Almanak Leammert, 1909, 1910, 1911, e 1914.

A predominância de atuação era na categoria de comerciantes de fazendas, denominação utilizada para fazer referência àqueles que comercializavam tecidos, que nestes anos, dos 21 nomes registrados no total, oito eram sírios e libaneses. Em relação aos pioneiros, é possível identificar a ausência de Miguel José Ferreira, mencionado nos dados locais desde 1904, além de Felício Chaddad³⁵, João Chuffi, Jorge Nassif e José Elias, citados na obra de Zanotti (1988). Outro dado de destaque é a presença de imigrantes com o mesmo sobrenome (Sabbag e Mansor), o que demonstra a inserção de familiares na mesma ocupação profissional³⁶.

³⁴ As edições de 1912 e 1913 não estavam disponíveis no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

³⁵ Em 1910, o nome de Felício aparece em uma propaganda publicada no jornal *O Bariry* como proprietário do “Hotel Syrio”, que havia sido inaugurado recentemente na cidade de Soturna, que atualmente se chama Arealva. Ver Figura 9 em Anexo.

³⁶ A discussão mais profunda a respeito das recomposições familiares está no Capítulo 5.

Ainda em 1910, duas outras informações relevantes sobre a colônia foram publicadas no jornal *O Bariry*³⁷. A primeira estava na lista do “Lançamento de Imposto sobre metros de muros e cercas para o exercício de 1910”. Entre os nomes apresentados, o único patrício era José Sabbag, que segundo a publicação, detinha 17 metros de cercas da Avenida 5. A segunda foi encontrada na lista de “Lançamento de imposto de prédios para o exercício de 1910”, em que Sahid Mansor é mencionado como proprietário de um prédio, local no qual deveriam estar as máquinas de beneficiar café e arroz, que constavam na edição de 1909 do Almanak. Os outros imigrantes já mencionados anteriormente não estavam presentes em nenhuma das publicações.

O aumento na colônia a partir de 1910 vai ao encontro do relato do memorialista José Augusto Barbosa Cava, de que “a partir da década de 1910 os patrícios começaram a vir em peso para cá. A maioria era de algumas cidades, diferentemente dos italianos. Eles eram parentes, vinha um primeiro, mandava notícias e depois os outros acabavam chegando”. Essa informação ressalta a importância das redes estabelecidas entre a origem e Bariri, a qual abordaremos com mais detalhes no próximo capítulo.

Fato é, que apesar da origem comum, nesse momento de expansão da colônia, chegou a ocorrer um desentendimento entre os conterrâneos. Em uma reportagem publicada no jornal *O Bariry*, em 29 de março de 1911³⁸, intitulada como “noite sinistra”, foi narrado um conflito entre “syrios” que culminou em uma morte. Segundo a reportagem, Salomão Farah possuía um atacado de secos e molhados em Jaú e tinha uma filial em Bariri, o que possibilitava a oferta de melhores preços em comparação a outros estabelecimentos comerciais.

Na noite de 25 de março daquele ano, Salomão estaria espalhando pelo centro da cidade alguns cartazes de divulgação de uma grande redução de preços que faria em seu comércio, quando foi atacado por Elias Mattar e Kalil Bargita. Salomão então correu dos agressores e clamou por ajuda, chegando até seu irmão, João Farah, que tinha em mãos uma arma e acertou Kalil que, segundo a reportagem, caiu sem vida em frente à casa comercial de Salim Sabbag.

Após o ocorrido, a polícia chegou ao local e se deparou com o corpo de Kalil. Em seguida, invadiu a casa da família Sabbag que estava reunida com outros sírios,

³⁷ Edição de nº 288.

³⁸ Edição de nº 270.

gerando um conflito ainda maior que culminou na ida de Pedro Sabbag à delegacia. A edição não apresentou o desfecho da história, somente informou que Elias Mattar e Salomão Farah foram ouvidos pelas autoridades policiais, como pode ser observado na Figura 5. Elias teria se demonstrado “estranho” ao acontecimento, mesmo utilizando roupas manchadas de sangue. Entre todas as edições dos jornais consultadas durante a pesquisa, esse foi o único desentendimento localizado entre os patrícios locais.

Figura 1 - Reportagem do jornal *O Bariry* sobre um desentendimento entre imigrantes "syrios"

O BARIRY

ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO CONSERVADOR

Propriedade e Direcção de Aeylino do Amaral Camargo Collaboradores diversas

Anno VI | S. PAULO | Bariry, 29 de Março de 1911 | BRASIL | Numero 270

NOITE SINISTRA

Luta entre syrios - Os antecedentes do crime - O crime - O inquerito - Selvageria da policia - O inquerito e a ineptia da policia - Importantes diligencias - Notas - Edição especial.

A noite de 25 do corrente foi uma noite de sangue e de correrias nesta cidade.

Um grave conflicto habido entre quatro negociantes Syrios e de que resultou morte e ferimentos, a selvageria da policia arrombando casas e cometendo toda a sorte de desatinos e violencias alarmou a nossa população.

A nossa reportagem que acompanhou os acontecimentos de principio tomou as seguintes notas que passamos a dar aos nossos leitores.

Os antecedentes do crime

A colonia Syria nesta cidade é numerosa e composta em sua maior parte de negociantes.

Dentre as firmas mais importantes da praça está a de Salomão Farah & Companhia atacadistas de secos e molhados estabelecidos em Jahu e com um filial nesta cidade, sob a gerencia do socio Salomão Farah.

A firma Salomão Farah & Companhia, girando com avultados capitais esta habilitada a offerecer as mercadorias do seu ramo de commercio a preços os mais vantajosos possiveis e em condições de resistir a qualquer concorrência commercial que se lhe procurasse fazer.

Esta sua vantajosa posição no mercado determinou despeito e inveja da parte de alguns, que começaram a criar dificuldades á firma Salomão Farah & Comp. e abriram contra a mesma uma concor-

rencia commercial, da qual tinha de sahir fatalmente victoriosa á vista dos elementos do que dispunha.

O crime

Na noite de 25 de Março pelas 11 horas e meia mais ou menos Salomão Farah, começou a pregar pelas ruas desta cidade, um cartaz reclame concebido nos seguintes termos:

ARMAZEM NOVO

FILIAL DE SALOMAO FARAH & COMP. RUA 7 N. 16--TREPHE. N. 64

Chamamos a attenção do PÓVO, para a grande REDUÇÃO de preços que acabamos de fazer em todos ARTIGOS do nosso estabelecimento, especialmente em FARINHA DE TRIGO, que vendemos pelo antigo PREÇO.

1 SAC. DE FARINHA NACIONAL COM 44 KS. por 12:500 I

APROVEITEM! APROVEITEM! BARIRY

Estava Salomão Farah, entretido na sua tarefa pregando um dos referidos cartazes na esquina da rua 7 com a Avenida 3 quando Elias Mattar, syrio aqui estabelecido com negocio de secos e molhados e Kalil Bargita, empregado da casa commercial de Felício Kudse, delle se aproximaram sem serem presentidos e lhe vibraram uma forte cacetada produzindo-lhe um enorme ferimento na região fronto occipital esquerda; Salomão voltando-se tentou reagir á aggressão que soffrera, mas sentindo-se sem força, pela abundante hemorragia que lhe causara o ferimento, gritou por socorro e poz-se a fugir sen-

do perseguido pelos seus agressores que lhe deslancharam um tiro que o atingiu no terço medio da coxa esquerda.

Aos seus gritos correu em seu auxilio o seu irmão João Farah que deslanchando a sua arma contra Kalil, o prostrou sem vida á porta da casa commercial de Sallim Sabbag & Irmãos.

Os ferimentos recebidos por Salomão foram considerados graves e o seu estado de saude inspira cuidados.

São seus medicos assistente os drs. Francisco Risi e Agsis Monteiro.

Da luta tambem sahio ferido o syrio Elias Mattar.

A selvageria da policia

Quando a policia chegou ao local do conflicto, só ahí encontrou o cadaver de Kalil Bargita, cahido na calçada da avenida 3, em frente á porta das dependencias particulares da casa commercial de Sallim Sabbag & Irmãos, onde reside o sr. Pedro Sabbag, socio da referida firma, com sua familia.

Nessa casa estavam reunidos diversos membros da colonia Syria que se entretinham em familia.

A policia bateu fortemente á porta e como os de dentro, amedrontados com a scena que se dava na rua, procurassem indagar quem batia, foi a porta forçada com tão grande violencia que as suas folhas saltaram em estilhaços.

O interior da casa foi immediatamente invadido

pela policia, á qual se incorporara um mulato de nome Castro, armado de carabina, e ahí distribuindo pranchadas a torto e a direito e disparando tiros, cometeram toda sorte de desatinos e levaram á cidade, com a mais revoltante violencia, umas 4 ou cinco pessoas entre as quaes o sr. Pedro Sabbag.

Essa diligencia policial foi dirigida pelo delegado de policia em exercicio Francisco Gonçales.

O inquerito e a ineptia da policia

O dr. Heizario Pereira de Carvalho pessoa completamente extranha á policia foi que, immediatamente, assumindo as funções de autoridade, eoncou a dirigir o inquerito policial.

A primeira pessoa ovida foi Elias Mattar, que, conquanto estivesse com as vestes manchadas de sangue, não despertou a minima suspeita á autoridade, que, no depoimento delle, tomado como se fora uma pessoa completamente extranha ao acontecimento, assentou toda a orientação policial.

Importantes diligencias

Às nove horas da manhã do dia seguinte Salomão Farah, comparecendo em juizo, por seu advogado dr. José Benedicto dos Santos, requereu ao dr. Juiz de Direito diversos exames de corpo de delicto e victorias, exames que vieram abrir completa luz sobre o caso e demonstrar a orientação inepta da policia.

Fonte: O Bariry, 1911.

Os estabelecimentos comerciais dos membros da colônia passaram a se destacar em relação a de outros grupos étnicos, especialmente pela diversidade de mercadorias ofertadas, que eram providas por estabelecimentos maiores das cidades

vizinhas, como a relação de Salomão Farah com Jaú, ou das que vinham da capital paulista a partir da inauguração da estação ferroviária em 1910. Um dos exemplos dessa diversidade é a loja de Salim Sabbag, citada na reportagem sobre o conflito entre os patrícios. Segundo Zanotti (1988),

A “Casa Síria” da família Sabbag talvez tenha sido a maior casa comercial da época na cidade. Ali poderia ser comprado desde tecidos e armarinhos, ferragens, secos e molhados, até automóveis da marca Chrysler da qual era representante em Bariri na década de 20. A Casa Síria ocupava todo o pavimento térreo do “sobradão” da esquina da rua 7 de Setembro com a avenida João Lemos (Zanotti, 1988, p. 63).

Frequentemente, propagandas sobre o estabelecimento apareciam nos periódicos locais, como na edição de 3 de maio de 1910 do jornal *O Bariry*:

Figura 2 - Propaganda da Casa Syria de Salim Sabbag

CASA SYRIA

--DE--

Salim Sabbag e Irmão

sendo recebido um grande e variado stock de fazendas finas e grossas, ornamentos chapéus de sol e de cabeça, calçados, luvas, ferragens, máquinas de costuras de diferentes marcas, convidamos o público e todas as famílias a visitarem a CASA SYRIA, na certeza que encontrarão artigos de superior qualidade a preços barataíssimos.

Sericidade é a nossa devise.

Salim Sabbag e Irmão

Rua 7. de Setembro Da AVENIDA 3

BARIRY

Fonte: *O Bariry*, 1910.

A família Sabbag, presente no município desde o início do século XX, nos parece ter sido a que ocupou papel de destaque e prestígio local. Além da oferta diversificada de produtos, também passou a se aproveitar da comercialização dos

grãos de café, principal produto agrícola do município neste período. Mauro Jacob, ao relembrar das histórias narradas por seus familiares e conterrâneos, disse que “os Sabbag compravam café dos sitiantes, e meu pai e meus tios, cada um com sua carroça, levava até o terminal de trem para seguir até Santos”. Afirmou também que os Sabbag foram diretamente afetados pela quebra da bolsa de valores dos Estados Unidos anos mais tarde, em 1929. Segundo Cava, existia até um ditado em Bariri que dizia “café baixou, Sabbag quebrou”. Como veremos adiante, não nos parece que a quebra da bolsa tenha afetado de modo geral toda a colônia e a economia local, ficando restrita somente àqueles que direcionavam boa parte dos seus investimentos para o café.

Uma das características marcantes dos patrícios locais no comércio era o atendimento. Cava recordou de sua infância e das lojas que frequentava junto com seu pai, mesmo na época em que a colônia já havia entrado em processo de recessão comercial na década de 1940, a receptividade com os clientes sempre se destacava.

Quando ia numa casa de comércio, principalmente quando ia com meu pai que amava os sírios e libaneses e que inclusive aprendeu a falar algumas palavras em árabe, eu me lembro de várias casas, até me emociono de lembrar... o dono da casa comercial já convidava meu pai para entrar tomar um café lá dentro da casa. Quando chegava lá, a esposa já falava “seu João, senta aqui”, aí já vinha um pratinho com café, outro com alguma comida. Se você fosse lá na loja e não tomasse um café e comesse um biscoito, para eles era quase uma ofensa. Esse é o grande ‘pulo do gato’ deles.³⁹

Além da comercialização de diversos produtos, como o que ocorria com a família Sabbag, também existiam os armazéns que atendiam aos gostos da própria colônia. Norma Curi lembrou que o armazém de secos e molhados do avô, que foi assumido por seu pai após o falecimento do patriarca, só vendia produtos árabes, abastecendo mais de 72 famílias que viviam em Bariri. Relatou também que a chegada da ferrovia impulsionou os negócios da família, principalmente na época em que tinham o armazém, porque conseguiam ir para São Paulo de trem e retornar com a mercadoria. Depois de algum tempo, estabeleceram uma relação de confiança com os conterrâneos da rua 25 de Março, principal concentração dos patrícios na capital paulista, que despachavam a mercadoria de acordo com o pedido que era enviado por telegrama.

³⁹ Entrevista de José Augusto Barboza Cava ao autor.

Além do atendimento, as propagandas eram grandes aliadas para o sucesso no comércio. Buscavam divulgar os produtos até fazendo referência a eventos internacionais, como o anúncio da “Loja Estrella”, de Demetrio João, no jornal *O Bariry* para divulgar os calçados da marca Clark.

Figura 3 - Propaganda da Loja da Estrella

GUERRA DO ORIENTE

Os últimos telegrammas recebidos confirmam a verdade já de todos conhecido que a victoria dos exercitos balkanicos sobre os turcos, nunca foi devida nem aos armamentos e disciplina do exercito francez ou do allemão, mas unicamente á resistencia herculea do — CALÇADO

Clark

que usavam os seus soldados, nas marchas forçadas que tiveram de executar continuamente, e do qual é de positorio nesta cidade, unicamente a “LOJA DA ESTRELLA.”

Fonte: O Bariry, 1910.

Em praticamente dez anos, a contar da primeira menção nos documentos sobre os pioneiros, alguns membros da colônia passaram a se inserir em associações locais ligadas ao comércio. Em 1914, o jornal *O popular*⁴⁰, publicou um comunicado de que estava se formando em Bariri uma *Associação Commercial*. Segundo o jornal, a comissão inicial era composta por Accacio Gomes de Barros no cargo de presidente, Antonio Ferrari como secretário e José Messias de Almeida Filho, Pedro Sabbag e Jorge Resegue como membros. Pedro Sabbag, já mencionado no conflito entre os membros da colônia em 1911, era filho de Assad Sabbag, comerciante que consta na

⁴⁰ Edição de nº 13.

edição de 1915 do Almanack, bem como Jorge Resegue, que também aparecerá na mesma edição.

A presença dos patrícios na *Associação* nos parece estar diretamente ligada ao rápido aumento da colônia, visto que em 1909⁴¹ contava com nove comerciantes e em 1915⁴² já havia passado para 19, como pode ser observado na Tabela 3.

Tabela 3 - Sírios e libaneses com estabelecimentos comerciais em 1915

1915					
Nome	Tipo de comércio				
	Armarinhos	Ferragens	Secos e molhados	Negociantes de fazendas	Máquinas de beneficiar café
Abrahão Sabbag & Irmão		X	X		X
Amim Mansor				X	
Assad Sabbag & Irmão	X				
Camillo Abussamra		X			
Demetrio João	X			X	
Elias Abrahão & Irmão	X		X		
Elias Nami	X			X	
Felipe Chaim				X	
Felipe Farah	X				
Felipe Mansor				X	
João Mansor	X				
Jorge Marcos			X		
Jorge Resegue			X		
José Sabbag & Irmão				X	
Nassib Haddad & Cia	X				
Salim Haddad & Irmão				X	
Salim Sabbag & Irmão	X	X	X	X	
Salomão Farah & Cia		X			
Tufik Sabba	X		X	X	

Fonte: Almanak Leammert, 1915.

Nos anos seguintes, a colônia continuou aumentando. Na edição de 1916 do Almanak, a categoria “negociantes de fazendas”⁴³ passou a ser incorporada na de “armarinhos”, com o nome “armarinhos e fazendas”. No mesmo ano, os patrícios passaram a constar em outras duas categorias, a de exportadores de café e joalheiros,

⁴¹ Ver Tabela 2.

⁴² Sahid Mansor não constava nesta edição.

⁴³ Dos oito nomes registrados no ano anterior nessa categoria, quatro aparecem na edição seguinte, sendo eles, Demetrio João, Felipe Chaim, Salim Haddad e Salim Sabbag.

perfazendo um total de 22 imigrantes no ramo comercial, mantendo-se assim até a edição de 1921⁴⁴.

Tabela 4 - Sírios e libaneses com estabelecimentos comerciais entre 1916 e 1921

1916 – 1921						
Nome	Tipo de comércio					
	Armarinhos	Ferragens	Secos e molhados	Máquinas de beneficiar café	Exportadores de café	Joalheiros
Abrahão Cury						X
Abrahão Sabbag & Irmão	X	X	X	X		
Amim Mansor			X			
Assad Sabbag & Irmão	X					
Camillo Abussamra		X				
Demetrio João & Cia	X		X			
Elias Abrahão & Irmão	X		X			
Elias Nami & Irmão	X		X			
Felipe Chaim & Cia	X		X			
Felipe Farah & Cia	X					
Felipe Mansor			X			
João Mansor	X					X
Jorge Marcos			X			
Jorge Resegue			X		X	
José Sabbag & Irmão			X			
Nassib Farah & Cia*						
Nassib Haddad & Cia	X					
Sahid Mansor						
Salim Haddad & Irmão			X			
Salim Sabbag & Irmão	X	X	X			
Salomão Farah & Cia		X				
Tufik Sabba	X		X			

* Nome inserido na edição de 1919

Fonte: Almanak Leammert, 1916, 1917, 1918, 1919 e 1921.

Ainda em 1916, o jornal *Comarca de Bariry* publicou a relação de nomes daqueles que deveriam pagar imposto referente ao comércio⁴⁵ para a Coletoria

⁴⁴ A edição de 1920 não estava disponível no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

⁴⁵ As listas de impostos publicadas nos periódicos locais faziam referência a todos os residentes em Bariri e que pertenciam a determinada categoria profissional (comerciantes e industriais) ou que tinham posse de algum imóvel. De modo geral, todas as informações referentes a esses dados apresentados neste trabalho constavam nas cinco primeiras páginas dos jornais e foram coletados somente as informações sobre os sírios e libaneses que residiam em Bariri.

Estadual de Bariri. Além dos nomes presentes no *Almanak*, a lista continha outros patrícios até então não mencionados, sendo eles:

Tabela 5 - Lista dos sírios e libaneses que deveriam pagar imposto sobre comércio em 1916

1916		
Abrahão Jabur	Haddad Sabbah & Irmão	José Caram
Camillo Salomão	João Sabbag & Irmão	Mauad & Companhia
David Farah	Jorge Farah	Raduan Atuy

Fonte: Comarca de Bariri, 1916.

No mesmo ano, o periódico *A Cidade de Bariry* publicou a relação de impostos sobre indústrias e profissões⁴⁶ para o ano de 1917. Dos nomes presentes, alguns constavam nas listas do *Almanak* e outros foram mencionados na lista de impostos sobre o comércio. Os que não constavam em nenhuma das duas estão destacados na Tabela 6, junto com o restante dos patrícios presentes na edição.

Tabela 6 - Lista dos sírios e libaneses que deveriam pagar imposto sobre comércio em 1917

1917		
Abrahão Curini Assade*	Elias Nami	Mauad & Cia
Abrahão Jabur	Elias Sabbag & Cia*	Miguel Abrahão*
Abrahão Sabbag & Cia	Felipe Chaim	Miguel Jorge*
Assad Sabbag & Irmão	João Sabbag & Irmão	Raduan Atuy
Camilo Abussamra	Jorge Elias	Sabbag & Irmão
David Farah & Irmão	Jorge Julien*	Sahad Farah*
Demetrio João	Jorge Marcos	Salim Haddad & Cia
Elias Abrahão	Jorge Nassif	Salim José*
Elias Atuy*	Jorge Resegue & Irmão	Symão Cury*

* Não estavam presentes nas outras listas.

Fonte: A Cidade de Bariry, 1917.

⁴⁶ É possível identificar algumas diferenças nas listas relativas aos impostos prediais, comerciais e de profissões. Em anos que foram localizados mais de uma publicação de diferentes listas, alguns nomes se repetiam e outros não eram mencionados, seja por não ter um estabelecimento no próprio nome, no caso da lista de impostos prediais, seja por ter chegado no município depois da coleta dos dados pela prefeitura. De qualquer modo, é possível identificar aqueles que chegaram e rapidamente conseguiram comprar um imóvel, e àqueles que não compraram, mas que também se dedicavam ao comércio.

Até então, as descrições sobre a natureza do comércio dos imigrantes só podiam ser observadas no Almanak. A partir de 1918, na lista referente ao imposto sobre indústria e comércio daquele ano publicada pelo jornal *O Popular*, além dos nomes, esses dados também foram apresentados. Entre os patrícios, observa-se a predominância no ramo de fazendas e armarinhos, seguida de secos e molhados, além de um estabelecimento que comercializava sapatos, registrado em nome de Salim José.

Tabela 7 - Lista dos sírios e libaneses que deveriam pagar imposto sobre comércio e indústria em 1918

Nome	Natureza do comércio
Abrahão Sabbag & Irmão	Fazendas e armarinho
Assad Sabbag & Irmão	Fazendas e armarinho
Camilo Abussamra	Secos e molhados
Camilo Salomão	Ferragens e cereais
Elias Jorge	Secos e molhados
Elias Sahadi	Secos e molhados
Elias Atuy	Secos e molhados
Elias Abrahão & Irmão	Fazendas e armarinho
Elias Nami	Fazendas e armarinho
Elias Sabbag & Companhia	Fazendas e armarinho
Farah & Zomboni	Fazendas e armarinho
Farah & Jabur	Fazendas e armarinho
Jorge Marcos	Secos e molhados
Jorge Resegue & Irmão	Fazendas e armarinho
Jorge Elias	Secos e molhados
João Sabbag & Irmão	Fazendas e armarinhos
José Caram & Companhia	Ferragens e armazém
Mauad & Companhia	Fazendas e armarinhos
Miguel Abrahão	Secos e molhados
Pedro Sabbag	Fazendas e armarinhos
Raduan Atuy	Fazendas e armarinhos
Salim José	Sapataria
Sebastião Nami	Secos e molhados
Salim Haddad & Irmão	Fazendas e armarinhos
Sahd Farah	Fazendas e armarinhos
Symão Cury	Secos e molhados
Tufik Saba & Irmão	Fazendas e armarinhos

Fonte: O Popular, 1918.

Em comparação à edição de 1918 do Almanak, os que não estavam presentes na lista do jornal eram Nassib Haddad, Salim Sabbag, João Mansor, Salomão Farah e Abraão Cury. A soma dos nomes apresentados nas duas fontes totaliza 32 patrícios, mais do que o triplo da atuação da colônia no comércio em comparação a 1909.

No ano seguinte, o mesmo periódico publicou a lista de impostos sobre comércio e indústria na edição nº 39. A predominância nas áreas do ano anterior se manteve, com o acréscimo de um estabelecimento que produzia e vendia artigos de couro, registrado no nome de Elias Sahd, e a ausência de Salim José com sua sapataria.

Tabela 8 - Lista dos sírios e libaneses que deveriam pagar imposto sobre comércio e indústria em 1919

Nome	Natureza do comércio
Abrahão Sabbag	Fazendas e amarrinho
Assad Sabbag	Fazendas e amarrinho
Camilo Abussamra	Secos e molhados
David Farah & Irmão	Fazendas e amarrinho
Demetrio João	Fazendas e amarrinho
Elias Atuy	Secos e molhados
Elias Abrahão & Irmão	Fazendas e amarrinho
Elias Nami	Fazendas e amarrinho
Elias Sahd	Artigos de couro
Elias Sabbag & Companhia	Fazendas e amarrinho
Elias Sabbag & Companhia ⁴⁷	Secos e molhados
Elias Jorge	Secos e molhados
Elias Cahe Sabbage	Secos e molhados
Farah & Jabur	Fazendas e amarrinho
Jorge Resegue & Irmão	Fazendas e amarrinho
Jorge Marcos	Secos e molhados
João Sabbag	Fazendas e amarrinho
Miguel Abrahão	Secos e molhados
Mauad & Companhia	Secos e molhados
Pedro Sabbag	Fazendas e amarrinho
Raduan Atuy	Fazendas e amarrinho
Sebastião Nami	Secos e molhados
Salim Haddad	Fazendas e amarrinho
Sahd Farah	Fazendas e amarrinho
Simão Cury	Secos e molhados
Tufik Sabba & Irmão	Fazendas e amarrinho

Fonte: O Popular, 1919.

Entre 1919 e 1921, as únicas informações a respeito da colônia só estavam presentes no Almanak Laemmert⁴⁸, como destacado anteriormente, e as publicações de 1922 e 1923 não estavam disponíveis no site da Hemeroteca Digital. A partir de 1924, segundo o Almanak, outras duas categorias se tornaram parte da atuação dos árabes locais, a de industriais⁴⁹, com Abrahão Sabbag e Jorge Marcos, e barbeiros, com Abdala Kury. Neste ano, os sírios e libaneses já atuavam em nove nichos

⁴⁷ O registro aparece duas vezes por conta da atuação em dois setores comerciais.

⁴⁸ Ver Tabela 3.

⁴⁹ Não foram informados detalhes sobre qual era o tipo de indústria.

comerciais e industriais⁵⁰.

No ano seguinte, foi publicado no periódico *O Jornal*, a lista dos assinantes da *Empreza Telephonica de Bariry Vianna & Rocha*. Junto com os nomes, a publicação também apresentava a ocupação profissional ou estabelecimento comercial de cada assinante, contendo os seguintes patrícios:

Tabela 9 - Sírios e libaneses que assinavam a linha telefônica da empresa Vianna & Rocha

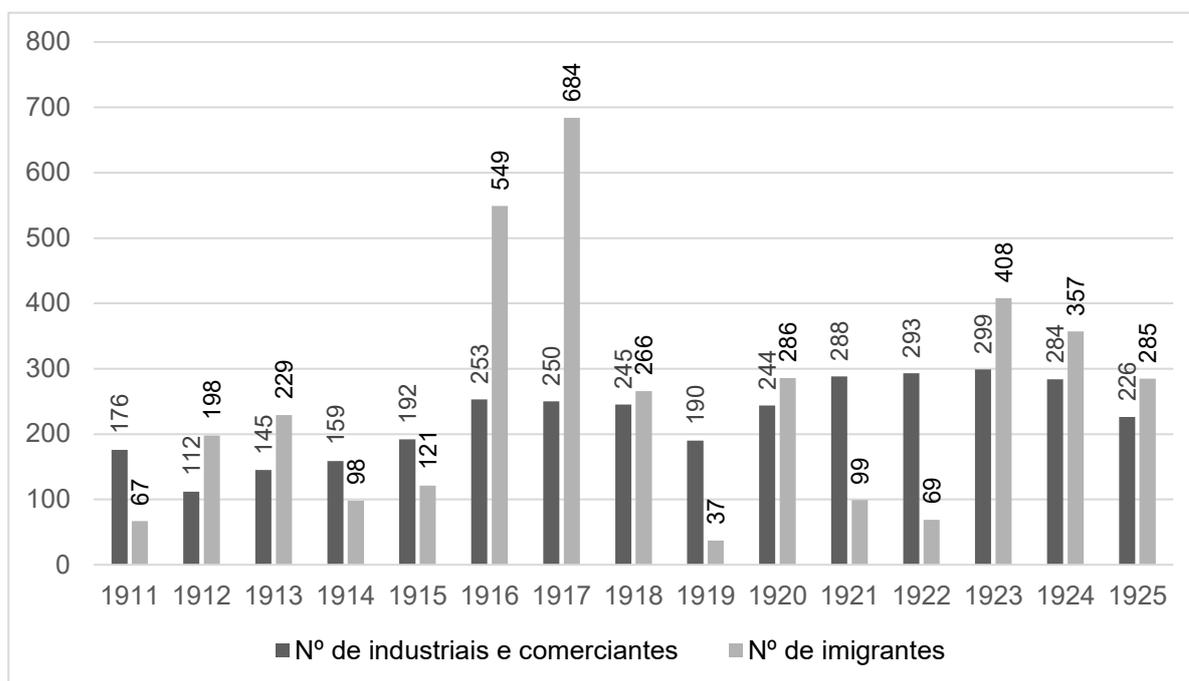
1925	
Nome	Profissão ou comércio
José Abbud	Padaria "Syria"
Demetrio João	Loja da "Estrella"
Irmãos Mansor	Negociantes
Salim Haddad	Negociante
Salim Sabbag & Irmão	Negociante
Sahid Mansor	Máquina de beneficiar café
Salomão Farah	Negociante
Tufik Sabbag	Negociante

Fonte: O Jornal, 1925.

Segundo os dados analisados, percebe-se que a colônia árabe se expandiu de modo considerável em 20 anos, a contar dos primeiros registros em 1905. Em comparação com outros dados locais, é possível identificar que esse aumento ocorreu acompanhando a expansão do comércio local como um todo, bem como com os números de imigrantes que ali se estabeleceram, podendo ser observado no Gráfico 7.

⁵⁰ As informações se mantiveram as mesmas até 1927, ano da última publicação detalhada sobre Bariri no *Almanak Leammert*.

Gráfico 7 - Relação de industriais e comerciantes em comparação aos imigrantes em Bariri (1911 - 1925)



Fonte: adaptado de Mello (1987) e Zanotti (1988).

Em seu trabalho sobre a história de Bariri, Mello (1987) apresentou uma lista dos comerciantes sírios e libaneses estabelecidos em Bariri e Itaju em 1927. Segundo o autor, os dados foram coletados no jornal *Correio de Notícias*, da edição publicada em 30 de novembro de 1927, e neste ano a colônia árabe de Bariri era composta por 61 sírios e libaneses que trabalhavam no comércio e indústria, além de outros três que residiam em Itaju, distrito de Bariri que também era chamado de Buenópolis, localizado 12 quilômetros de Bariri.

A fonte informada por Mello (1987) não foi localizada durante as pesquisas, mas nota-se uma diferença em relação às listas anuais de impostos publicadas até então, visto que em nenhum dos nomes apresentados pelo autor se observa a presença de “irmão”, “irmãos” ou “companhia”, recorrentes nas listas desde 1916. De qualquer modo, esse fato não anula a importância dos dados, já que não foi possível obter outra fonte que fizesse referência ao ano apresentado pelo autor. A lista com os nomes está disponível na Tabela 10, e a localização de Itaju pode ser encontrada no Mapa 8.

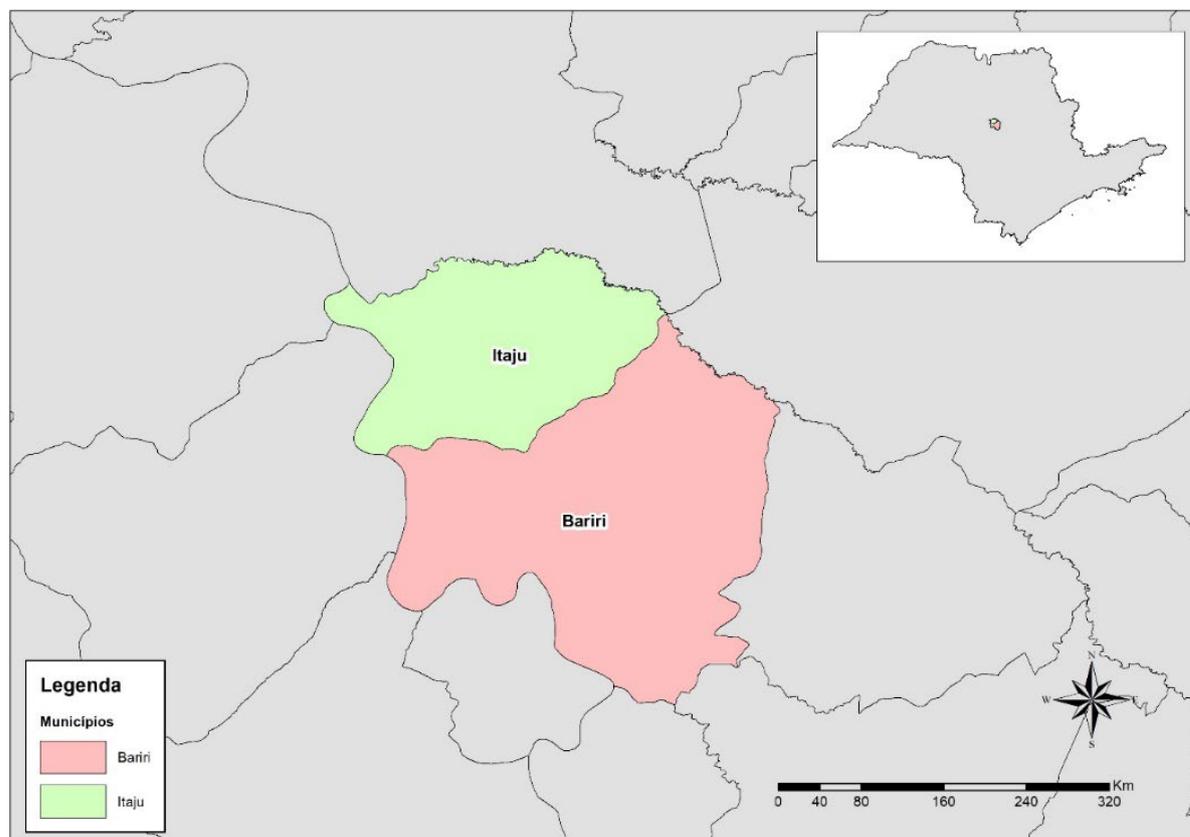
Tabela 10 - Sírios e libaneses estabelecidos em Bariri e Itaju em 1927

1927		
Adib Saud	Elias Abrão	Nicolau Atalla
Alfredo Mauad	Elias Jorge	Neme Abussamra
Abrão Banutti	Félix João	Nagib Salomão
Aniz Farah	Fauze Sabbag	Neif Antonio
Abrão Chade	Jorge Resegue	Pedro Sabbag
Assad Sabbag	José Chefer	Riskala Nemi
Antonio Jorge	José Sabbag	Raduan Atuy
Abrão Jabur	João Sabbag	Salim Andraus
Aziz Chedid	Joaquim Salomão	Salim Haddad
Assad Abibi	José Caram	Saad Farah
Abdo Buchaim	Jacob Banutti	Said Juliem
Alfredo Sabbag	Jorge Marcos	Salim Sabbag
Alexandre Chade	Jamil Demetrio	Salim Massud
Calil Mauad	Jorge Sabbag	Tufik Ourani
Camilo Abussamra	José Cury	Tufik Saba
Carmo Nassif	Jorge Nahra	Tufik Sabbag
Demetrio João	Jorge Mussi	Tame Mussa
David Farah	Jorge Zakaib	Abrão Tauil*
Elias Nami	Massud Bussada	Aiub Tauil*
Elias Resegue	Miguel Farah	Jabur Cury*
Elias Lutfi	Mansur Sabbag	
Elias Calil Sabbag	Nahim Saba	

* Os três residiam em Itaju

Fonte: adaptado de Mello, 1987.

Mapa 8 - Localização de Bariri e Itaju no estado de São Paulo



Fonte: elaborado pelo autor.

No ano seguinte, o jornal *Correio de Notícias* apresentou a lista de impostos sobre indústrias e profissões para o ano de 1929, constando o nome dos sírios e libaneses de forma semelhante a edição de 1919, totalizando 39 patrícios⁵¹.

⁵¹ Cabe ressaltar que esse número faz referência somente aos nomes que não se repetiram, como o de Calil Mauad e João Sabbag, visto que ambos contavam com uma “filial” na lista geral.

Tabela 11- Lista dos sírios e libaneses que deveriam pagar imposto sobre comércio e indústria em 1929

1929	
Abrahão Chad & Filho	João Sabbag & Irmão
Anis Farah	Joaquim Salomão
Adib Saud	Jorge Zakaib
Abdo Abuchaim	Jorge Nahra & Filho
Aziz Chedid	Jorge Sabbag
Assad Sabbag	José Cury & Filho
Abrahão Jabur	José Cheffer
Alexandre Sabbag	Massud Bussada
Calil Mauad & Filhos - Filial	Miguel Farah
Calil Mauad & Filhos	Nahim Saba
Demetrio João	Nagib Sabbag
David Farah	Nagib Haddad
Elias Abrahão & Irmão	Nicolau Atalla
Elias Lutfi	Pedro Sabbag
Elias Sabbag & Companhia	Riskala Neme
Elias Jorge	Sahd Farah & Filho
Fauze Sabbag & Companhia	Sayd Cury
Felix João	Sabbag & Irmão
Jorge Marcos	Tame Mussa
João Sabbag & Irmãos - Filial	Tufik Saba
Jorge Resegue & Irmão	

Fonte: Correio de Notícias, 1928.

No ano seguinte, a economia cafeeira nacional foi diretamente impactada com a quebra da bolsa de valores dos Estados Unidos. Como mencionado anteriormente, nos parece que os impactos em Bariri foram relativamente pequenos, não apresentando uma grande recessão nas plantações de café e nos estabelecimentos comerciais, especialmente dos que pertenciam aos sírios e libaneses, como discutiremos adiante.

4.3 A crise de 1929, os impactos locais e os patrícios

Com a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque em 1929, a economia ocidental foi diretamente afetada. Os países que eram grandes parceiros comerciais dos Estados Unidos viram suas transações comerciais diminuir

consideravelmente, principalmente as que eram referentes a produtos não-essenciais, como o café. O Brasil, que já despontava como o maior produtor cafeeiro desde a década de 1850, viu a sua economia ser impactada com os impactos da Grande Depressão, especialmente no estado de São Paulo, que era o maior produtor cafeeiro a economia do país (Luna & Klein, 2019).

Entretanto, não foram todas as regiões do estado que foram duramente afetadas. Em Bariri, segundo Zanotti (1988, p. 105), “a produção cafeeira não perdeu de todo seu papel de motor da economia da cidade, sofreu revezes, sim, mas manteve-se como o principal gerador de empregos e divisas do município”. Houve uma tentativa de direcionar os investimentos para outro tipo de produto que poderia substituir os cafezais. A escolha foi o algodão, pelo trato mais fácil e preço atrativo, passou a ser cultivado a partir da segunda metade da década de 1930, saindo de 150 alqueires plantados no município em 1936 para 4.300 em 1939. Entretanto, o café continuou a ser o principal produto da economia baririense, como destacado por Zanotti (1988) ao analisar os relatórios da prefeitura municipal produzidos por Américo Garaldi:

Tabela 12 - Produção de café em Bariri (1926-1936)

Ano Safra	Nº de cafeeiros produzindo	Produção total em arrobas	Produção por 1.000 pés em arrobas
1926/1927	8.500.000	315.000	37
1927/1928	8.500.000	570.000	67
1928/1929	11.633.450	318.000	27,3
1929/1930	11.633.450	568.000	48,8
1930/1931	10.151.400	397.180	39,1
1931/1932	13.197.950	684.340	51,8
1932/1933	11.719.100	469.503	40
1933/1934	-	-	-
1934/1935	13.657.700	492.196	36
1935/1936	13.709.302	559.193	40,7

Fonte: adaptado de Zanotti, 1988.

Os dados apontam que a diminuição na produção ocorreu somente na safra de 1930, e nos anos seguintes, durante o período de recessão econômica ocidental, os números voltaram a subir, superando os anteriores à quebra da bolsa de valores. Em

relação ao comércio, também não nos parece ter ocorrido uma grande recessão, especialmente com os estabelecimentos dos membros da colônia, pelo menos nos primeiros anos após o *crash*.

Tomemos como base para esse apontamento a lista de impostos sobre comerciantes e industriais, publicado em 1929 pelo jornal *A cidade de Bariry*. No ano anterior, 39 sírios e libaneses constavam na lista de impostos, e no seguinte, o número chegava a 50, sendo 48 do ramo comercial e dois do industrial, sendo eles David Farah, com o registro em branco na descrição da indústria, e Jorge Marcos, registrado como dono de máquina de café. Como a lista apresentava a natureza do comércio, também é possível identificar que alguns possuíam mais de um estabelecimento comercial, como Elias Abrão, Elias Sabbag e Jorge Resegue, além de uma agência de automóveis, registrada em nome de Irmãos Sabbag, que vendia veículos da marca Chrysler⁵². Como nos anos anteriores, a predominância era na área de fazendas, secos e secos e molhados, como pode ser observado na Tabela 13.

⁵² A propaganda encontra-se na Figura 11, em Anexos.

Tabela 13 - Lista dos sírios e libaneses que deveriam pagar imposto sobre comércio e indústria em 1930

Nome	Natureza do comércio ou indústria	Nome	Natureza do comércio ou indústria
Abrão Chade & Filhos	Fazendas	Jorge Marcos	Máquina de café
Assad Sabbag	Fazendas e etc	Jorge Sabbag	Comprador de cereais
Abrão Jabur	Fazendas e etc	Jorge Resegue & Irmão	Fazendas e etc
Aniz Farah	Fazendas e etc	Jorge Resegue & Irmão	Gasolina em bomba
Adib Salud	Ferragens	Jorge Nahra	Confeitaria
Aziz Chedid	Ferragens e etc	Jorge Mussi	Fazendas e etc
Abrão Tauil & Irmão	Secos e Molhados	Jorge Zukeibe	Botequim
Calil Mauad	Fazendas e etc	Jamil Calil Sabbag	Secos e Molhados
Carmo Nassif	Secos e Molhados	Miguel Cury	Fazendas
Calil Mauad & Filhos	Confeitaria	Miguel Farah	Fazendas e etc
David Farah	*	Miguel Sabbag & Irmão	Fazendas
Demetrio João	Fazendas e etc	Miguel Haddad	Comprador de café
Elias Jorge	Louças e etc	Massud Bussada	Secos e molhados
Elias Abrão & Irmão	Fazendas e etc	Nagib Sabbag	Fazendas e etc
Elias Abrão & Irmão	Gasolina em bomba	Nagib Haddad	Fazendas e etc
Elias Sabbag & Companhia	Fazendas e etc	Nahim Saba	Fazendas e etc
Elias Sabbag & Companhia	Gasolina em bomba	Pedro Sabbag	Secos e etc
Felix João	Secos e Molhados	Pedro Sabbag	Gasolina em bomba
Fauze Sabbag & Companhia	Secos e etc	Raduan Atuy	Secos
Irmãos Sabbag	Agência de automóveis	Riscalla Nemi	Secos e molhados
João Sabbag & Irmãos	Fazendas e etc	Sad Farah & Filhos	Fazendas e etc
José Cury & Filhos	Confeitaria	Salim Anderaos	Fazendas e etc
José Caram	Secos	Said Juliem	Botequim
José Cheffer	Secos e Molhados	Tami Mussa	Fazendas
Joaquim Salomão	Secos e Molhados	Tufik Sabbag	Fazendas

Fonte: A cidade de Bariry, 1929.

Em uma outra publicação referente ao ano de 1930, feita pelo jornal *Correio de Notícias*, na edição nº 213, na lista com os nomes das pessoas que deveriam pagar imposto predial referente aquele respectivo ano⁵³, constava o nome de 42 patrícios, dos quais 30 também estavam presentes na lista de comerciantes e industriais do ano anterior.

⁵³ Essa foi a primeira edição em que foram apresentados nomes de mulheres, mas nenhuma fazia referência à colônia árabe

Tabela 14 - Lista dos sírios e libaneses que deveriam pagar imposto predial em 1930

1930		
Aziz Chidid*	Elias Jorge*	M. Jorge Haddad*
Abrahão Sabbag	Felipe Chaim	Neme Abussamra
Aniz Farah*	Felix João*	Nagib Haddad*
Amim Mansur	João Sabbag & Irmão*	Naim Saba*
Ayes Jacob	João Farah	Nagib Sabbag (em construção)*
Abdo Abuchaim	João Caram*	Pedro Sabbag*
Abrão Chad*	Jorge Marcos*	Raduan Atuy*
Alexandre Chad	Jorge Resegue & Irmão*	Riskala Nemi*
Assad Sabbag*	Jorge Sabbag*	Sahd Farah*
Alfredo Elias Sabbag*	Jorge Nahra*	Salim Haddad
Abrão Jabur*	Miguel Chaim	Sahid Mansur
David Farah*	Miguel Haddad*	Tufik Saba
Demetrio João*	Massud Bussada*	Tame Mussa*
Elias Abrahão & Irmão*	Miguel Farah*	Tufik Sabbag*

* Nomes presentes na lista de 1929.

Fonte: Correio de Notícias, 1930.

No dia 14 de dezembro do mesmo ano, o mesmo periódico também publicou a lista referente aos impostos de indústrias e profissões para o ano de 1931. Diferentemente da publicação de 1929, não houve uma separação por categorias e nem a descrição da natureza do comércio, além de ter sido apresentada uma separação entre os que viviam em Bariri e Itaju. Dos 40 patrícios listados, 32 estavam presentes na lista de 1929.

Tabela 15 - Lista dos sírios e libaneses que deveriam pagar imposto sobre comércio e indústria em 1931

Bariri		
Abrão Jabur*	Fauze Sabbag & Cia*	Mauad & Filho
Adib Saud*	Jamil Calil Sabbag*	Melhem Iusife
Alexandre Saba	Jamil Demetrio	Miguel Farah*
Aniz Farah*	João Sabbag & Irmão*	Nagib Haddad & Irmão*
Assad Sabbag*	Joaquim Salomão*	Nahim Saba*
Aziz Chidid*	Jorge Marcos*	Nicolau Atalla
Calil Mauad & Filho*	Jorge Nahra & Filho*	Riskala Nemi*
David Farah*	Jorge Resegue & Irmão*	Sabbag & Irmãos*
Elias Abrão & Irmão*	Jorge Sabbag*	Sahad Farah & Filho*
Elias Jorge*	Jorge Zakaibe*	Sayd Cury
Elias Sabbag & Cia*	Jorge Cury & Filhos	Tami Mussa*
Felix João*	Massad Bussada*	
Itaju		
Abrão Chade & Filho*	Carmo Nassif*	Tufick Sabbag*
Abrão Tauil & Irmão*	Miguel Cury*	

* Nomes presentes na lista de 1929

Fonte: Correio de Notícias, 1930.

A próxima lista localizada nos periódicos data de 1936, publicada pelo jornal *A cidade de Bariry*, edição nº 196, no dia 05 de julho. Assim como a edição de 1929, não houve separação entre as categorias, além de não discriminar quais atuavam em Bariri e Itaju, como na edição de 1930. Dos 42 nomes de patrícios em 1936, 21 constavam na lista de 1929.

Tabela 16 - Lista dos sírios e libaneses que deveriam pagar imposto sobre comércio e indústria em 1936

1936		
Abdala Chaim & Filho	Felix João*	Miguel Chaim
Abrão Jabur*	Jamil Calil Sabbag*	Miguel Cury*
Abrão Tauil & Irmão*	João Sabbag & Irmãos*	Miguel Farah*
Alexandre Saba*	José Mussalan	Miguel Jorge Haddad
Aniz Farah*	José Nassif	Nagib Haddad & Filhos*
Aiub Tauil	Jorge Domingos & Irmão	Nahim Auada
Aziz Chidid*	Jorge Marcos*	Nemer Abussamra
Camilo Resegue & Irmão	Jorge Mussalan	Nemer Cury
Carime Resegue Saúd	Jorge Nahra & Filhos*	Raduan Atuy**
Daúd Sabbag	Jorge Resegue*	Raja Buchaim
David Farah*	Jorge Sabbag*	Sahd Farah & Filho*
Demetrio João & Filhos**	Jorge Zacaib*	Salim Haddad
Elias Jorge*	Massaud Bussad*	Seme Haddad & Cia
Farah Melhem & Irmão	Massaud Buzegaib	Tame Mussa*

* Presentes na lista de 1931.

Fonte: Correio de Notícias, 1936.

Essa constância na atuação comercial possibilitou que os membros da colônia continuassem ocupando cargos na *Associação Commercial* – atuantes desde a sua fundação em 1914. Em 1937, na diretoria estavam Miguel Farah (presidente), Camilo Resegue (vice-presidente), Kemil Sahd Farah (1º secretário) e Jamil Calil Sabbag (1º tesoureiro). No conselho consultivo, os patrícios presentes eram Jorge Segue, Said Abdala Chaim, Nemer Jorge Nahra, Miguel Jorge Haddad e Farah Melhem. Dos 14 membros, nove eram sírios e libaneses⁵⁴. Dois anos depois, apesar de constarem em menor número, ainda tinham uma participação significativa na *Associação*. Como membros da diretoria, estavam Kemil Saad Farah (1º secretário) e Jamil Calil Sabbag (2º tesoureiro), e no conselho consultivo, Jorge Sabbag, Miguel Farah e Camilo Resegue. A publicação feita no jornal *A Cidade de Bariry* está disponível na Figura 4.

⁵⁴ Os dados foram obtidos junto ao prontuário de Registro Nacional de Estrangeiro de Miguel Farah, podendo ser consultado na Figura 10 em Anexos.

Figura 4 - Membros da diretoria e conselho consultivo da *Associação Commercial* em 1939

Associação Commercial

Em assembléa previamente anunciada e convocada, realizou-se no dia 20 do corrente, na sede da Associação Commercial, á Av. 15 de Novembro, 105, sob, a eleição e posse da nova Directoria e Conselho Consultivo, ficando assim constituídos :

DIRECTORIA :

Presidente, Sylvio de Queiroz ;
 Vice-Presidente, José Masson ;
 1.º Secretario, Kemil S. Farah ;
 2.º Secretario, Luiz de Queiroz ;
 1.º Thesoureiro, Pedro Ferreira de Moraes e 2.º Thesoureiro Jamil Calil Sabbag.

CONSELHO CONSULTIVO

Srs. Jorge Sabbag, Dario Folloni, Paulo Pedroso, Evaristo Benfati Dante Gatto, Miguel Farah, Camillo Resegue, Antonio Leone e Martin G. Santiago.

Fonte: Correio de Notícias, 1939.

Ao passo que foram enriquecendo com o comércio, além da atuação na *Associação*, os membros da colônia também dirigiram seus investimentos para imóveis. Em 1940, o jornal *A Cidade de Bariry* publicou a lista de pagamento para imposto territorial urbano, na qual foi possível identificar diversos patrícios com mais de um imóvel. A publicação não apresentava a natureza desses imóveis, ou seja, se eram de uso residencial ou comercial. Os 29 patrícios que moravam em Bariri tinham, no total, 50 imóveis, e os seis que moravam em Itaju, um total de 12 imóveis, conforme os dados da Tabela 17.

Tabela 17 - Lista dos sírios e libaneses que deveriam pagar imposto predial em 1940

Bariri			
Nome	Nº de imóveis	Nome	Nº de imóveis
Abdala Chaim	3	Jorge Jacob	2
Abrão Banutti	1	Jorge Sabbag	2
Aiexo Jacob	1	José Saad	1
Aiexo Jacob & Irmão	2	Kemil S Farah	2
Alexandre Chade	1	Maria Farah Jabur	1
Alexandre Saba	1	Miguel Chaim	2
Amim Mansur	2	Miguel Farah	1
Assad Sabbag	2	Miguel J Haddad	2
Aniz Farah	2	Neme Abussamra	5
Calil Maud	1	Pedro Sabbag	1
Carime Resegue Saud	1	Raduan Atuy	1
Davih Farah	2	Sahd Farah	2
Irmãos Santos & Chaim	2	Said Calaf	2
João Farah	1	Wadid Haddad	1
João Sabbag & Irmão	3		
Itaju			
Nome		Nº de imóveis	
Abrão Tauil		2	
David Tauil		2	
Jabur Cury		1	
Judith Atuy		2	
Miguel Cury		3	
Salimi Abuzaid		2	

Fonte: A cidade de Bariry, 1940.

Entre as décadas de 1940 e 1950, as informações acerca do comércio diminuíram consideravelmente nos periódicos locais⁵⁵. A próxima publicação sobre imposto sobre indústria e profissões data de 1949, publicada pelo jornal *A Cidade de Bariry*. Na lista apresentada, os nomes não foram separados por categoriais, mas é possível identificar que ocorreu uma queda considerável no número de patrícios atuantes no local, especialmente se comparados com a lista de 1936⁵⁶, totalizando 28 nomes referentes à colônia.

⁵⁵ Cabe ressaltar que nos periódicos analisados não estavam presentes todas as edições, sejam elas semanais ou mensais, visto a limitação do acervo pessoal do memorialista José Cava.

⁵⁶ Ver Tabela 16.

Tabela 18 - Lista dos sírios e libaneses que deveriam pagar imposto sobre indústria e profissões em 1949

1949	
Abdalla Chaim	Irmãos Nahra
Adib Mansur	Jabur Cury
Afiz Cury	Jamil Calil Sabbag
Aiub Tauil	Jamil Demetrio
Américo Sabbag	João Sabbag
Antonio Alem	Jorge Mussa
Aziz Chidid	Jorge Resegue (Espólio)
Calil Atuy	Miguel Cury
Camilo Resegue & Irmão	Nagib Sabbag
Carime Resegue	Rajah Calil Buchaim
Daud Sabbag	Said Chaim
Farid Bussada	Semi Jorge Resegue
Farid Jorge Resegue	Tufick Sabbag
Fauze Hadda	Viúva Jorge Sabbag

Fonte: A Cidade de Bariry, 1949.

Mesmo com a diminuição no campo do comércio, os patrícios ainda eram predominantes entre os membros da associação comercial. Na última publicação localizada nos periódicos referente ao recorte temporal proposto por esta pesquisa, feita pelo jornal *A Cidade de Bariry* em 1953, entre os membros da diretoria eleitos para aquele ano, os patrícios eram Kemil S. Farah (presidente), Seme Haddad (vice-presidente), Fuad Saba (1º secretário), Jorge Tauil (2º secretário) e Nasib Hadad (2º tesoureiro). No conselho consultivo, estavam Farid Jorge Resegue, Tufic Saad e Farid Bussada.

Entretanto, cabe ressaltar que neste período a cidade já estava vivenciando o processo de decadência econômica. Entre as famílias que conseguiram acumular capital, duas trajetórias foram escolhidas, ora partindo para as cidades maiores da região, ora indo para a capital paulista em busca de oportunidades de estudo e trabalho para os filhos⁵⁷, aproveitando os vínculos criados pelas relações de conterraneidade ou parentesco com a grande colônia de São Paulo⁵⁸. Esse processo de mobilidade espacial corrobora para a decadência do empreendimento religioso que foi construído em Bariri pelos patrícios e que será abordado no Capítulo 6.

⁵⁷ Informação obtida na entrevista com Norma Curi.

⁵⁸ Informação obtida na entrevista com Leidi Boiani Sabbag.

4.4 O empreendedorismo étnico e a concentração espacial

Os dados apresentados possibilitam a identificação de um conceito bastante explorado pela literatura no que se refere a concentração de imigrantes em um mesmo ramo econômico, denominado empreendedorismo étnico. Segundo Truzzi e Neto (2007), esse conceito se refere à atividade empreendedora realizada por membros de comunidades étnicas ou imigrantes, que é influenciada pela cultura, tradições e redes de apoio específicas. Os autores também apontaram que sírios e libaneses que se estabeleceram no estado de São Paulo tinham uma forte articulação interna nas colônias, “alimentada por um sentido de identidade religiosa, familiar ou de conterraneidade capaz de prover uma estrutura de recepção e acolhimento ao imigrante muito operativa”.

Essa estrutura de recepção ao imigrante recém-chegado pode ser constatada no depoimento de Norma Curi, que ao recordar sobre a família Sabbag, uma das pioneiras em Bariri, afirmou que

[..] eles vendiam muito, tinham clientes na cidade e nos sítios [...], então quando chegava um novo imigrante, eles ofereciam emprego caso fosse o primeiro ou segundo da família que estava chegando na cidade para que pudessem ganhar dinheiro e depois montar seu próprio negócio. [...] Isso era bom para todo mundo, porque os Sabbag vendiam mais mercadorias e os que chegavam já conseguiam juntar um pouco de dinheiro para trazer o restante da família que iria ajudar no comércio.

Esse trecho também vai ao encontro dos benefícios gerados pelo empreendedorismo étnico elencados por Thierry Volery (2007). Segundo o autor, uma das vantagens dessa prática é justamente a utilização de recursos culturais e sociais para impulsionar os negócios. Neste caso, os recursos culturais eram referentes ao espírito de conterraneidade, como destacado por Truzzi e Neto (2007), somado a determinada influência social que era exercida pelos pioneiros estabelecidos no local, de modo a facilitar a adaptação na nova sociedade com um menor grau de dificuldade já superada pelos que chegaram antes.

Ainda segundo Volery (2007), o empreendedorismo étnico possibilita a criação de um mercado étnico, gerido pela lealdade e preferência dos consumidores, que podem ou não pertencer ao mesmo grupo étnico. No caso da colônia baririense, a diversidade na natureza dos produtos ofertados e o atendimento oferecido pelos

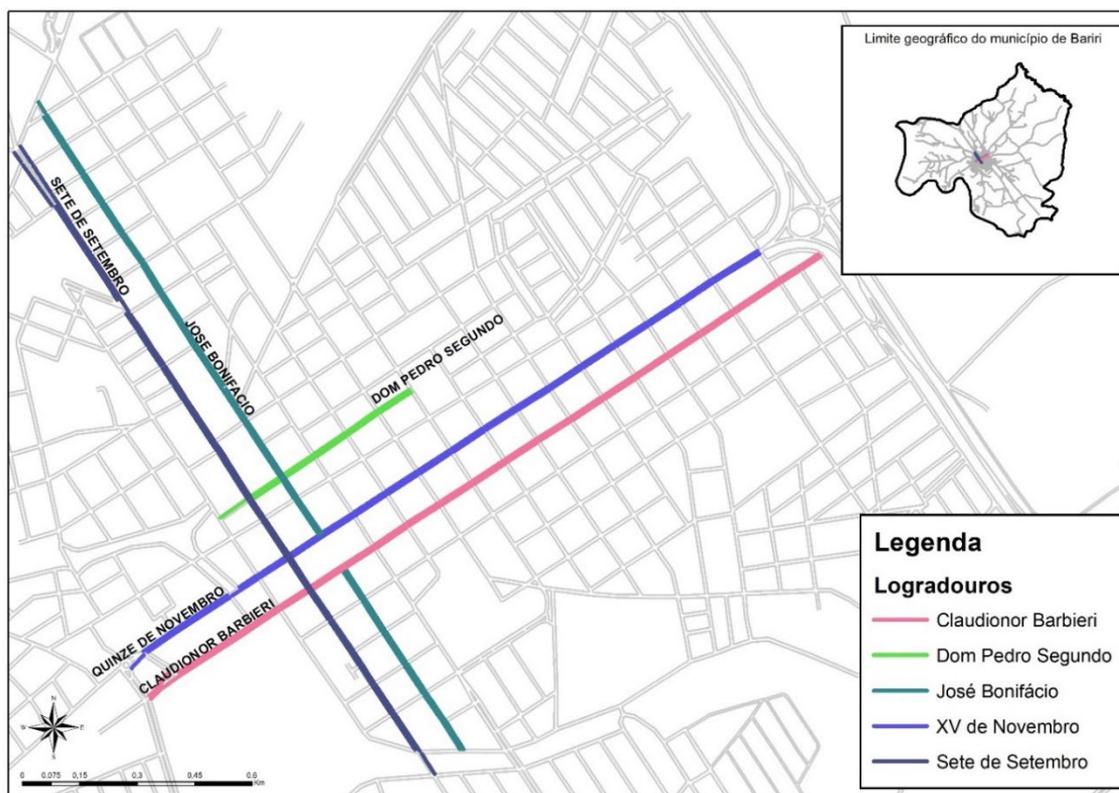
patrícios, fazia com que, nas palavras de Ibrahim Jacob, “vendessem pra todo mundo”, independentemente da nacionalidade. Mas também criou oportunidades para aqueles que se aproveitaram dos laços de conterraneidade focando em produtos mais populares entre os árabes, como ocorreu com a família de Norma Curi.

Um outro benefício destacado por Volery (2007) é o auxílio que os imigrantes já estabelecidos oferecem aos recém-chegados em relação a superação das barreiras linguísticas. Como praticamente todos que chegavam a Bariri não tinham o domínio do português, o papel dos conterrâneos que falavam árabe era fundamental para o fornecimento de informações a respeito do local, além de ensinarem as principais palavras em português para que fosse possível realizar as vendas, ora no meio rural como mascates, ora estabelecidos no meio urbano como comerciantes.

Praticamente todos os estabelecimentos comerciais estavam instalados na região central da cidade, sobretudo pela rede de apoio fornecida pelos pioneiros que transformaram o comércio local numa espécie de “nicho étnico”, fazendo com que superassem possíveis desvantagens na economia local, visto que a colônia não contabilizava o maior número de imigrantes no local. O Mapa 9 apresenta as ruas em que os sírios e libaneses se concentraram⁵⁹.

⁵⁹ Os dados foram coletados junto aos prontuários de Registro de Estrangeiros do município, salvaguardados pelo Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. É importante destacar que esses números não são absolutos, pois os registros datam de 1939 a 1947. Outro dado relevante é que só eram obrigados a obter o documento imigrantes que tinham mais de 18 anos e menos de 60, excluindo, naturalmente, os que não estavam dentro dessa faixa etária. Entretanto, os prontuários fornecem uma visão geral a respeito da concentração espacial da colônia nesse período.

Mapa 9 - Ruas com mais de 10 sírios e libaneses residentes entre 1939 e 1947



Fonte: elaborado pelo autor a partir dos prontuários do Registro Nacional de Estrangeiro de Bariri.

Além da identificação das ruas, também é possível observar que os laços de conterraneidade foram importantes na escolha do local que se estabeleceram. Na XV de Novembro, entre os 39 imigrantes ali residentes, a maioria era oriunda de Ebel El Saqi, Rachaya El-Foukhar e Hasbaya, seguindo essa ordem na quantidade. Na Sete de Setembro, que contava com 23 imigrantes, o predomínio de origem eram as aldeias de Ebel El Saqi e Majdal Shams. Na José Bonifácio, as principais aldeias de origem eram Majdal Chams, Merjayoun e Ebel El Saqi, com um total de 16 imigrantes. Na Claudionor Barbieri, entre os 13 imigrantes, o predomínio foi de Ebel El Saqi e Hasbaya. Já na Dom Pedro Segundo, com a menor concentração entre as ruas com mais de 10 imigrantes, a principal aldeia de origem dos 11 sírios e libaneses ali residentes era Ebel El Saqi ⁶⁰.

⁶⁰ A escrita dos nomes das aldeias está no mesmo formato que são escritos em inglês. Essa escolha se justifica pela possibilidade de um georreferenciamento mais preciso a partir dos dados disponíveis nos softwares de georreferenciamento, especialmente o ArcGIS, que foi utilizado para a identificação geográfica das aldeias no mapa apresentado no próximo capítulo.

Capítulo 5 – Recomposição familiar

5.1 As redes migratórias e a recomposição familiar

Os dados apresentados no capítulo anterior sobre os patrícios que se inseriram no comércio local e o apontamento para as principais ruas que se concentraram no meio urbano nos ajudam a identificar a presença de uma rede migratória entre determinadas aldeias e Bariri. Assim como em outras cidades do oeste paulista, os sírios e libaneses que se estabeleceram no local buscaram recompor a família que havia ficado na terra natal ao passo que foram alcançando uma relativa mobilidade socioeconômica, graças ao capital adquirido com o comércio.

Os estudos sobre as dinâmicas de mobilidade que deram origem ao conceito de redes migratórias, passaram a ganhar espaço na literatura a partir de 1960, inicialmente com o termo de cadeias migratórias. No trabalho *Chain Migration Ethnic Neighborhood Formation and Social Networks* (1964), John MacDonald e Leatrice Macdonald definiram o termo cadeias como um processo em que os migrantes potenciais aprendem sobre oportunidades, têm o transporte providenciado e o alojamento inicial e emprego organizados por meio de relações sociais primárias com migrantes anteriores. Segundo os autores, esse tipo de migração seria distinto da migração organizada de maneira impessoal, enfatizando o papel das redes sociais e conexões pessoais no processo de migração.

Como apontado por Truzzi (2008), outras definições, ora mais restritas ora mais abrangentes, também foram cunhadas por pesquisadores da área. Entre os diversos trabalhos, destaca-se o de Charles Tilly, *Migration in Modern European History* (1987) que buscou classificar as diferentes formas das redes estabelecidas pelos migrantes entre a origem e o destino, elencando-as em quatro categorias. A primeira era referente às migrações *locais*, que envolvia o deslocamento de um indivíduo dentro de um mercado geograficamente contíguo (trabalho, terras ou casamentos). A segunda eram as *circulares*, que levaria o indivíduo a se deslocar por um intervalo de tempo bem definido, de modo a retornar para a sua origem (trabalho sazonal colheitas, por exemplo). A terceira seria em *cadeia*, que nos parece ter ocorrido com a colônia árabe baririense, no qual o deslocamento ocorre a partir de informações e recursos (especialmente financeiros) coletadas com conterrâneos já estabelecidos em determinado destino. E a quarta seria a de *carreira*, movida por oportunidades de

emprego oferecidos pela organização a que já pertence ou pela demanda de mão de obra da sua profissão.

Como destacado anteriormente, o objetivo inicial da imigração era melhorar a condição financeira das famílias nas aldeias, e não necessariamente construir uma nova vida na América, ideia evidenciada pelas remessas de dinheiro enviadas para os familiares. Outro fator que merece destaque é que, inicialmente, a imigração era tida como temporária, de modo que alguns anos de trabalho no Brasil seriam suficientes para auferir os recursos necessários para uma vida próspera nas aldeias (Truzzi, 2009).

Essas circunstâncias se refletiam nos números de imigrantes “sírio-libaneses” que desembarcaram no porto de Santos, sendo o grupo que apresentava as maiores porcentagens de solteiros (63,58%), do sexo masculino (69,69%) e de avulsos (56,07% entrados sem família), entre 1908 e 1939. Outro dado interessante são os números de imigrantes que retornaram à terra natal, em que 45% dos sírios e libaneses que chegaram pelo porto de Santos nesse período, regressaram para junto de seus familiares, evidenciando os “laços robustos mantidos com a família” (Truzzi, 2009, p. 39).

Os laços familiares podem ser considerados como um dos três pilares da identidade desse grupo de imigrantes, somado à aldeia e à religião – esse último será discutido no próximo capítulo –, que segundo Truzzi (2009), estava atrelada a relação estabelecida com as propriedades agrícolas de subsistência que passavam de geração em geração entre os membros da família. Outro ponto que também evidencia esses laços era a incorporação, além do sobrenome, do primeiro nome do pai.

Com essa conexão familiar muito cara à colônia, o sucesso econômico dos pioneiros, ora demonstrado pelas remessas de dinheiro enviadas para a origem, ora pelas quantias que levavam consigo quando iam visitar os familiares, serviu como um impulso para que uma verdadeira “febre” se desencadeasse nas aldeias (Truzzi, 2009). Em Bariri, os pioneiros se esforçaram rapidamente para trazer seus familiares, como pode ser observado nos dados apresentados no capítulo anterior, em que no intervalo de poucos anos, passou a ser recorrente o registro de estabelecimentos comerciais em nome de “irmão” e “irmãos”⁶¹.

Ao falar sobre a formação da colônia, José Cava lembrou que os sírios e

⁶¹ Ver os dados apresentados no capítulo anterior, especialmente a partir de 1917.

libaneses que se estabeleceram em Bariri eram “praticamente todos de uma comunidade só, das mesmas aldeias [...], eles eram parentes, vinha um primeiro, mandava notícias e depois os outros acabavam chegando”. Esse fato também foi dito por Norma Curi em depoimento ao autor, que segundo ela, seus familiares

[...] contavam que vieram pra fazer a América. Então vinha primeiro o pai, na família da minha mãe quem veio foi o tio mais velho dela, porque o pai já tinha falecido. Aí vem o segundo abaixo dele, por idade, sempre os homens. Depois as mulheres. Eles iam juntando dinheiro e mandavam pra comprar a passagem. Da família da minha mãe, a última leva que veio, tinha a minha avó, minha mãe que tinha 17 anos e o irmão que tinha 15. Quando chegaram, a família já estava estabelecida financeiramente. Na família do meu pai, o pai do meu avô era mascate, ele parou em Santa Maria da Serra, perto aqui de São Pedro, era região de serra e tinham que subir pra vender as mercadorias. Daí veio o filho mais velho, o outro, o outro e por último meu pai, que era o mais novo, junto com a mãe.

Além dos que pertenciam à família, também vinham aqueles oriundos das mesmas aldeias, movidos pelos laços de conterraneidade, que também os ajudaram na inserção profissional, como discutido anteriormente. Em entrevista ao autor, Ibrahim Jacob lembrou que quando seu pai desembarcou no Brasil, foi direto para terras baririenses, e Mauro Jacob complementou dizendo que “já tinha uma colônia árabe aqui em Bariri... isso foi o chamariz”.

Em Bariri, uma das famílias pioneiras que investiram na recomposição familiar foram os Sabbag. Salim Sabbag, que consta nos registros locais desde 1905, parece ter auxiliado a vinda de seus familiares que rapidamente se instalaram no comércio, como José Sabbag, presente no local a partir de 1909, Pedro Sabbag em 1910, Abraão Sabbag e Assad Sabbag em 1915, além de Elias, Fauze, Jamil, Jorge e Tufick, que constavam nos registros em 1936.

Outro fator que merece destaque é que, mesmo se a família não fosse da mesma aldeia, residiam em outras muito próximas. Assad Sabbag era natural de Merjayoun e parece ter imigrado sozinho, recompondo sua família anos depois com a vinda do filho mais velho, João Sabbag, que desembarcou no porto de Santos em 1908, seguido de Nagib Sabbag e Tufick Sabbag, chegados em 1920, sendo todos naturais de Merjayoun. Os outros membros da família Sabbag que não eram de Marjayoun, tinham origem em Ebel El Saqi, aldeia com proximidade de pouco mais de seis quilômetros, tendo como exemplo Jorge Sabbag, além de Seme Sabbag, filho de Elias Sabbag. No decorrer dos primeiros 40 anos do século XX, instalaram-se em

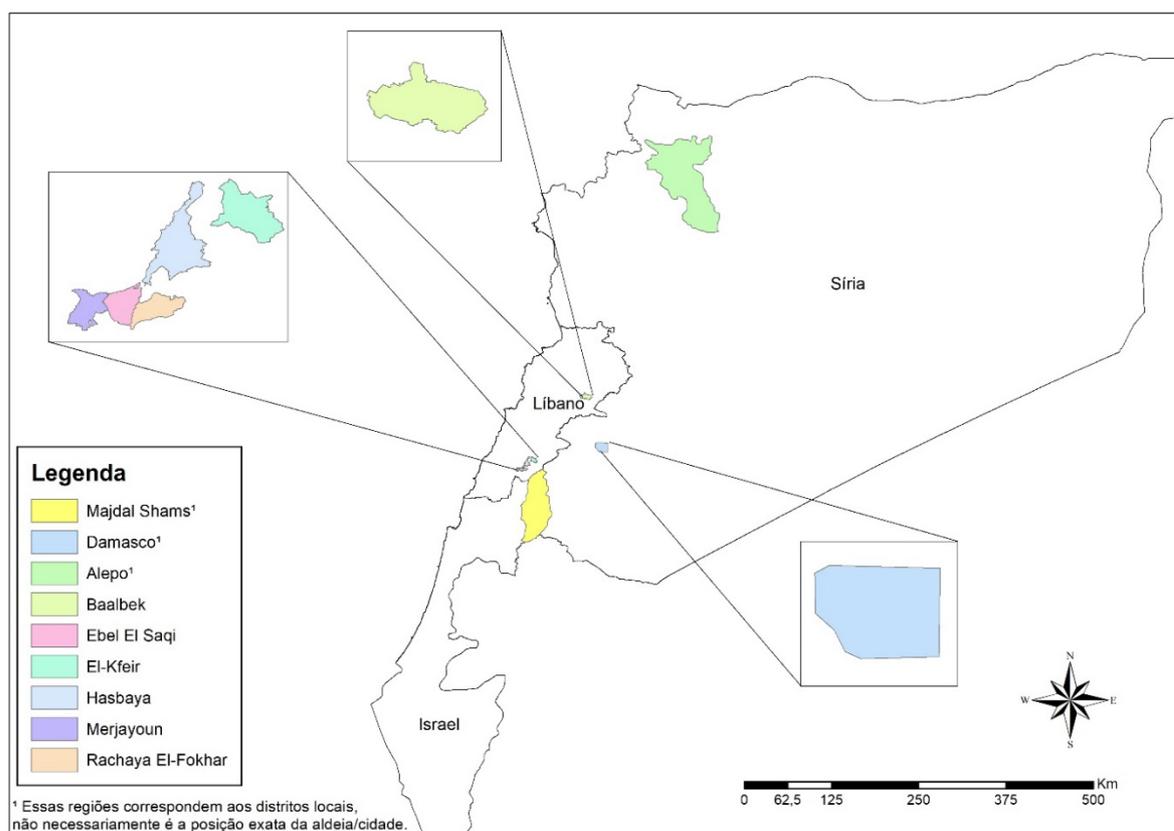
Bariri mais de 20 membros dessa mesma família.

Trajetória semelhante foi percorrida pela família Resegue. Jorge Resegue, um dos membros fundadores da associação comercial local, desembarcou no porto de Santos em 1897, retornou para buscar sua esposa, Rosa Bucallil Resegue, em 1914 e nos anos seguintes auxiliou na vinda do restante da família. Entre os imigrantes da família registrados em Bariri entre 1939 e 1943, todos eram naturais da aldeia de Ebel El Saqi.

Outra família que também buscou recompor seus integrantes em Bariri foram os Farah, oriundos de Ebel El Saqi, mesma aldeia dos Resegue e de alguns Sabbag. Dois exemplos que ajudam a elucidar essa rede são as justificativas apresentadas por Kemil Saad Farah e Fidelia Melhem Farah. Kemil desembarcou em 1914 no porto de Santos e, segundo seu prontuário de Registro Nacional de Estrangeiro, “veio com carta de chamada emitida por seu pai, Saad Farah”. Já Fidelia, chegou ao Brasil pelo porto de Santos em 1924, justificando em seu registro de estrangeiro que veio com uma “carta de chamada emitida por seu irmão, Nemer Melhem Farah”.

Além dessas famílias utilizadas como exemplo, também destacamos os Haddad, oriundos de Mjadal Chams, os Cury de Ebel El Saqi e Rachaya Al Foukhar, os Alem e Badin de Baalback, os Saba de Hasbaya, os Chaim, Jorge, Zakaib e Banutti de Rachaya El-Fokhar. Em ocorrências menores, também constavam imigrantes oriundos de Alepo, como Jorge Domingos e José Kebabe, e Damasco, com Maria Lotfi e Matilde Chadad Zedú. O Mapa 9 apresenta de forma ilustrativa as principais aldeias de origem.

Mapa 9 - Aldeias de origem dos sírios e libaneses da colônia bariense



Fonte: elaborado pelo autor a partir dos prontuários do Registro Nacional de Estrangeiro.

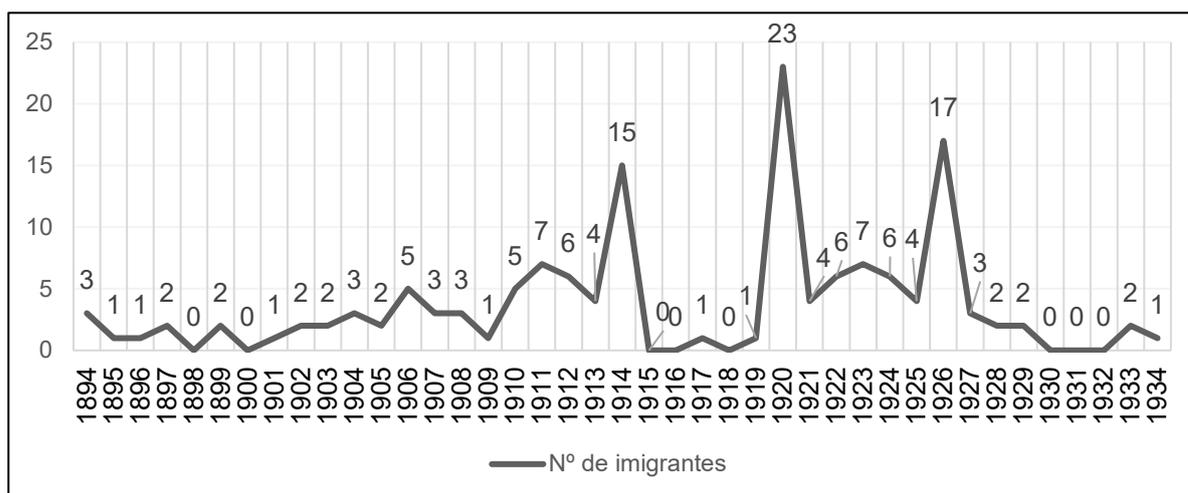
Entre todos os patrícios registrados em Bariri entre 1939 e 1945, constata-se que a principal aldeia de origem era Ebel El Saqi (51 imigrantes), seguida de Merjayoun (13 imigrantes), Rachaya El-Foukhar (13 imigrantes), Majdal Shams (11 imigrantes), Hasbaya (11 imigrantes), Baalbeck (6 imigrantes), Aleppo (2 imigrantes) e Damasco (2 imigrantes)⁶². Discussões acerca de questões mais específicas das principais aldeias de origem serão apresentadas no próximo capítulo.

Também é possível identificar os anos em que esses patrícios desembarcaram no território nacional. Mesmo que não tenham se dirigido a Bariri logo após a chegada, os dados permitem identificar momentos de maior intensidade na chegada, bem como os períodos em que quase nenhum imigrante da colônia aportou no Brasil. Entre a

⁶² Essas informações confirmam a hipótese inicial da pesquisa, que foi desenvolvida a partir do relato de Elias Alasmar a Greiber *et al* (1998, p. 251), ao afirmar que “em Jaú tinha muito patrício, mas a colônia de Hasbaïya era em Bariri. Lá havia sessenta famílias de Hasbaïya... tinha mais gente de Hasbaïya em Bariri do que na própria Habaïya”. Como será abordado adiante, Hasbaïya era a principal aldeia da região, servindo como referência para as aldeias menores, como Ebel El Saqi e Merjayoun.

década de 1890 e 1910, houve uma certa regularidade nos números, passando a aumentar de forma considerável a partir de 1910, provavelmente como consequência da inauguração da estação ferroviária local que ajudou a impulsionar o comércio, como já destacado anteriormente, tendo atingido o pico em 1914, ano que marcou o início da Primeira Guerra Mundial. Nos anos do conflito, somente dois imigrantes da colônia desembarcaram no país, atingindo segundo pico em 1920, com o conflito mundial já finalizado, mantendo uma certa regularidade nos anos seguintes. O último pico foi em 1926, ano em que, segundo Mello (1987), a colônia já contava com mais de 60 patrícios atuando no comércio e indústria locais.

Gráfico 8 - Ano de chegadas dos imigrantes sírios e libaneses da colônia baririense no Brasil



Fonte: elaborado pelo autor a partir dos prontuários do Registro Nacional de Estrangeiro.

5.3 “Árabe só se casava com árabe”

Em um estudo sobre a população paulista, Ellis Jr (1934, p. 203) relatou que o sírio quase sempre prosperava nas atividades comerciais e, ao passo que alcançavam relativo sucesso econômico, “constitui família se casando, quase sempre com patrícias que vem da Síria”. O autor também apontou que, segundo o *Annuario Demographico* de 1927, sírios e libaneses casavam-se, sobretudo, entre eles, com 50,5% de casamentos endogâmicos, número inferior somente aos japoneses (63,3%). Segundo Truzzi (2009, p. 89), isso ocorria porque os “sírios e libaneses foram

educados para se casarem entre “patrícios”, numa tradição patriarcal em que os mais velhos sempre procuraram determinar o casamento de seus filhos”.

Esse tipo de união é chamado na literatura americana de *homogamy* (homogamia), no qual indivíduos que compartilham características semelhantes, como classe, religião e grupo étnico se casam entre si. Segundo Kelmijn (1998), esse tipo de casamento pode ser pautado por recursos socioeconômicos e recursos culturais. No que se refere aos socioeconômicos, o autor argumenta que esses produzem bem-estar e status, e que é compartilhado pela família como um todo, não somente a um indivíduo. Dessa forma, seria mais vantajoso para um imigrante se casar com alguém de uma família que também possuía um alto grau de recursos socioeconômicos, para que pudessem compartilhá-los a partir do matrimônio. Na colônia árabe baririense, como a concentração profissional foi no ramo comercial, houve uma tendência de casamento entre as famílias que compartilhavam a mesma ocupação, tendo como exemplo o casamento de Miguel Farah, comerciante estabelecido em Bariri desde 1910 com seus pais, que se casou com Nehy Atui Farah, filha de Raduan Atui, também comerciante no local.

No que se refere aos recursos culturais, Kelmijn (1998) afirma que a união entre pessoas que compartilham características semelhantes favorece a confirmação mútua dos padrões de comportamento e das visões de mundo. Segundo o autor, a semelhança cultural também leva à atração pessoal, e a soma desses requisitos faz com que as pessoas prefiram se casar com alguém que tenha recursos culturais semelhantes, porque isso lhes permite desenvolver um estilo de vida comum no casamento. Esse argumento vai ao encontro do trabalho de Breton (1964), que apontou que o casamento entre membros de um mesmo grupo étnico pode influenciar a maneira como os imigrantes se integram na sociedade receptora.

Os casamentos *intraétnicos* seriam uma forma de fortalecer laços comunitários e preservar práticas culturais, como uma forma de preservar a identidade de origem na nova localidade. Em contrapartida, ainda segundo Breton (1964), os casamentos interétnicos, ou seja, com pessoas de outras origens, poderia facilitar a assimilação cultural e, de certa forma, a integração social nessa nova sociedade. Portanto, casar-se com alguém da colônia seria uma forma de preservar as características identitárias, justificando a frase “árabe só se casava com árabe”, dita por Norma Curi em sua entrevista ao autor, e evidenciado pelos dados que trataremos adiante.

Um outro estudo sobre casamento entre membros do mesmo grupo étnico foi

desenvolvido por Chiswick & Houseworth (2011), que buscou analisar esse tipo de casamentos entre imigrantes nos Estados Unidos. Dentre os diversos aspectos abordados pelos autores, dois podem ser utilizados para comparar e compreender os casamentos dos árabes em Bariri. Segundo os pesquisadores, quanto maior tempo um imigrante vivia nos Estados Unidos e quanto mais jovem era a idade de chegada no país, maior a probabilidade dele se casar com alguém de um grupo étnico diferente. Esse fator nos ajuda a entender um dos motivos que fizeram os membros da primeira geração da colônia baririense se casarem com pessoas da mesma origem.

Aqueles que imigraram sozinhos, ora voltaram em pouco tempo para a origem na busca por uma esposa, ou se casaram rapidamente com membros de outras famílias árabes que já viviam no local. Diferentemente de algumas parcelas da segunda e terceira geração, que por terem chegado a Bariri ainda muito novos, ou por terem nascido em Bariri, casaram-se com pessoas de outros grupos étnicos devido ao tempo que viveram no local. Essa ideia pode ser justificada com a fala de José Cava em entrevista ao autor, que ao se referir a colônia árabe, recordou que os

[...] sírios e libaneses praticamente exigiam que os filhos só se casassem com quem fosse da mesma origem. Italiano tinha um pouco disso, mas não tanto. Eram costumes diferentes. Houve muita proibição, teve gente que se mudou de Bariri e outros que ficaram solteiros. Isso foi se acalmando com o tempo.

O segundo aspecto destacado por Chiswick & Houseworth (2011) era em relação à distância linguística. Nos Estados Unidos, imigrantes com maior proficiência em inglês, possuem maiores chances de se casarem fora do seu grupo étnico. No caso da colônia de Bariri, os membros da primeira geração “só falavam em árabe”⁶³, ao passo que a segunda e a terceira se comunicavam em português, facilitando a comunicação entre os descendentes com outros grupos étnicos, gerando possibilidades de casamentos interétnicos, somado ao tempo que viveram no Brasil, como destacado anteriormente.

Entretanto, até a década de 1940 houve um predomínio de casamento entre patrícios. Segundo os dados analisados, foi possível identificar quatro tipos de união. A primeira é referente àqueles que já imigravam casados, mas que desembarcavam nos portos nacionais sem a companhia da esposa, e retornavam para a origem poucos anos depois para trazê-la consigo. Jorge Resegue chegou em 1897 pelo porto de

⁶³ Entrevista com Leide Boiani Sabbag.

Santos e foi buscar sua esposa, Rosa Bucalil Resegue, retornando para o Brasil em 1914. João Sabbag desembarcou no porto de Santos em 1908, retornou para a Síria em 1922 e no ano seguinte voltou para o Brasil na companhia de sua esposa, Loris Sabbag. Miguel Jorge Haddad desembarcou em Santos no ano de 1911, retornou para a origem em 1923 e regressou ao Brasil no ano seguinte com sua esposa, Jamile Ayoub Haddad.

O segundo tipo era referente aos que imigravam na companhia de suas esposas. Podemos destacar o casos de Raduan Atuy, que desembarcou no porto de Santos em 1906 com sua esposa, Chaine Cury; Jorge Nahra desembarcou em Santos em 1912, junto de sua esposa, Salime Ferez Nahra e do filho, Nemer Jorge Nahra; Jorge Jacob veio em companhia de sua esposa, Salimi Salomão, em 1920, desembarcando no porto do Rio de Janeiro; Massaud Bussada e sua esposa, Sofia Saad Bussada, desembarcaram no porto de Santos em 1920; Abdala Chaim desembarcou no porto do Rio de Janeiro em 1920, na companhia de sua esposa, Kahla Chaim e dos dois filhos; Tufik Sabbag veio com sua esposa, Ivone Sabbag, em 1920, desembarcando no porto do Rio de Janeiro.

O terceiro era em relação aos que se casavam em Bariri com membros das famílias da colônia, tendo sido a forma predominante de união. Um dos exemplos é a trajetória de Miguel Chaim, que veio para o Brasil para trabalhar no comércio junto de seus pais, que desembarcaram no porto de Santos em 1902. Anos depois, se casou com Sahid Sabag, que chegou ao Brasil em 1923 na companhia de seus pais. Outro caso semelhante é o de Aziz Chedid, que desembarcou no Brasil em 1920, e se casou com Zahya Farah Chedid, que imigrou junto de seus pais em 1914 com seis anos de idade.

E o quarto foram os que se casaram com pessoas de outros grupos étnicos, sendo a minoria entre a colônia. O primeiro foi Miguel Benutti, que chegou no Brasil em 1911, se casou com Maria Mantovani, que era brasileira. O segundo foi Jorge Zakaib, que também chegou no Brasil em 1911 e se casou com uma brasileira, Miquilina Guerrize.

Em números gerais, entre os 151 sírios e libaneses registrados em Bariri entre 1939 e 1945, somente 34 eram solteiros, sendo 20 homens e 14 mulheres. Nove foram registrados viúvos, sendo seis mulheres e três homens.

Capítulo 6 – Identidade étnica e religiosa

6.1 A identidade étnica

Durante o período de maior afluxo de desembarque de sírios e libaneses no Brasil, a Síria e o Líbano não eram países independentes como atualmente. De um modo geral, os imigrantes dessas duas futuras “nacionalidades” não tinham uma noção de identidade atrelada a um país, mas sim a três pilares, como já mencionado anteriormente, sendo eles a religião, a aldeia e a família, sendo esses dois últimos já explorados no capítulo anterior.

No que se refere à crença religiosa, segundo Truzzi (2009), na região da Síria, que foi berço do cristianismo, islamismo e judaísmo, as religiões frequentemente ocupavam o lugar do Estado. Era quase que inconcebível alguém não professar nenhuma religião, e por conta disso, frequentemente a autoridade das aldeias era vinculada a um líder religioso. Truzzi também destaca que o fator religioso também era o motivador da segregação geográfica na região, “concentrando fiéis do mesmo credo entre regiões, cidades ou entre bairros numa mesma cidade, estimulando o facciosismo entre seitas” (2009, p. 32).

Ao passo que começaram a migrar, os sírios e libaneses se viram em uma situação de “desprendimento” identitário. Carregavam consigo as crenças religiosas, o afeto pela aldeia e os laços com a família, mas ao se deparar com uma sociedade diferente das que estavam habituados, seja pelas características culturais do Novo Mundo ou pelo contato com grupos de diferentes origens, esses pilares não atuavam mais na mesma proporção. A consequência parece ter sido a busca por uma identificação mais ampla, que superasse os limites territoriais das aldeias, naquilo que Barth (2011) classificou como identidade étnica.

Segundo Barth (2011), um grupo étnico seria uma forma de organização social, que expressa uma identidade diferencial nas relações com outros grupos e com a sociedade mais ampla. Dessa forma, os indivíduos só desenvolveriam o senso de identidade étnica a partir do momento em que entrassem em contato com outros de práticas, costumes e crenças diferentes. E o que reforçaria essa identidade seriam as características culturais, que segundo o autor, seria o aspecto central de um grupo que permite que seus integrantes se sintam unidos entre si.

Isso não quer dizer que o grupo fosse ordenado de forma homogênea, visto

que as culturas estão sempre em movimento, com a presença de contradições e incoerências, mas tais características serviriam para manter, segundo Barth (2011), uma diferenciação entre grupos étnicos próximos geograficamente. Ao aplicar esse conceito à colônia árabe baririense, pode-se notar que algumas características culturais os aproximam – como o idioma e a religião – mesmo que fossem de origens distintas, pois a partir do momento que entravam em contato com os outros grupos étnicos do local (italianos, espanhóis e portugueses), as diferenças nas práticas e ações socioculturais eram ainda mais distantes.

6.2 Associativismo étnico: a Sociedade Syria de Beneficencia

Tais questões parecem ter sido fundamentais para a rápida organização da colônia em prol de um bem comum. Em praticamente 15 anos desde a chegada dos imigrantes pioneiros, a colônia fundou em 10 de janeiro de 1915 a Sociedade Syria de Beneficencia. Segundo seu estatuto, era uma sociedade de trabalhos morais, tendo como princípios a amizade, fraternidade e igualdade. Tinha como fim a prática de beneficência e o sustento de toda obra referente a esse princípio.

Contava, inicialmente, com 26 integrantes, sendo todos “syrios”. A diretoria era composta por Pedro Sabbag (presidente), Nassif Haddad (vice-presidente), Alfredo Sabbag (1º secretário), Elias Sabbag (2º secretário), Miguel Haddad (tesoureiro) e Daud Nassif (inspetor geral). Os seis membros efetivos, conforme o estatuto, eram Assad Sabbag, Tufik Saba, João Sabbag, Daud Farah, Tufik Mahacad e Fadlah Mauad.

Essa prática de associativismo étnico também se fez presente em outros locais que se formaram colônias árabes. De modo geral, era mais comum ocorrer em cidades nas quais a colônia era mais numerosa, tendo como destaque a colônia de Piracicaba, que fundou a Sociedade Beneficente Syria em 1902; em Rio Preto, a colônia formou a sua primeira associação em 1913, mas que teve vida efêmera, tendo emergida a segunda em 1922, com o nome Sociedade Jovens Syrios; e a colônia de Barretos, que fundou em 1915 a Sociedade União Síria (Truzzi, 2019).

Retomando a Sociedade formada em Bariri, é importante destacar que os membros fundadores tinham ligações profissionais com o comércio, fator que impulsionou a mobilidade social do grupo como destacado no Capítulo 4, e predominavam integrantes da mesma família, especialmente os Sabbag, que nos

parece ter sido a que alcançou maior destaque social no município até a década de 1940. Como mencionado, tinha como uma das principais práticas a beneficência, e segundo o estatuto, para sustentar tais obras, os que desejassem se tornar sócios deveriam pagar uma taxa de adesão e mensalidade, como descrito no artigo 25⁶⁴, em que *“cada aderente paga dez mil réis como joia e dois mil reis mensaes. Quem atrasar no pagamento será obrigado a pagar um mil réis extra por cada mez de atrazo”* (Sociedade Syria De Beneficencia, 1915, p. 3).

Outro fato que merece destaque são as relações que deveriam estar estabelecidas previamente entre os conterrâneos para que pudessem se postular como membros da Sociedade, destacando o papel as redes de confiança (conceito que será abordado adiante) entre os patrícios locais. Segundo o estatuto,

Artigo 24 – Quem desejar a sua adesão a Sociedade apresentará um pedido escripto ou verbal por intermeio de qualquer dos socios, indicando o seu desejo e o seu domicilio. A resposta ser-lhe-á dada, sim ou não, conforme decisão da maioria.⁶⁵

A soma desses dois fatores – o capital auferido com o comércio e as relações de confiança – permitiram que logo em seus primeiros anos de existência, a Sociedade começasse a executar obras de beneficência. Segundo Cava, as ações tomadas visavam atender a comunidade de um modo geral, pois *“davam assistência com remédios, médicos, hospitalização, até quando falecia uma pessoa”*.

Em 1917, dois anos após sua fundação, fizeram uma doação para a Cruz Vermelha Brasileira, totalizando pouco mais de um milhão de reis. No ano seguinte, a Sociedade foi homenageada pelo grupo de escoteiros de Bariri, com o objetivo de *“demonstrar o reconhecimento à mesma pelo muito que tem feito em prol dos escoteiros dessa localidade”*⁶⁶. Também merecem destaque as doações feitas em 1928 para a construção da Santa Casa de Misericórdia, junto de outras associações locais. Tais ações indicam a preocupação em ampliar o relacionamento e a interlocução com a comunidade mais ampla, buscando o reconhecimento de setores externos ao grupo étnico.

⁶⁴ Os textos transcritos do estatuto da Sociedade foram mantidos com a sua escrita original para não se correr o risco de mudar o sentido do texto. Portanto, não acompanha as normas ortográficas vigentes atualmente.

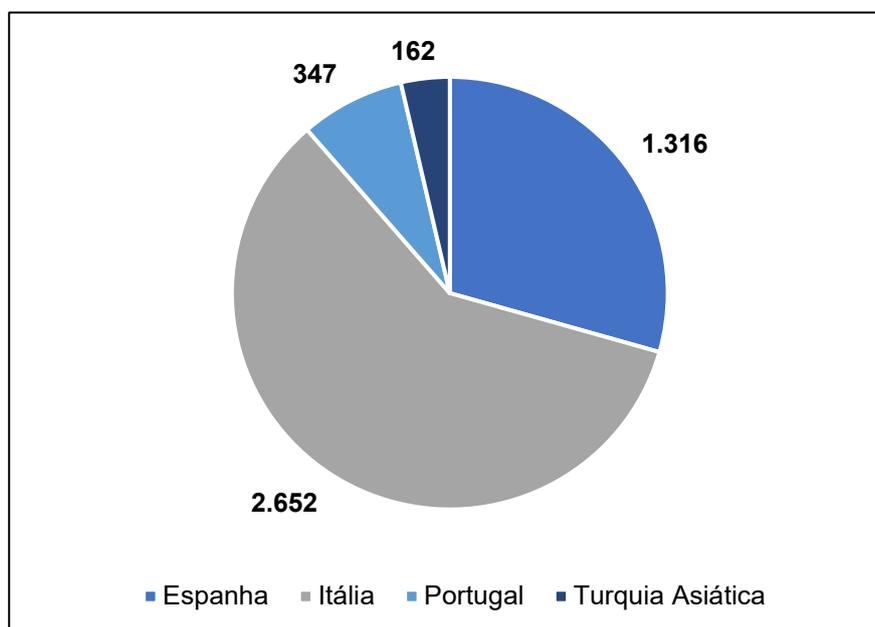
⁶⁵ Sociedade Syria De Beneficencia, 1915, p. 3.

⁶⁶ Ver Figura 13 em Anexos.

Mesmo com essas ações voltadas para a comunidade, o principal objetivo “era a ajuda mútua aos imigrantes”⁶⁷, que poderia ser tanto no âmbito financeiro e profissional, numa rede de ajuda aos recém-chegados ou aos que estavam passando por algum tipo de crise, quanto na sociabilidade entre seus membros. Norma Curi, ao recordar da trajetória de seu avô, que fez parte da Sociedade algum tempo depois de sua fundação, relatou que “eles eram muito unidos, faziam reuniões semanais nas casas dos patrícios [...], fumavam, bebiam e jogavam baralho, sempre falando em árabe”.

Um ponto que merece destaque é o alto nível de coesão social – também chamado de capital social, conceito que trataremos adiante – entre os membros da colônia. Em uma comparação demográfica entre as principais nacionalidades com mais de 100 imigrantes presentes em Bariri no Recenseamento de 1920, a colônia árabe era a menor, como pode ser observado no Gráfico 9

Gráfico 9 – Nacionalidades com mais de 100 imigrantes registrados em Bariri (1920)



Fonte: adaptado do Recenseamento de 1920

Entretanto, cabe destacar a precoce capacidade associativa desse grupo. A colônia italiana, que tinha o maior número de imigrantes, fundou a *Sociedade Italiana*

⁶⁷ José Cava em entrevista ao autor.

de Beneficência IV de Novembro somente em 1921, e os espanhóis, segundo maior contingente, fundaram a *Sociedade Hespânica* em 1928. Em relação aos portugueses, não foram encontrados registros a respeito de nenhuma sociedade.

Ao comparar os números da colônia local com as cidades vizinhas, esse associativismo ganha ainda mais destaque. Ainda segundo o Recenseamento de 1920, Jaú contava com 190 patrícios, Pederneiras com 167 e Ibitinga com 151, e em nenhuma dessas cidades houve a criação de sociedades étnicas pelos árabes antes da que se formou em Bariri, reforçando a coesão existente entre os patrícios, que pode ser justificado pela rede migratória estabelecida com as aldeias, algumas relativamente bem próximas de outras, como já observado.

6.3 A Igreja Ortodoxa Antioquina de São Jorge

Pouco mais de 10 anos após sua fundação, a Sociedade Syria de Beneficencia solicitou ao juiz de direito de Bariri o registro do seu estatuto junto à autoridade civil. No ano da solicitação, em 1926, os membros da diretoria eram Pedro Sabbag (presidente), Raduam Atuy (vice-presidente), Jorge Sabbag (1º secretário), Elias Marcos (2º secretário) e Miguel Jorge Haddad (tesoureiro). Os membros eram Alexandre Chadade, Salim Haddad, Félix João, Elias Abrahão, Jacob Banutti, Jorge Marcos e João Sabbag.

Esse registro nos parece ter sido solicitado para que pudessem, ainda no mesmo ano, dar um passo significativo para demonstrar o seu poder socioeconômico e diferenciação étnica em relação às outras nacionalidades. Em 1926, a Sociedade adquiriu um terreno na avenida João Lemos com o objetivo de construir uma sede social e uma igreja ortodoxa, a primeira na região de Bariri. A comissão responsável pela obra era formada por Salim Sabbag (presidente), Neme Abussamra (vice-presidente), Jorge Sabbag (1º secretário) e Salim Jabur (mestre de ordem). As obras tiveram início ainda em 1926 e a igreja foi aberta ao público em 1928, mesmo sem estar totalmente concluída, com o nome Igreja Ortodoxa Antioquina de São Jorge (Zanotti, 1988, p. 64).

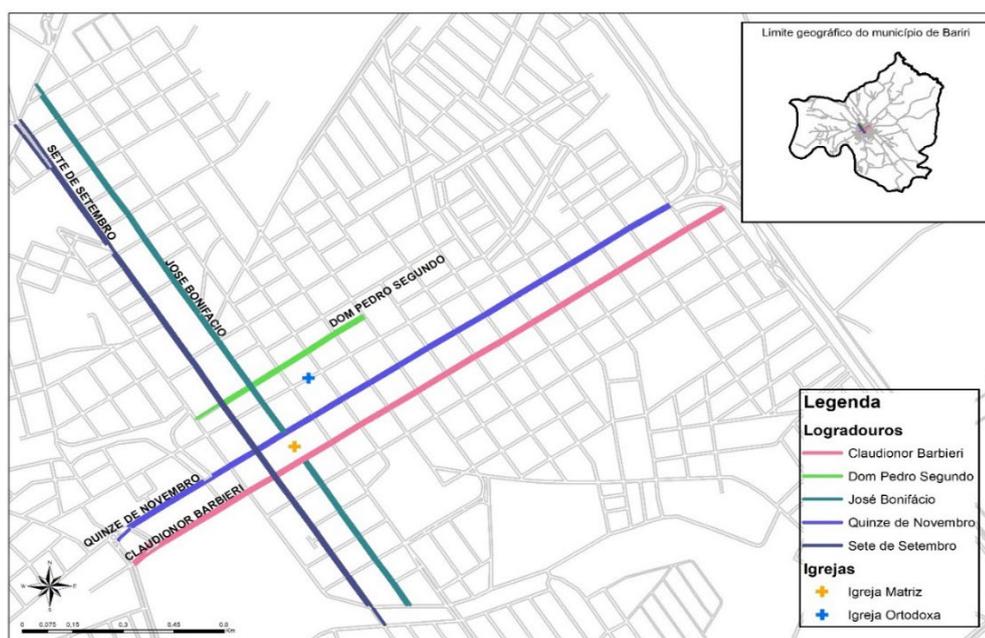
Figura 5 – Igreja Ortodoxa Antioquina de São Jorge



Fonte: site da Catedral Ortodoxa do Brasil.

Cabe ressaltar que a localização era estratégica, pois ficava próxima às principais ruas de concentração dos patrícios, além de estar situada a apenas duas quadras da Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores.

Mapa 10 - Ruas de concentração e localização das igrejas em Bariri



Fonte: elaborado pelo autor.

7.3 A identidade religiosa

A maioria dos sírios e libaneses que desembarcaram no Brasil nas últimas décadas do século XIX e início do XX eram cristãos, dentre eles maronitas, ortodoxos e católicos romanos. Também vieram, em menor número, melquitas, muçulmanos, drusos e judeus, além de protestantes oriundos principalmente do Líbano (Truzzi, 2016)

A análise de dados mais precisa referentes à religião dos patrícios que chegaram ao país constitui uma tarefa complexa, especialmente porque as autoridades brasileiras apenas diferenciavam as crenças dos imigrantes que aqui aportavam em dois grandes grupos, como “católicos” e “acatólicos”. Em um estudo mais recente, Truzzi (2016) destacou que os maronitas predominassem entre aqueles que provinham do Líbano, enquanto os ortodoxos (integrantes do contingente de acatólicos), eram majoritários entre os que tinham origem síria.

Para a análise aqui proposta, uma breve discussão acerca das diferentes vertentes do cristianismo nos ajuda a entender esses termos. Tomemos como base uma das únicas obras a respeito das igrejas orientais publicadas no Brasil, de Roberto Khatlab, chamada *As Igrejas Orientais católicas e ortodoxas: tradições vivas* (1997). Segundo o autor, após a morte de Teodósio I em 395, que acarretou a divisão do Império Romano entre Oriente e Ocidente, 57 igrejas tiveram uma evolução gradual até se tornarem comunidades independentes. De modo geral, são classificadas em quatro grupos. O primeiro é formado pela Igreja Assíriaca do Oriente (Igreja Nestoriana), que foi condenada no 3º Concílio de Éfeso, em 431, por discordância em relação a natureza divina de Cristo e de Maria. O segundo se refere as Igrejas Ortodoxas Monofisistas, também chamadas de Não-calcedônias, por não terem aceitado o 4º Concílio da Calcedônia, em 451, e serem condenados por ele. Fazem parte desse grupo cinco igrejas, a Armênia, Copta, Etíope, Siríaca e Malankar.

O terceiro é formado pelas igrejas ortodoxas a partir da ruptura de 1054, com todas em comunhão entre si, reconhecendo o Patriarca Ecumênico de Constantinopla como a figura de unidade, e são divididas em quatro subgrupos. O primeiro são as igrejas autocéfalas (governadas por si mesmas), com os patriarcados de Constantinopla, Alexandria, Antióquia e Jerusalém. O segundo são as igrejas autônomas (autônomas no governo, mas não autocéfalas, visto que seus chefes devem ser aprovados por uma Igreja Autocéfala), formadas pelas igrejas da

Arquidiocese do Monte Sinais, presentes em países como Finlândia, Japão e China. O terceiro são as igrejas canônicas dependentes de Constantinopla (do Patriarcado Ecumênico, o autocéfalo), composto pela Igreja Americana Greco-católica Ortodoxa Carpático-russa, Igreja Ucrâniana da América e do Canadá, Arquidiocese Russa na Europa Ocidental, Diocese Albanesa da América e o Conselho Bielorusso da Igreja Ortodoxa na América do Norte. E o quarto seria as chamadas igrejas irregulares, que não possuem um estatuto canônico, como a Russa no Exílio, Ucrâniana Ortodoxa, Autocéfala Bielorrussa, Macedoniana e Grega Ortodoxa.

O quarto seriam as igrejas orientais católicas, que reconhecem o Papa como chefe da Igreja, divididas em dois subgrupos. O primeiro seriam as sem homóloga ortodoxa, formada pela Igreja Maronita e a Igreja Ítalo-albanesa, e o segundo com homólogas ortodoxas, com as igrejas da Caldeana, Malabar, Armênia, Copta, Etíope, Síriaca, Malankar, Melquita, Ucrâniana, Rutena, Romena, Grega, Iugoslava, Búlgara, Eslovaca e Húngara.

Para compreender a religião dos imigrantes que se estabeleceram em Bariri, devemos recorrer às suas aldeias. As informações a esse respeito podem ser encontradas na obra *Description géographique, historique et archéologique de la Palestine* publicada em 1875, que continha cartas escritas por Victor Guérin, um intelectual francês que viajou pela região e descreveu as características físicas, sociais e religiosas das aldeias.

Segundo os escritos de Guérin, a principal aldeia de origem da colônia baririense, Ebel El Saqi, localizada no sul do atual território libanês, tinha aproximadamente 1.000 habitantes em 1875, com 700 desses classificados religiosamente como ortodoxos gregos e o restante eram drusos. Merjayoun, a segunda principal aldeia, que na época era chamada de Djedeideh, tinha cerca de 2.000 habitantes, com a maioria religiosa sendo de gregos cismáticos (melquitas), seguidos dos ortodoxos gregos e muçulmanos. Rachaya El-Foukhar, terceira principal origem da colônia, tinha pouco mais de 700 habitantes, sendo que a maioria denominada religiosamente como “ortodoxos gregos”.

Em Majdal Shams, o predomínio também era dos drusos, de modo que a aldeia era considerada um ponto de refúgios para os que vivam na região nos períodos de conflitos religiosos. As famílias cristãs eram restritas a três ou quatro⁶⁸. Por fim, a

⁶⁸ Essas informações foram extraídas da obra de Herbet Rix, *Tent and Testament: A Camping Tour in*

aldeia de Hasbaya, que segundo Guérin foi o local onde ocorreu o massacre dos cristãos, principalmente os maronitas, por parte dos drusos em junho de 1860, contava com uma população total de 3.940 habitantes, sendo 2.000 drusos, 1.500 gregos cismáticos (melquitas), 200 muçulmanos, 120 maronitas, 80 ortodoxos gregos e 40 protestantes.

Dito isso, podemos identificar que os imigrantes da colônia local faziam parte da maioria religiosa somente em Ebel El Saqi, já que nas outras aldeias o predomínio era dos cristãos melquitas, como em Merjayoun, e dos drusos, em Majdal Shams e Hasbaya. Segundo os dados dos prontuários dos patrícios registrados em Bariri entre 1939 e 1945, naqueles em que houve a descrição religiosa, o predomínio foi de ortodoxos, seguido dos que se declaram católicos, sem a presença de nenhum outro credo.

Esses dados justificam a construção de uma igreja antioquina no local. Nas palavras de Norma Curi, a igreja construída pelos patrícios “ficou conhecida como igreja síria, mas ela não era síria, só era frequentada por sírios e libaneses que eram da religião ortodoxa. Mas ela é grega, ortodoxa grega”. A questão religiosa, tão cara aos patrícios locais, fez com que além da construção da igreja, a própria Sociedade que financiou as obras se desmembrasse em outra associação étnica, com maior apreço para as questões religiosas.

Em 1932 foi fundada a Liga Orthodoxa de São Jorge. A diretoria era composta por Jorge Marcos (presidente), Miguel Chaim (vice-presidente), Jorge Sabbag (secretário) e Miguel Farah (tesoureiro), além dos membros, com Miguel Jorge Haddad, Demetrio João e Tufik Sabbag. Em uma comparação entre o estatuto da Sociedade com a da Liga recém-formada, é possível identificar os objetivos relativamente diferentes, como pode ser observado nos dois primeiros artigos do documento da Liga:

Artigo 1º - Denomina-se esta sociedade: “Liga Orthodoxa de São Jorge”, com sede em Bariry, que é ligada, virtualmente, ao Conselho Administrativo da Diocese Ortodoxa do Brasil, em São Paulo, de quem depende

Artigo 2º - O fim desta sociedade é conservar o povo orthodoxo, que é obediente a Igreja de São Jorge de Bariry; administras os haveres da mesma igreja e praticar tudo o que bem interessa moral e materialmente a dita Igreja;

Palestine with Some Notes on Scripture Sites (1907). O autor não apresentou dados sobre a população total do local.

nada tem a ver com política.⁶⁹

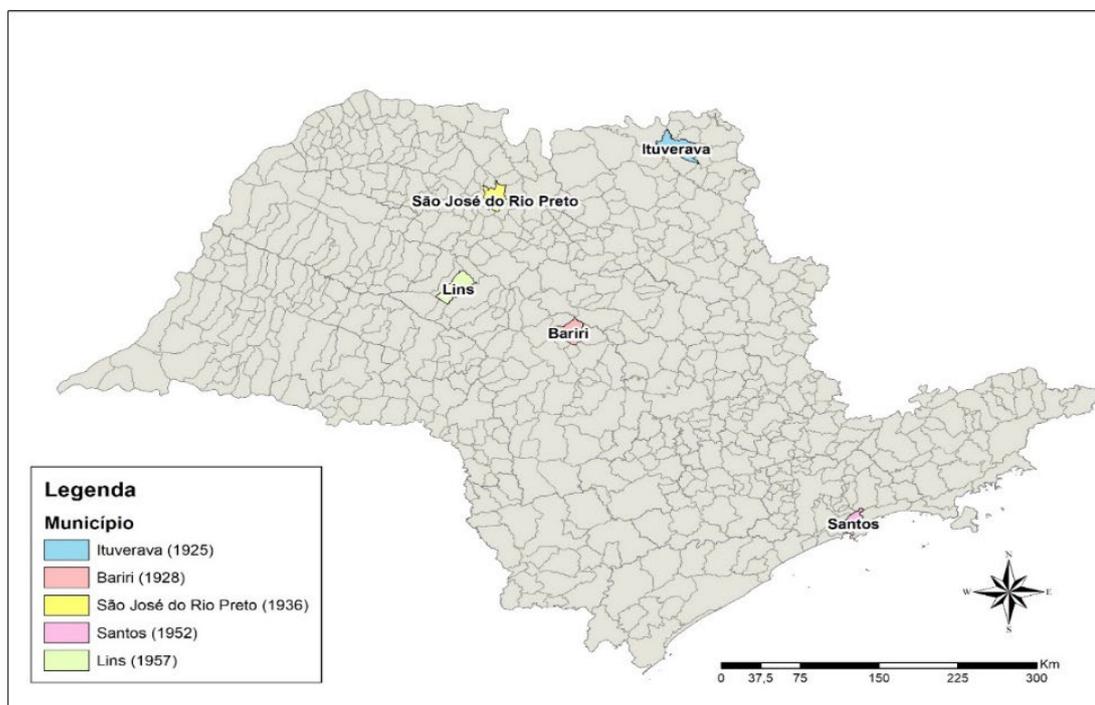
Dentre os 24 artigos do estatuto, além dos já mencionados, cabe destacar o de número 10, que reiterava que cabia a Liga “representar o povo orthodoxo obediente a Igreja de São Jorge perante a justiça civil e religiosa”, e o de número 11, que salientava que “o povo orthodoxo desta cidade é considerado amparo moral e material desta sociedade. Esses trechos reforçam uma clara diferença em relação ao estatuto da Sociedade de 1915, que tinha como objetivo geral ajudar a comunidade como um todo, em comparação ao cunhado em 1932, com caráter de auxílio e representatividade para aqueles que pertenciam ao mesmo credo.

6.4 Os ortodoxos no oeste paulista

Ao analisar o interior do estado de São Paulo, especialmente o oeste paulista, notamos que a igreja ortodoxa de Bariri foi a segunda a ser construída para além do território da capital paulista, como pode ser observado no Mapa 11.

⁶⁹ Apesar da tentativa de distanciamento da política pela frase final do Artigo 2º, é importante destacar que nesse período ocorria a ascensão dos nacionalismos libanês e sírio na origem e a perspectiva destas duas regiões se tornarem países independentes.

Mapa 11 – Igrejas ortodoxas antioquinas no estado de São Paulo



Fonte: elaborado pelo autor a partir dos dados da Catedral Ortodoxa do Brasil.

A primeira igreja ortodoxa antioquina foi construída em Ituverava (1925), seguida de Bariri (1928), São José do Rio Preto (1936), Santos (1952) e Lins (1957). É importante destacar que em cada uma dessas cidades, os esforços e recursos para tal construção foram diferentes, e para uma análise mais precisa, tomemos como base as igrejas que foram construídas até o final da década de 1930.

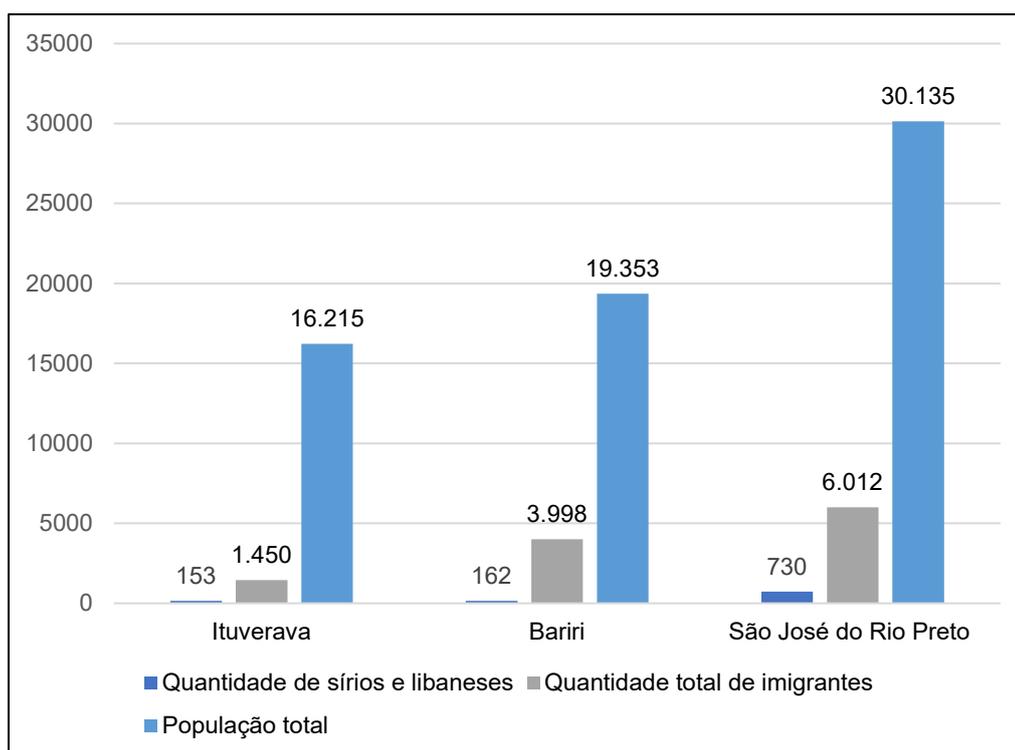
Em Ituverava, a Igreja Ortodoxa Antioquina de Nossa Senhora de Ituverava foi construída pela soma de esforços dos sírios e libaneses ali residentes e de autoridades religiosas, tanto locais quanto estaduais, nas figuras do Bispo Dom Mikhael Chehade, do Arqumandrita Isaías Aboud e do Padre Elias Al Laham.

Em Bariri, a Igreja Ortodoxa Antioquina de São Jorge, como abordado anteriormente, foi construída somente com recursos financeiros dos patrícios, especialmente os que eram membros da Sociedade. Trajetória semelhante com a igreja de São José do Rio Preto, também chamada de Igreja Ortodoxa Antioquina de São Jorge, que foi construída com os recursos da colônia, em especial da sociedade

Damas Ortodoxas⁷⁰.

Ainda se valendo dos dados do Recenseamento de 1920, é possível traçar um panorama demográfico comparativo a respeito da população dos municípios que tiveram uma igreja construída até o final da década de 1930.

Gráfico 10 - Comparação populacional entre as cidades com a presença de igrejas ortodoxas até 1940 pelos dados do Recenseamento Geral de 1920



Fonte: adaptado do Recenseamento Geral de 1920.

Comparando os dados, constatamos que entre as colônias das três cidades, mesmo a de Bariri sendo um pouco maior do que a de Ituverava, na comparação estatística com o total de imigrantes e população total, a baririense apresentava dados quantitativos menores, como pode ser observado no Gráfico 6. Isso significa que, das cidades que lograram erigir uma igreja ortodoxa na época, Bariri era a que apresentava a menor proporção de membros da colônia em relação à população total de imigrantes ou da cidade.

⁷⁰ As informações sobre as igrejas foram colhidas junto ao site da Igreja Ortodoxa Antioquina – Arquidiocese de São Paulo e todo o Brasil, disponíveis no seguinte link: <https://www.catedralortodoxa.com/>.

O empreendimento religioso, além de atender a colônia local, também prestava assistência a outras colônias da região pela presença de um padre ortodoxo, que se deslocava até as cidades para realizar batismos. No livro com as atas de batismos entre os anos de 1935 e 1958, além dos que ocorreram em Bariri (seis registros), também foram registrados batizados feitos por ele nas cidades de Assis (seis registros), Bauru (um registro), Itapuí (um registro), Pederneiras (um registro), Santo Anastácio (um registro) e São Carlos (um registro), no estado de São Paulo, além de Londrina (um registro), no Paraná.

6.5 O papel do capital social

É relevante ressaltar a trajetória associativa da comunidade árabe local. Eles desempenharam um papel significativo na criação da associação comercial em 1914 e na ocupação de cargos ao longo de sua história. Além disso, a precoce formação da associação étnica em 1915, que resultou na construção da igreja ortodoxa em 1926, pode ser explicada à luz da teoria do capital social, um conceito amplamente discutido e que, segundo Putnam (2000), foi "inventado" mais de seis vezes somente no século XX. Aqui, optamos por não fazer o resgate de toda essa discussão, focando somente nas discussões acerca do conceito feitas por Bourdieu (1986), Coleman (1988) e Putnam (2000; 2006).

Para Bourdieu (1986), o capital social seria a soma de recursos, reais ou potenciais, que estão vinculados a uma rede durável de relacionamentos mais ou menos institucionalizados de mútuo conhecimento e reconhecimento. Esses recursos possibilitariam a essa rede (grupo) obter créditos em vários sentidos como, por exemplo, recursos financeiros. Ainda segundo o autor, não seria possível mensurar a dimensão do capital social se analisado a partir de um único indivíduo, pois o volume desse tipo de capital dependeria do tamanho das redes de conexões que sujeito possuiria e do volume de capital (econômico, cultural ou simbólico) presente entre os outros indivíduos dessa rede.

Em outras palavras, Bourdieu vê o capital social como o valor que os indivíduos obtêm de suas redes sociais, através das quais podem acessar outros tipos de capital. Ao aplicar esse conceito à trajetória da colônia árabe baririense, poderíamos dizer que os imigrantes pioneiros já possuíam um certo grau de capital social entre seus conterrâneos na origem. Ao passo que se estabeleceram em Bariri, se valeram dos

laços de confiança que eram estabelecidos a partir da rede e conseguiram motivar a vinda dos seus familiares e conterrâneos. Os pioneiros seriam então, os agentes mobilizadores desse capital, transferindo-o da origem para o destino.

Uma outra concepção de capital social, que também pode ser empregada ao analisar a trajetória da colônia local, foi cunhada por James Coleman (1988), que o definiu a partir dos efeitos relacionais presentes na estrutura social. Segundo o autor, o capital social não reside em indivíduos, mas nas relações entre eles. As principais características dessa rede seriam a confiança, a informação útil e os benefícios relacionais (especialmente as oportunidades de trabalho). Essas relações, ao promoverem a confiança entre os indivíduos, seriam um dos fatores que faziam com que os patrícios decidissem imigrar, sobretudo a partir das informações enviadas pelos pioneiros aos conterrâneos.

Para Coleman (1988), o capital social seria o responsável por possibilitar a realização de objetivos que seriam inalcançáveis caso ele não existisse. No caso dos patrícios de Bariri, podemos dizer que o capital social foi um dos principais fatores que os levaram a praticamente dominar o meio comercial da cidade na primeira metade do século XX. Também impactou na capacidade associativa que culminou na fundação da sociedade beneficente em 1915 e na construção da igreja em 1928, que nos leva a uma outra definição de capital social.

Segundo Robert Putnam (2000), o capital social se desenvolveria nas relações entre determinados indivíduos, que os favoreceria na busca por um suporte mútuo, cooperação, confiança e eficácia institucional, que poderia variar em grau e em finalidade (caso as ações pudessem ser definidas como boas e ruins. Putnam também apontou para os possíveis benefícios que o capital social na questão associativa. Segundo ele, a participação em associações comunitárias – nesse caso, uma associação mutualista étnica – propicia a aproximação entre as pessoas e fortalece os laços entre elas, favorecendo a busca por um bem comum. Destacou também que os sistemas de participação cívica são “uma forma essencial de capital social: quanto mais desenvolvidos forem esses sistemas numa comunidade, maior será a probabilidade de que seus cidadãos sejam capazes de cooperar em benefício mútuo” (Putnam, 2006, p. 183).

Podemos considerar essa associação mutualista como uma forma de participação cívica, e o benefício mútuo (ou bem comum), que levou à construção da igreja, como um elemento de coesão e reforço identitário. Isso se justificaria ao

analisar a colônia de um modo geral, pois como a maioria dos imigrantes sírios e libaneses que se instalaram no município eram cristãos ortodoxos ter um espaço para cultuar sua fé era fundamental para preservar um dos pilares da identidade desse grupo na origem, que era a religião.

A consequência da construção do empreendimento religioso, somado as redes e ao empreendedorismo étnico, foi o aumento significativo entre os habitantes da cidade que se declaravam ortodoxos. Como já mencionado, entre os imigrantes da colônia que obtiveram o Registro Nacional de Estrangeiro entre 1939 e 1947 e que ocorreu menção ao credo religioso, todos se declaram como ortodoxos. Essa informação é ainda mais expressiva ao analisar os dados acerca da religião no Recenseamento de 1940. Segundo o documento, 245 pessoas que vivam em Bariri neste ano eram ortodoxas, sendo 130 homens e 115 mulheres. Pode-se pressupor que esse era o número de imigrantes árabes presentes no município em 1940, visto que as outras principais nacionalidades (portugueses, italianos e espanhóis) professavam, quase que em sua totalidade, o credo católico. Em comparação ao Recenseamento de 1920, que registrou 162 sírios e libaneses em Bariri, a colônia local teve um acréscimo de mais de 80 pessoas em um intervalo de 20 anos.

Entretanto, por vários motivos que não caberia aqui aprofundar (Truzzi, 2016), o empenho em manter a religiosidade original do grupo arrefeceu ao longo das gerações seguintes, mais preocupadas em explorar os novos caminhos da ascensão social que lhes seriam abertos, como destacado no Capítulo 4 e que também será abordado no capítulo seguinte.

Capítulo 8 – A vida pública

8.1 A atuação nos clubes e em outras associações locais

Entre as décadas de 1920 e 1930, o futebol passou a ser o esporte de maior destaque em Bariri. Dentro os principais times, destacavam-se o União Futebol Clube e seu rival, o 7 de Setembro Futebol Clube. Ambos encerraram suas atividades na transição entre as décadas mencionadas, mas foi o União que se transformou em outro clube, o Clube Atlético Baririense, liderado por Neme Abussamra, comerciante no local e membro da colônia árabe. Em sua obra memorialística sobre a história da cidade, intitulada *História de Bariri*, Eugênio Gatto Netto (1993) recordou sobre a atuação do patrício no clube recém-criado com o objetivo de vencer os rivais de Bocaina, cidade vizinha de Bariri, ainda em 1930.

E foi com esse clube que Neme Abussamra, querendo vencer e arrasar nosso mais temível adversário naqueles anos, os carços de manga do Bocaina F. C., decidiu formar uma verdadeira seleção com jogadores do E. C. Sírios, que então disputava a primeira divisão da Associação Paulista de Esportes Atlético, a sempre lembrada APEA. Com seu prestígio e seu dinheiro, reuniu uma verdadeira seleção de craques. No gol, Barufi, goleiro do XV de Jaú, então um dos melhores da região; a zaga foi a nossa: Amélio Di Franceschi e Valtinho; o trio médio foi formado por Pé de Ferro, craque nosso, Vani e Tufi, ambos do E. C. Sírio. Tufi, que foi o maior jogador da partida, logo mais estaria no Palestra Itália, onde seria tricampeão paulista, campeão do torneio Rio-São Paulo e ainda integraria a seleção brasileira. No ataque, quatro integrantes do E. C. Sírio: Del Perro, Valdemar de Brito, Petronilho e Pedrinho. Desses jogadores, Valdemar de Brito viria a ser uma das grades glórias do futebol brasileiro, e Petronilho, um dos maiores malabaristas do futebol mundial, que logo mais iria encantar os argentinos defendendo o São Lorenzo de Almagro. Na ponta-esquerda, atuou o nosso Robertinho. Era quadro mais que suficiente para fazer os barriga verde felizes e se previa, no mínimo, uma semana de festas para se festejar a grande vitória. Mas a história... foi diferente e bem amarga (Netto, 1993, p. 64).

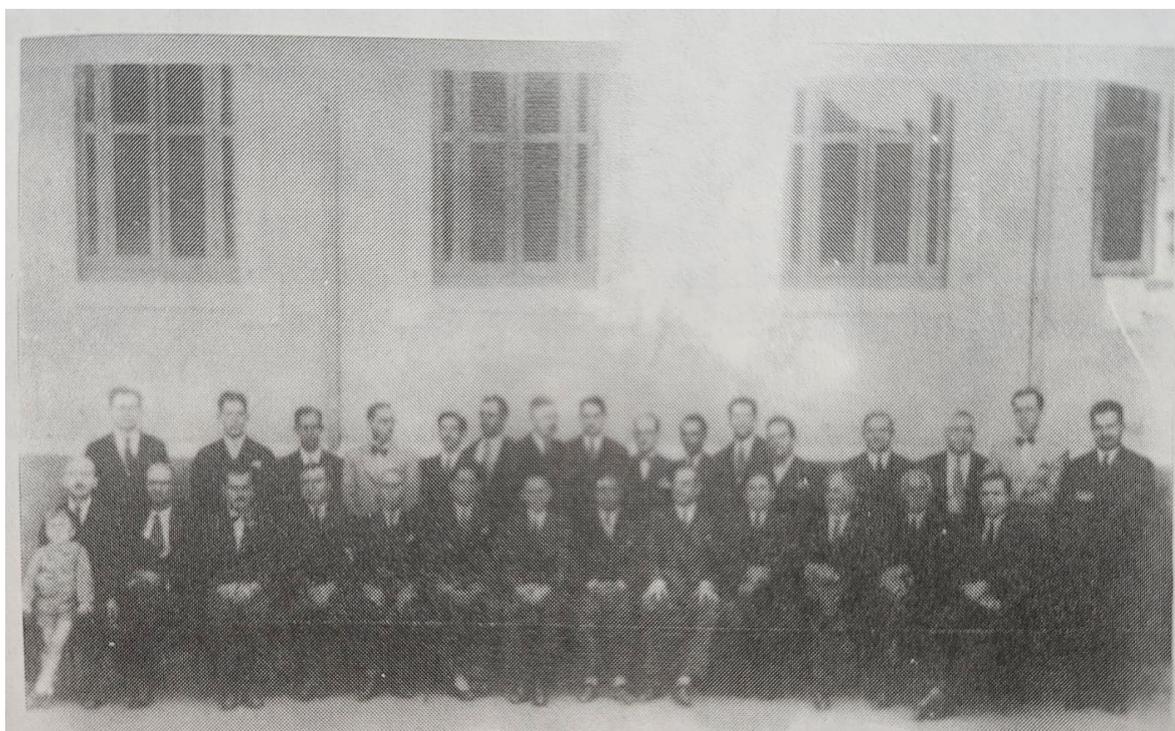
Segundo Netto (1993), o time de Bariri foi derrotado pelo Bocaina F. C. pelo placar de dois a um, o que gerou certa revolta entre os baririenses que se reuniram na sede da Associação Italiana para um jantar na noite daquele domingo. No local, os jogadores que haviam sido contratados por Neme foram proibidos de entrar no local com acusações de que haviam aceitado suborno para perderem o jogo. Entretanto, na segunda-feira foi ofertado outro jantar para “reparar a descortesia” do dia anterior, contando com a presença do prefeito Tenente Manoel Olegário da Costa e sua família. Com o resultado negativo para a equipe de Bariri, foi proposto um segundo jogo, no

qual o Clube Atlético Baririense saiu como vencedor.

Logo mais, com jogadores nossos derrotaríamos o Bocaina F. C. e ganharíamos a Taça Bariri, de um metro de altura. Desse jogo ainda nos recordamos do Neme Abussamra desfilando pela cidade, à frente da torcida, tendo numa das mãos a taça e noutra um revólver, ao lado, nosso tio Batista Gatto. Foi uma vitória ruidosa, mas não apagou o desgosto pela derrota anterior. (Netto, 1993, p. 66)

Ainda na década de 1920, foi fundada a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Bariri. Em 1923, os estatutos foram aprovados e entre os membros da primeira diretoria eleita naquele ano, contendo dois patrícios entre os mesários, sendo eles Demetrio João e Elias Sabbag. Nos anos seguintes, a Irmandade se empenhou em angariar fundos para a construção do hospital municipal, inaugurado em 1934, e no Comitê Pró Santa Casa do mesmo ano, outros patrícios se faziam presentes. Na Figura tal, é possível identificar Miguel Farah (último homem em pé do lado direito) e Fause Sabbag (último sentado do lado direito) (Netto, 1993).

Figura 6 - Comitê Pró Santa Casa em 1934



Fonte: Netto, 1993.

Os patrícios também estiveram presentes na diretoria do Automóvel Clube, “que por anos se destacou em nossa cidade como um pretendido clube de elite” (Netto, 1993). Na diretoria eleita para os anos de 1935 e 1936, Nagib Mansur era o 1º secretário e Seme Sabbag o 1º tesoureiro. Em 1939, Seme Sabbag foi eleito para o cargo de diretor social e Jorge Sabbag como membro do conselho consultivo. Já em 1944, para a diretoria foram eleitos Jamil Demétrio (vice-presidente), Fauze Haddad (2º secretário) e Farid Resegue (1º tesoureiro). No conselho consultivo, os patrícios eram Jorge Sabbag e Adib Mansur (Netto, 1993)

Outro clube do mesmo período foi o São Paulo Clube, que também contou com a atuação dos membros da colônia. Na diretoria de 1937 a 1938, Jamil Demétrio era o 2º tesoureiro, e no conselho consultivo estava presente Anis Farah. Na diretoria eleita para os dois anos seguintes, Jamil continuou no cargo que ocupou nos anos anteriores, e Anis passou a integrar o conselho fiscal do clube. No mesmo mandato, Semi Jorge Resegue foi eleito 1º secretário (Netto, 1993).

Ainda na década de 1940, destaca-se a participação dos patrícios em outros dois clubes. No Grêmio Literário Victor de Azevedo, fundado em 1942, Kemel Demétrio foi escolhido como 1º secretário. Entre os sócios-fundadores do Aero Clube de Bariri em 1943, estavam os patrícios Salim Farah, Américo Sabbag, Atala Neif e Fuad Jabur. Nos anos seguintes, com a decadência econômica local e a busca por oportunidades em outras cidades, como já mencionado anteriormente, a maioria dos clubes e associações foram sendo extintas (Netto, 1993).

8.2 Doutores e políticos

De modo geral, boa parte das famílias de sírios e libaneses que se estabeleceram no estado de São Paulo, e que alcançaram relativa mobilidade socioeconômica, buscaram fornecer aos seus filhos uma formação escolar diferenciada. Ao analisar os dados sobre a inserção de sírios e libaneses nos cursos de graduação em São Paulo, especialmente a partir da década de 1930, Truzzi (2009) constatou que a preferência da comunidade árabe era por áreas que os credenciaria para exercerem profissões liberais, como advogados, médicos e engenheiros.

Ao passo que foram se graduando e exercendo suas profissões, seja na capital ou nas cidades interioranas, o prestígio social da sociedade da época a respeito dos

“doutores” os credenciou, pelo menos em certa medida, para a carreira política. Em seu trabalho jornalístico sobre a inserção de sírios e libaneses na política paulista, Diogo Bercito (2021, p. 118) apontou que “a política foi uma maneira de os imigrantes e seus descendentes ascenderem socialmente, dando continuidade ao processo iniciado décadas antes na atividade de caixeiros e de comerciantes”.

Segundo Truzzi (2009), entre 1947 e 1956, a maior parte dos patrícios que foram eleitos nas eleições para o cargo de vereador, deputado estadual e deputado federal, perfazendo um total de 26 mandatos exercidos por 13 patrícios, 18 correspondiam a oito bacharéis formados prestigiosa Faculdade do Largo São Francisco. A partir da metade da década 1950, políticos com origem nas colônias árabes do interior passam figurar na esfera estadual, como Bady Bassit, que após se formar em medicina, iniciou sua trajetória política como vereador na sua cidade natal, São José do Rio Preto, e se elegeu deputado estadual em 1954. É neste período que patrícios da colônia baririense irão aparecer na política estadual, mas antes é necessário retomar os primeiros passos que a colônia deu na vida pública local.

A trajetória dos sírios e libaneses e seus descendentes na política local foi inaugurada ao final da década de 1940, com a redemocratização do país. O primeiro patrício a ocupar um cargo político foi Farid Jorge Resegue, eleito vereador na eleição de 1947, não sendo eleito novamente nos anos seguintes. Até as eleições de 1951, um outro patrício figurou entre os vereadores, mas não foi possível identificar o ano em que assumiu o cargo e o motivo. Em 1951, o jornal *A Tribuna de Bariry* prestou homenagem ao aniversário de Seme Haddad, destacando-o como membro “do nosso alto comércio, diretor da Associação Comercial e vereador pelo Partido Social Progressista”. Seme foi eleito vereador novamente nas eleições de 1955, com um total de 133 votos, ocupando o cargo até 1957.

Já na legislatura de 1952, outros dois membros da colônia também foram eleitos, sendo eles Jamil Demetrio e Miguel Chaim⁷¹, tendo esse último sido reeleito no pleito eleitoral seguinte, em 1956, com um total de 112 votos. Outros patrícios também chegaram aos cargos de vereador em um momento posterior ao recorte histórico analisado pela pesquisa, sendo eles Muib Alem, com o primeiro mandato entre 1971 e 1972 e o segundo entre 1977 e 1982, e Seme Farah Junior que foi vereador por dois mandatos, entre 1968 e 1976.

⁷¹ A reportagem publicada no jornal *A Tribuna de Bariry* sobre a nova câmara municipal pode ser consultada na Figura 12 em Anexo.

No que se refere aos cargos estaduais e federais, o primeiro patrício local eleito para deputado estadual foi Semi Jorge Resegue. O político seguiu uma trajetória semelhante aos sírios e libaneses que figuravam como políticos até esse período. Concluiu o curso de medicina em 1938, retornou para Bariri e iniciou sua vida profissional. O retorno para a terra natal foi motivo de orgulho para a colônia, que organizou um banquete para o recepcionar, como divulgado na primeira página do jornal *Correio de Notícias*, com a presença dos patrícios e de autoridades eclesiásticas.

Figura 7 - Homenagem ao Dr. Semi Jorge Resegue

Banquete

Em homenagem ao Dr. Semi Jorge Resegue

Tendo chegado ha pouco da Capital do Paiz, onde acaba de adquirir o diploma de medico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, destacados membros da Colonia Syria de Bariry, ofereceram ao Dr. Semi Jorge Resegue, um banquete em homenagem á sua formatura.

Esse banquete que se realizou no dia 13 do corrente, no Hotel Zaira, foi bastante concorrido, vendo-se innumeras pessoas de destaque da colonia Syria local, estando presentes tambem, autoridades eclesiasticas da mesma colonia, o arcebispo, D. Raphael Nemer, da cidade de Halab, Syria, e o Rev. Elias Karbarue, vigario, da Igreja Orthodoxa Syria, local.

Em saudação ao homenageado fallaram diversas pessoas, respondendo aquelle, num discurso brilhante e commovente, pelas atenções de que era alvo.

Ao Dr. Semi Jorge Resegue, formulamos os nossos votos de brilhante porvir na nobre carreira que acaba de encetar.

Fonte: Correio de Notícias, 1938.

Como já mencionado, foi eleito como 1º secretário do São Paulo Clube e pouco tempo depois passou a divulgar seu trabalho profissional nos periódicos locais, atuação que o levou a ser reconhecido para além da colônia.

Figura 8 - Propaganda de Semi Jorge Resegue

DR. SEMI J. RESEGUE
Formado pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade
do BRASIL
 Com prática de Hospital Pronto Socorro - Prô Matre (Maternidade) e
 outros Hospitais do Rio de Janeiro.
Clinica em geral - Cirurgia e partos
 TRATAMENTO DAS
Afeccões das Vias Urinárias
 :x: pelos processos mais modernos :x:
CURA DE HEMORROIDAS
sem operação e sem dor, apenas com injeções
CONSULTÓRIO: á Avenida XV de Novembro, n. 63
TELEFONE. N. 46

Fonte: Correio de Notícias, 1939.

Além do prestígio social alcançado pelo exercício da profissão, cabe destacar a influência de sua família na sociedade local. Presentes em Bariri desde as primeiras décadas do século XX, os membros da família Resegue foram os que conseguiram ultrapassar os limites profissionais do ramo comercial e ingressaram no meio industrial.

Como já discutido anteriormente, o principal vetor da economia local era o café, seguida de uma produção menor de algodão e milho. Entretanto, uma outra cultura que também estava presente no local, mas que havia sido pouco explorada até então, era a mamona⁷². Foi a partir de 1947 que Farid Jorge Resegue teve a ideia de produzir óleo a partir desse produto, fundando a Indústria Resegue de Óleos Vegetais em um barracão localizado na avenida XV de Novembro, onde seu pai, Jorge Resegue, já possuía uma máquina de beneficiar algodão (Rossi, 2011).

⁷² Segundo o *Atlas Econômico do Estado de São Paulo (1937-1938)*, Bariri já figurava entre as 18 principais cidades do estado que produziam mamona, como pode ser observada na imagem tal, em Anexo. Entretanto, não era tão significativo quanto o café até a década de 1950, período em que a Indústria Resegue se tornou o principal vetor econômico local.

A primeira máquina de moer mamona comprada pela família tinha uma capacidade de moagem de 70 toneladas por dia e foi instalada nesse barracão. Nos anos seguintes, com a aquisição de uma máquina de capacidade maior, com a moagem de 200 toneladas por dia, as instalações da fábrica passaram para um terreno vizinho, muito maior (10 alqueires de terra, equivalente a 24.200m²) e mais próximo da estação ferroviária local. Até 1960, a indústria produzia apenas óleo de mamona (utilizado no ramo medicinal e no setor da aviação), mas passou a moer amendoim e soja, produzindo já em 1965 óleos a partir desses três produtos (Rossi, 2011). O sucesso econômico foi alcançado em pouco tempo, chegando a promover no município a “festa da mamona”⁷³.

Chegaram a ter escritórios em São Paulo e Londrina (devido à grande produção de mamona no Paraná), além de duas filiais, uma na Bahia, em Salvador, por conta da produção de mamona na região de Irecê, e outra em Rio Verde, Goiás. No início, era uma empresa familiar, com a presença dos irmãos e primos de Farid, mas acabou tendo que mudar essa política administrativa a partir de 1967⁷⁴. Sem conseguir arcar com os custos da indústria e nem adquirir matéria-prima, entrou em concordata, passando a ser Sociedade Anônima⁷⁵ nos anos seguintes que permitiu um fôlego econômico até 1986, quando entrou novamente em concordata, fechando as portas em seguida (Rossi, 2011).

A trajetória da empresa nos ajuda a entender o sucesso político de alguns membros da família no período em que obtivera destaque no local. Quando Semi Jorge Resegue lançou sua candidatura para deputado, o *A Tribuna de Bariry* a considerou como o maior acontecimento político da história da cidade.

⁷³ Ver Figura 13 em Anexo.

⁷⁴ Em entrevista ao autor, José Cava destacou que a Indústria Resegue praticamente “monopolizou” a economia local entre as décadas de 1950, 1960 e 1970. Ainda segundo o memorialista, a partir do declínio econômico da empresa no final de 1960, o município entrou em um período de recessão econômica, sendo mais uma das justificativas da queda demográfica apontada no Gráfico 4.

⁷⁵ A figura tal apresenta uma vista aérea das instalações da indústria no período em que virou Sociedade Anônima.

Figura 9 - Candidatura de Semi Jorge Resegue à deputado estadual

O maior acontecimento político na história de nossa terra :
 um filho de Bariri, candidato à Assembléia Legislativa do Estado !

O Dr. Semi Jorge Resegue
 com seu altruismo e amor à terra em que nasceu, lutará pelo
 nosso progresso e pelo engrandecimento de Bariri.

BARIRIENSES ! VOTEM NO DR. SEMI !

Fonte: A Tribuna de Bariry, 1947.

Cabe ressaltar que neste ano, a Indústria Resegue estava em constante evolução econômica, chegando a empregar mais de 1000 funcionários. A soma da influência política e econômica da família, sobretudo pela atuação de Farid Jorge Resegue, atrelada ao prestígio social pela formação acadêmica de Semi, fizeram com que o patrício fosse eleito em 1958 pelo PSP, em 1962 pelo PDC e em 1966 pela Arena⁷⁶ (Truzzi, 2009).

Ainda neste período, um outro integrante da família Resegue se lançou no meio político. José Jorge Resegue, também médico, percorreu um caminho semelhante ao de seu irmão Semi. Começou a exercer a profissão no local e em pouco tempo passou a ganhar prestígio no município, podendo ser observado na extensa reportagem feita pelo jornal *A Tribuna de Bariry* em razão de seu aniversário em 1957⁷⁷. José também foi nomeado presidente da comissão de construção da Casa da Criança no mesmo ano⁷⁸.

Dois anos depois, se candidatou ao cargo de prefeito e venceu as eleições⁷⁹. Ocupou o cargo somente por dois anos, quando renunciou para concorrer ao cargo

⁷⁶ Ver Figura 14 em Anexo.

⁷⁷ Ver Figura 15 em Anexo.

⁷⁸ Ver Figura 16 em Anexo.

⁷⁹ No período em que foi prefeito, José foi o responsável pela construção do estádio de futebol do município. Segundo o memorialista José Cava, o então prefeito decidiu homenagear seu tio, Farid Jorge Resegue, que “ainda estava vivo e mesmo assim deu nome ao estádio. Na época, isso foi motivo de muita reclamação..., mas ficou por isso mesmo”. A Figura 17, em Anexo, apresenta a fachada do local em 2019. A indústria também possuía um time de futebol, chamado Sociedade Esportiva Resegue, considerado “um dos melhores times que nós tivemos”, nas palavras de Cava.

de deputado federal, também sendo eleito em 1962, permanecendo na cadeira até 1971 (Truzzi, 2009). Em 1966, ano em que os dois deputados foram reeleitos, o jornal *A Tribuna de Bariry*, numa publicação acerca desse resultado, retratou que essa era uma “vitória do povo”, uma “vitória de Bariri”. Entretanto, nos parece que ao passo que a indústria da família foi regredindo financeiramente, o apreço pela vida pública também diminuiu.

Considerações finais

Os estudos sobre os impactos dos movimentos migratórios internacionais para o estado de São Paulo ainda apresentam diversos aspectos que podem ser explorados e propiciar discussões enriquecedoras na perspectiva sócio-histórica. A pesquisa desenvolvida buscou analisar as singularidades de um grupo de imigrantes que tradicionalmente foi estudado a partir da capital paulista e que ainda carece de discussões sobre o modo de inserção no oeste do estado.

Essa ausência pode ser fruto de dois aspectos. O primeiro é em relação a proporção demográfica de sírios e libaneses que se instalaram no estado de São Paulo em comparação a outras nacionalidades, como italianos, portugueses e espanhóis, e que por terem representado os maiores contingentes de imigrantes, atraíram maior interesse dos pesquisadores. Já o segundo é em relação ao acesso a fontes, pois em cidades interioranas de dimensões semelhantes as de Bariri, podem carecer de informações sobre grupos de imigrantes menores ou da ausência de dados, seja pela falta de produção ou pela dificuldade de conservação.

Entretanto, a pesquisa desenvolvida apresentou como a combinação de diferentes dados podem ser uma boa estratégia para trabalhos que caminhem nesse sentido. Tendo como objetivo a reconstituição sócio-histórica da colônia de sírios e libaneses que se formou em Bariri, procurou-se fazer um levantamento de fontes variadas que, ao serem combinadas e comparadas, resultou nos dados apresentados.

Tendo como hipótese a existência de uma rede migratória (Tilly, 1987; Truzzi, 2009) entre Bariri e a região de Hasbaya, que possibilitou um alto grau de coesão social (Putnam, 2000; 2006) entre os membros da colônia árabe local, os dados coletados junto aos prontuários dos Registros Nacionais de Estrangeiros permitiram a identificação detalhada das aldeias e a comprovação da indagação inicial. Porém, também apresentou outros elementos que podem ser explorados em pesquisas futuras, tanto sobre Bariri quanto sobre outras localidades, como o processo de inserção na região, o foco profissional, os esforços para recompor a família no destino, as principais características identitárias e os caminhos trilhados pelos descendentes dos imigrantes pioneiros.

Como contribuições principais, podemos destacar dois elementos. O primeiro é em relação a atuação profissional desses imigrantes, que seguiram uma trajetória semelhante ao que ocorreu na capital paulista, tendo como foco o meio comercial.

Porém, por estarem situados em uma localidade em que o número de conterrâneos era relativamente baixo, não houve o desenvolvimento de um “mercado étnico” igual ao que ocorreu na rua 25 de Março em São Paulo (Knowlton, 1961), fazendo com que os estabelecimentos comerciais tivessem que atender as demandas do público geral, tendo somente um empreendimento que buscava atender aos produtos que interessassem somente aos sírios e libaneses.

O segundo é referente as possibilidades geradas pela rede migratória que tinha como principal objetivo a recomposição familiar. Assim como em outras localidades, os sírios e libaneses pioneiros de Bariri valeram-se das redes de confiança já estabelecidas na origem para incentivar seus conterrâneos a imigrarem e se dirigir para Bariri. As informações, ora enviadas diretamente para as aldeias por meio de cartas e pessoalmente com aqueles que retornavam, ora fornecida pelos outros patrícios que já estavam estabelecidos no território paulista, fizeram com que a colônia aumentasse rapidamente em um curto período.

O movimento de incentivo, patrocínio e busca dos conterrâneos permitiu que a colônia de Bariri conseguisse auferir recursos necessários para a ampliação da atuação no meio comercial. A soma desses fatores – ocupação profissional e origem comum – nos parece ter sido primordial para a formação de sociedade étnica que, inicialmente, buscava auxiliar os conterrâneos, e depois se desmembrou em uma organização mais focada no reforço da identidade religiosa, que havia se manifestado com a construção Igreja Ortodoxa Antioquina de São Jorge em 1928.

Esse fato merece destaque pelo ineditismo do empreendimento religioso na região, e pela comparação proporcional do número de membros da colônia local em relação a população total, tanto do município quanto de outras cidades que também tiveram a construção de igrejas dessa vertente do cristianismo. Isso não nos faz elencar a colônia de Bariri como mais importante do que as outras mencionadas, mas destaca as particularidades apresentadas sobre um caso que ainda não havia sido explorado.

Também é importante ressaltar a trajetória dos imigrantes pioneiros, que ao alcançaram uma relativa mobilidade socioeconômica, direcionaram seus esforços para a entrada dos filhos no mercado das profissões liberais. Para a formação acadêmica, eram enviados para a capital e para o Rio de Janeiro, ingressando em universidades de prestígio que proporcionariam, além do título profissional, relativo destaque na região que habitavam no oeste do estado (Truzzi, 2009). Os que

retornavam após a conclusão dos estudos e iniciavam a atuação no local, facilmente auferiram certo nível de prestígio social, que por sua vez os credenciou a ingressar no meio político.

No caso da colônia de Bariri, a trajetória familiar mais marcante foi construída por membros da família Resegue, uma das pioneiras do local. As figuras de destaque foram Semi Jorge Resegue, eleito para o cargo de deputado estadual em 1958 e foi reeleito em 1962 e 1966, e José Jorge Resegue, eleito prefeito de Bariri em 1960 e deputado federal em 1960, permanecendo na cadeira até 1961. Além do apoio dos membros da colônia, também se valeram da influência da família na sociedade local, visto que o tio, Farid Jorge Resegue, havia sido vereador no município e foi o fundador da Indústria Resegue de Óleos Vegetais, a maior indústria da cidade entre as décadas de 1950 e 1970.

Apesar do relativo destaque social alcançado pela primeira e segunda geração nascida no Brasil com a formação acadêmica e inserção no ramo político, esses fatores também nos parecem ter sido fundamentais no lento, mas contínuo, processo de decadência do empreendimento religioso. O apeço pelos laços com a origem mais caros aos pioneiros, como o idioma, o casamento com semelhantes e a profissão de fé, parecem ter diminuído ao passo que os descendentes passaram a se comunicar em português, buscaram uniões com pessoas de outras origens étnicas e, conseqüentemente, acabaram se assimilando ao credo religioso católico, mais praticado na região, especialmente pelos outros grupos étnicos, e nas localidades que se instalaram para cursarem o ensino superior.

Esses elementos apresentados não buscam esgotar as discussões sobre o tema e tampouco preencher por completo a trajetória dos sírios e libaneses em Bariri. Entretanto, demonstrou que em uma análise com um recorte local específico é possível identificar elementos gerais já abordados pela literatura tradicional, mas apresentar e ressaltar as singularidades que passam despercebidas em trabalhos mais generalistas. Esperamos que os resultados aqui explanados possam contribuir para o campo dos estudos migratórios, tanto nas análises sociológicas quanto históricas, e sirvam como um direcionamento inicial para futuras pesquisas que tenham objetivos semelhantes, sobretudo no que se refere a busca por fontes diversas e as possibilidades de analisá-las de modo complementar e comparativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. *In*: POUTIGNAT, Philippe; STREIF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BASSANEZI, Maria. Silvia. et al. **Atlas da imigração internacional em São Paulo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2008.

BERCITO, Diogo. Brimos: Imigração sírio-libanesa no Brasil e seu caminho até a política. São Paulo: Fósforo Editora, 2021.

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. *In*: RICHARDSON, J. **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. New York: Greenwood Press, 1986, p. 241-258.

BRETON, Raymond. Institutional Completeness of Ethnic Communities and the Personal Relations of Immigrants. *In*: **American Journal of Sociology**, v. 70, n. 2, p. (193-203), setembro, 1964. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/223793>. Acesso em: 29 de nov. de 2023.

CHISWICK, Barry R.; HOUSEWORTH, Christina. Ethnic intermarriage among immigrants: human capital and assortative mating. *In*: **Review of Economics of the Household**, v. 9, p. (149-180), julho, 2010. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11150-010-9099-9#citeas>. Acesso em: 25 de nov. de 2023.

COLEMAN, James S. Social Capital in the Creation of Human Capital. *In*: **American Journal of Sociology**, v. 94, p. (95-120), 1988. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2780243>. Acesso em: 28 de nov. de 2023.

CÔRTEZ, Geraldo de Menezes. Migração e Colonização no Brasil. **Revista de Serviço Público**, v. 02, n. 01. Brasília, 1954. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/issue/view/278>. Acesso em: 10 de dez. de 2023.

ELLIS JÚNIOR, Alfredo. **Populações paulistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

FAHRENTHOLD, Stacy D. Arab Labor Migration in the Americas, 1880–1930. **Oxford Research Encyclopedias: American History**, 2019. Disponível em: [https://oxfordre.com/americanhistory/display/10.1093/acrefore/9780199329175.001.001/acrefore-9780199329175-e-598#:~:text=The%20general%20scholarly%20consensus%20is,%2C%20and%20Argentina%20\(148%2C000\)](https://oxfordre.com/americanhistory/display/10.1093/acrefore/9780199329175.001.001/acrefore-9780199329175-e-598#:~:text=The%20general%20scholarly%20consensus%20is,%2C%20and%20Argentina%20(148%2C000).). Acesso em: 03 de jan. de 2024.

FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento; COSTA, Juliana Carolina Oliveira. História da Imigração (1830-1880). In: **História da Imigração no Brasil**. Luis Reznik (org.). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

GONÇALVES, Paulo Cesar. A Grande Imigração no Brasil (1880-1930): números e conjunturas. In: História da imigração no Brasil. Organizador: Luís Reznik. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

GREIBER, Betty Loeb. et al. **Memórias da imigração – libaneses e sírios em São Paulo**. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.

HITTI, Philip K. **A short history of Lebanon**. New York: St. Martin's Press, 1965.

HITTI, Philip K. **Syria: a Short History**. New York: Macmillan, 1959.

HOLLOWAY, Thomas. Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

IOTTI, Luiza Horn (org). **Imigração e colonização: legislação de 1747-1915**. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do RS: Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

IOTTI, Luiza Horn. A política migratória brasileira e sua legislação – 1822-1914. In ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 10., 2010, Santa Maria. **Anais eletrônicos** [...], Rio Grande do Sul, 2010, s.p. Disponível em: https://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1273883716_ARQUIVO_OBRASILEAIMIGRACAO.pdf. Acesso em: 11 de dez. de 2024.

KALMIJN, Matthijs. Intermarriage and homogamy: causes, patterns, trends. In: **Annual Review of Sociology**, v. 24, p. (395-421), agosto, 1998. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev.soc.24.1.395>. Acesso em: 25 de nov. de 2023.

KHATLAB, Roberto. As Igrejas orientais católicas e ortodoxas: tradições vivas. Ave Maria, São Paulo, 1997.

KNOWLTON, Clark. Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial. São Paulo: Anhembi, 1961.

LAMOUNIER, Maria Lucia. **Formas da transição da escravidão ao trabalho livre: a Lei de Locação de Serviços de 1879**. Orientador: Michael McDonald Hall. 1986. 177 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1986.

LESSER, Jeffrey. A invenção da brasilidade: Identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. **História econômica e social do estado de São Paulo, 1850-1950**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2019.

MACDONALD, Leatrice; MACDONALD Jhon. S. Chain migration, ethnic Neighborhood formation and social networks. **The Milbank Memorial Fund Quarterly**, v. 42, n. 1 (82-96), janeiro, 1964. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3348581>. Acesso em: 27 de nov. de 2023.

MARTINS, José de Souza. O cativo da terra. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARTINS, Nelson Silveira. Bariri (um pedaço de céu destacado do arco-íris). São Paulo: 1940

MATOS, Odilon Nogueira de. Café e Ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira. Campinas: Editora Pontes, 1990.

MAZOTI, Dirceu. **O imigrante italiano em Bariri de 1889 a 1920**. Dissertação de Mestrado – UNESP Campus de Assis, 1990.

MELLO, João Baptista. **Bariri e sua História**. São Paulo: Liter Arte, 1987.

MILLIET, Sérgio. Roteiro do café e outros ensaios: contribuição para o estudo da história econômica e social do Brasil. São Paulo: 1941.

MONGEIB, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec/Polis, 1984.

NETTO, Eugênio Gatto. **Histórias de Bariri**. Bariri: Gráfica Coletta LTDA, 1993.

NUNES, Ivanil. **Douradense: a agonia de uma ferrovia**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.

OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. Impasses no novo mundo: imigrantes italianos na conquista de um espaço social na cidade de Jaú (1870-1914). São Paulo: Editora UNESP, 2008.

PUTNAM, Robert David. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália Moderna**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2006.

PUTNAM, Robert David. Bowling alone. The collapse and revival of American community. New York, Simon & Schuster, 2000.

ROSSI, Mariana. **Espaço Fábrica: intervenção em conjunto de antiga indústria de óleos em Bariri-SP**. Orientador: Silvana Aparecida Alves. 2011. 170 p. Trabalho final de graduação (Trabalho de conclusão) – Arquitetura e Urbanismo, UNESP, Bauru, 2011.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, [S. l.], n. 53, p. 117-149, 2002. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i53p117-149.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33192>. Acesso em: 11 de dez. de 2024.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra; VOLANTE, João Pedro. Percursos migratórios intergeracionais e dinâmicas de implantação de imigrantes estrangeiros no Oeste Paulista (1880-1950). In: **Migrações internacionais no interior paulista**. Organizador: Oswaldo Mario Serra Truzzi. São Carlos: EDUFSCar, 2021.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **Redes em processos migratórios**. Tempo Social, v. 20, n. 1. São Paulo, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702008000100010.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. Religiosidade Cristã entre Árabes em São Paulo: Desafios no Passado e no Presente. **Religião & Sociedade**, v. 36, n. 2, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/sTFxGnVBQTwNjdDfjyFpm4L/?lang=pt>.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. Sírios e libaneses no oeste paulista – décadas de 1880 a 1950. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.16. São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982019000100160.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra; NETO, Mario Sacomano. Economia e empreendedorismo étnico: balanço histórico da experiência paulista. **Revista de Administração de Empresas**, n. 47, v. 2. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/qTKJZWHVWGQ9FQGnDT5VXrd/>. Acesso em: 05 de fev. de 2023.

VOLERY, Thierry. Ethnic entrepreneurship: a theoretical framework. In: DANA, L.-P. (Ed.). **Handbook of research on ethnic minority entrepreneurship: a co-evolutionary view on resource management**. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing, 2007. p. 30-41.

ZANOTTI, Elísio Francisco. **Bariri: o café e a república**. São Carlos: Editora e Distribuidora JABURU Ltda., 1988.

FONTES

A Cidade de Bariry. Várias edições. Acervo pessoal de José Augusto Barbosa Cava.

A Tribuna de Bariri. Várias edições. Acervo pessoal de José Augusto Barbosa Cava.

Correio de Notícias. Várias edições. Acervo pessoal de José Augusto Barbosa Cava.

Estatuto da Liga Orthodoxa de São Jorge. 1932. Acervo pessoal do autor.

Estatuto da Sociedade Syria de Beneficencia. 1915. Acervo pessoal do autor.

O Bariry. Várias edições. Acervo pessoal de José Augusto Barbosa Cava.

O Popular. Várias edições. Acervo pessoal de José Augusto Barbosa Cava.

ENTREVISTAS

Ibrahim Jacob, 17 de novembro de 2022.

Mauro Jacob, 17 de novembro de 2022.

Miriam Jacob, 17 de novembro de 2022.

José Augusto Barbosa Cava, 29 de novembro de 2022.

Norma Cury, 03 de dezembro de 2022.

Leide Boiani Sabbag, 18 de março de 2023.

ANEXOS

Figura 10 - Inauguração da Estação Ferroviária de Bariri, em 1910



Fonte: acervo pessoal de José Augusto Barbosa Cava.

Figura 11 – Propaganda do Hotel Syrio de Felicio Chaddad

HOTEL SYRIO
— DE —
FELICIO CHAHHADE & IRMÃO
SOTURNA—MUNICIPIO DE PEDERNEIRAS

Este novo estabelecimento acha-se perfeitamente montado com excellentes commodos, onde pode receber os srs, viajantes e exmas. familias, dando especial tratamento.

PREÇOS COMMODOS
Asseio e promptidão

Fonte: O Bariry, 1910.

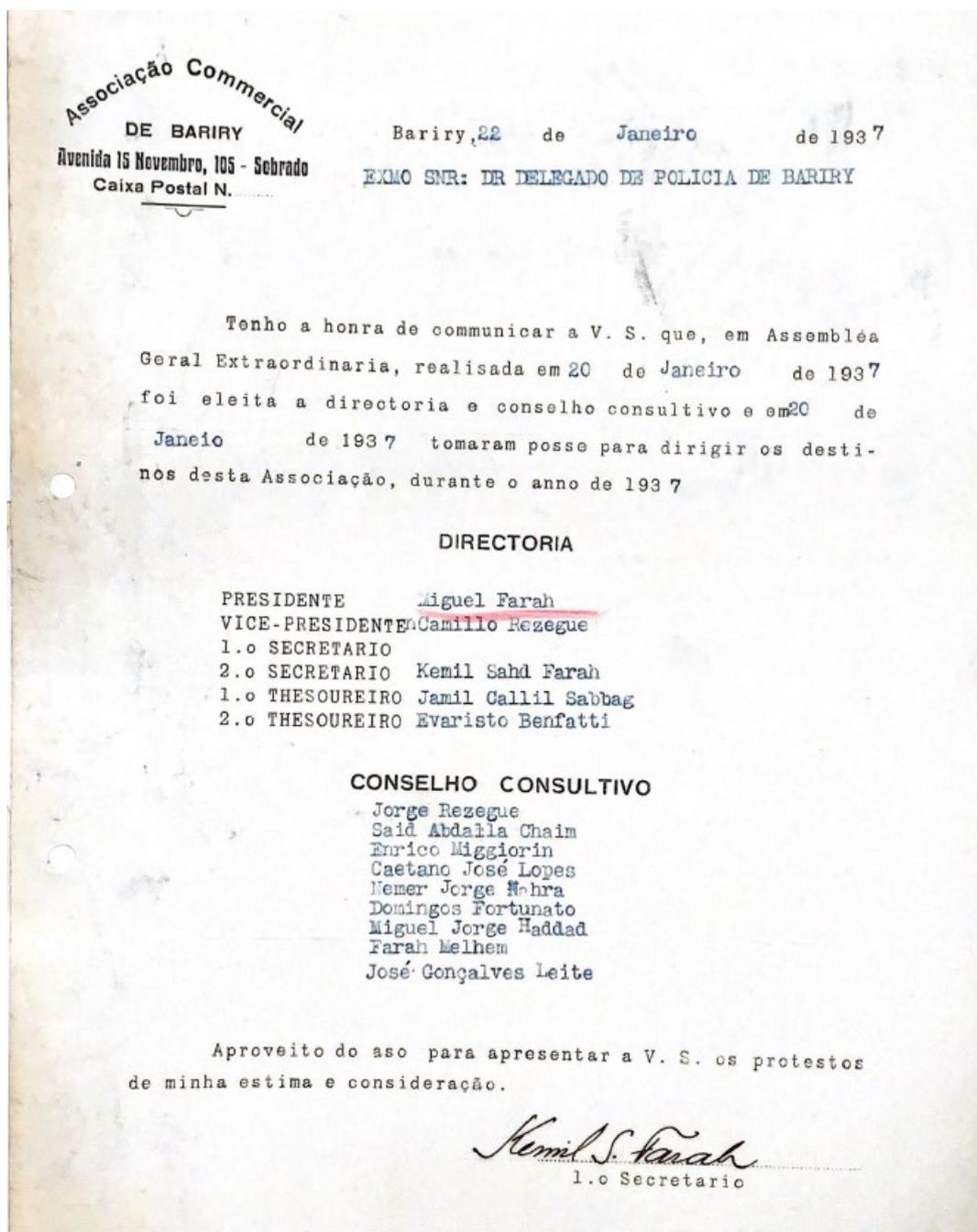
Figura 12 - Agência Chrysler - Sabbag Irmãos

**AGENCIA
CHRYSLER
SABBAG IRMÃOS**

Agentes dos afamados automoveis
Chrysler, na zona e nesta cidade
a rua 7 de Setembro.

Fonte: A Cidade de Bariry, 1929.

Figura 13 – Diretoria e Conselho Consultivo da Associação Commercial de Bariry em 1937



Fonte: Prontuário de Registro Nacional de Estrangeiro de Miguel Farah.

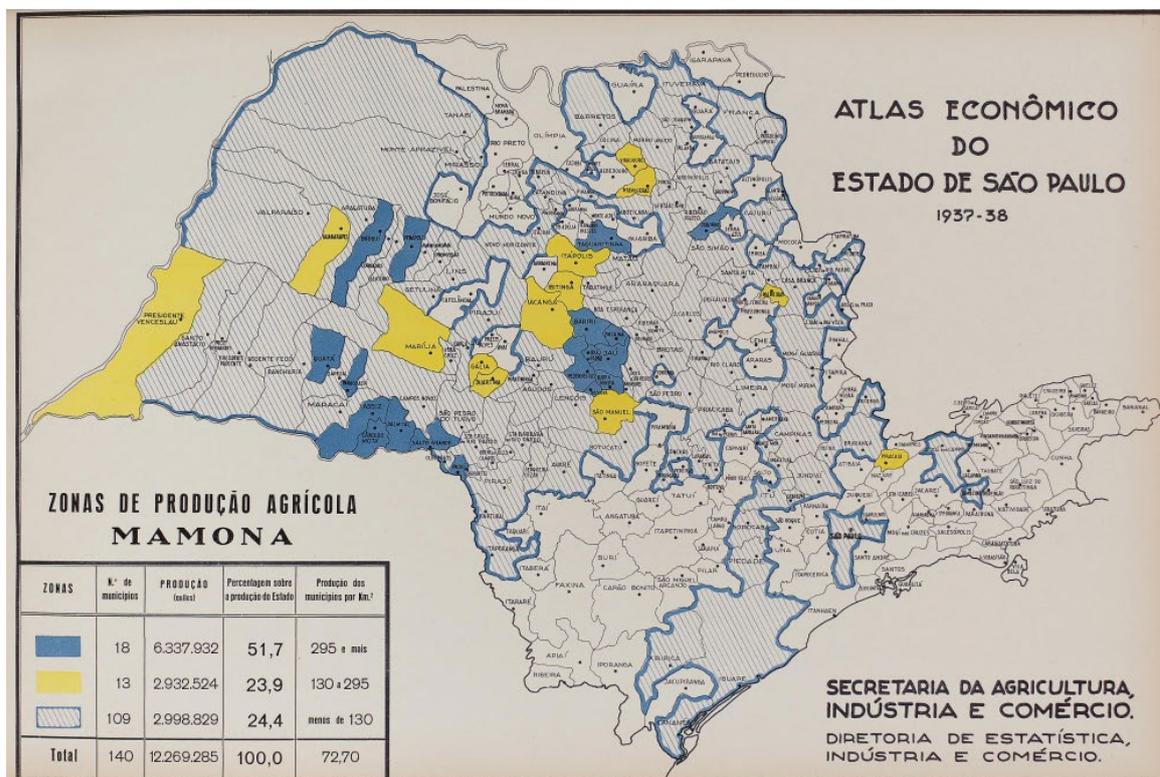
Figura 14 – Homenagem dos escoteiros à colônia síria

Homenagem á Colonia Syria

Promovida pela Comissão Regional de Escoteiros desta cidade, realizon-se no sabba-do proximo passado, no Theatro Paulo Ferro, uma sessão solenne em homenagem á Colonia Syria aqui domicilia-da, demoustractiva do reco-nhecimento á mesma pelo mui-to que ella tefu feito em pról dos escoteiros desta localida-de. Por essa occasião foi lido pelo sr. dr. Julio Cesar da Silveira, presidente da Com-missão Regional e m. juiz de direito desta comarca, a men-sagem dirigida por Ruy Bar-hosa á todos os escoteiros do Brazil e de cujo conteúdo to-da gente está ao par. Oraram, após a leitura da mensagem, o sr. dr. Julio Cesar da Sil-veira e os advogados coronel Godofredo Silveira Martins e Sebastião Saraiva, sendo mui-to applaudidos por todos os presentes á sessão.

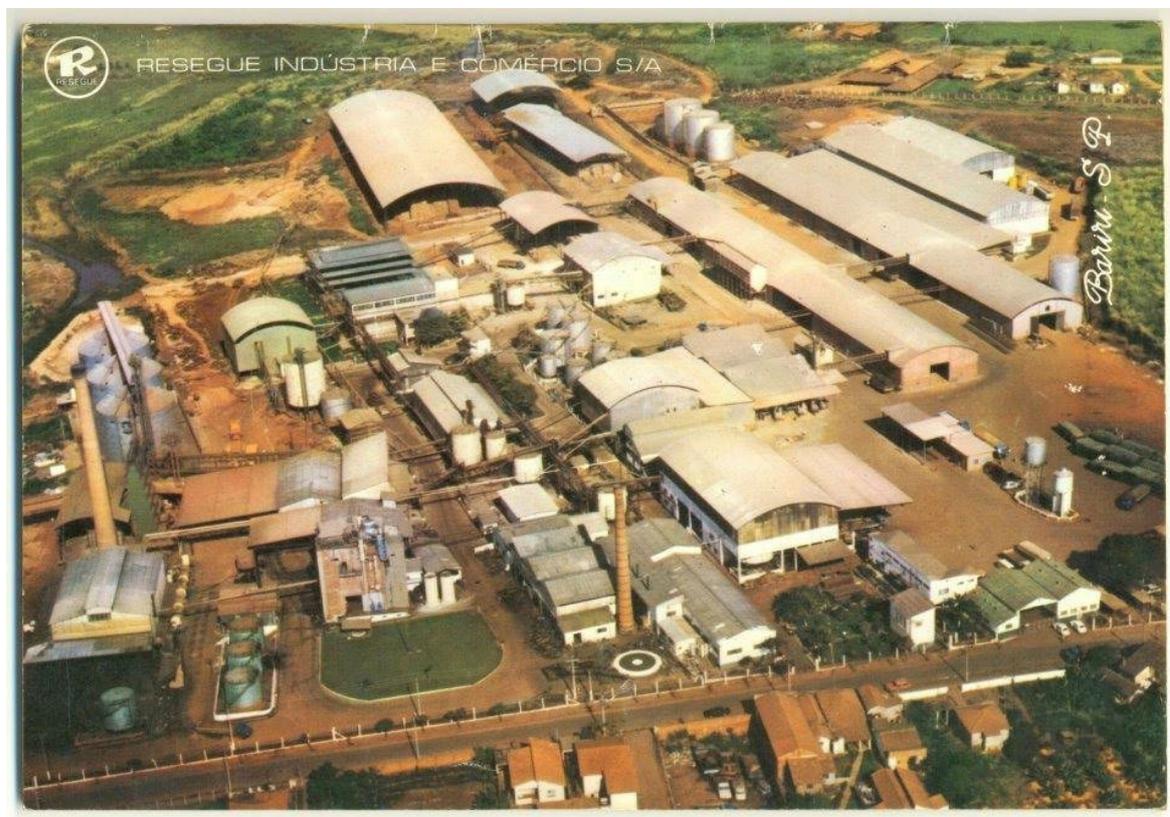
Fonte: O Popular, 1918.

Figura 15 - Zonas de produção agrícola de mamona no estado de São Paulo (1937-1938)



Fonte: Atlas Econômico do Estado de São Paulo (1937-1938).

Figura 16 - Resegue Indústria e Comércio S/A



Fonte: Memórias de Bariri.

Figura 17 – Câmara Municipal em 1951

DIRETOR GERAL: DOMINGOS FELICIA REGINA
 PUBLICAÇÃO SEMANAL Nº 108
 BARIRI 31 DE DEZEMBRO DE 1951

A NOVA CAMARA

Vereadores



ODÓRIO GREGICE



HUGO FERGANI



ANTÔNIO CAMARGO GUIMARÃES



JOSÉ MASSON - PREFEITO MUNICIPAL



DOMINGOS FELICIO GREGICE

Vereadores



JAMIL GEMETRID



MIGUEL CHAIM



CARMINE FERRO PRIMO



JOÃO DOMINGUES FERREIRA

Amizade, respeito e harmonia são os princípios que presidem a nova Câmara Municipal de Bariri.

A respeito do legislativo, o Sr. Gregice afirma que não se esquecerá do espírito de colaboração e de respeito às instituições. Que futuro tem Bariri? Não foi um adiantado desenvolvimento, um espírito de colaboração, abrenunciando-se os poderes Legislativo e Executivo, a favor do povo. Qual o estado desta orientação? No campo da educação, a expansão de escolas, as questões pessoais, com desprazer, o voto de um juramento seguido e com o abandono das causas de Bariri e dos interesses do povo.

No fim a tranquilidade do dever cumprido, a paz da consciência, a paz.

lo extremado e a honesta honra de projetos úteis, necessários, aguardando seu tempo.

No campo do desenvolvimento democrático, o Sr. Gregice afirma que o estabelecimento da participação no processo político.

Pouco do tempo perdido foi recuperado por um tipo de legislação que honra sobremodura os Honrosos Vereadores. É o conhecimento do qual foi feito nestes últimos meses, por meio de boa vontade e vir que a nossa Câmara exalta as dignidades.

Nunca será demais a gratidão do povo por este curto mas fructuoso período em que o Prefeito e Vereadores se deram as mãos.

Ojalá continue sempre assim. Deus que proteja e inspire os homens para a luta pela boa causa. Por Bariri, elevada no nosso coração.

Fonte: A Tribuna de Bariri, 1951.

Figura 18 - 1ª Festa da Mamona

A Tribuna de Bariri

DIRETOR-RESPONSÁVEL: DOMINGOS GALIZIA REGINA
FILMADO À ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE IMPRENSA SOB N. 210

ANO VI EDIÇÃO E IMPRESSÃO: SUA TRAVEZINHOS, 603 TELEFONES: 1-2-6 BARIRI, 27 DE JANEIRO DE 1957 CAIXA POSTAL, 45 ESTABO DE SÃO PAULO 11 - PAULISTA - SP. N.º 299

1.ª FESTA DA MAMONA

PROMOVIDA PELA INDÚSTRIA RESEGUE DE ÓLEOS VEGETAIS LTDA. — ACONTECIMENTO INÉDITO NO BRASIL — VISITA DE ILUSTRES PERSONALIDADES — COROAÇÃO DA RAINHA DA MAMONA EM ESPLENDOROSO BAILE — FUNDO FILANTRÓPICO — DIVERSAS DEMONSTRAÇÕES PROPORCIONARAM ALEGRIA AO POVO DE BARIRI — OUTRAS NOTAS

A Indústria Resegue de Óleos Vegetais Ltda. é uma organização que muito honra Bariri. Fundada há cerca de dez anos, sua atividade gira em torno da extração de óleos vegetais, destacando-se o largo emprego da mamona, resultando disso excelentes rendimentos para a Terra, quer estimulando a cultura dessa oleaginosa, e assim, descurtando um novo incentivo agrícola, quer recolhendo fortes somas de impostos, cooperando, desse modo, para o progresso local que se beneficia pelo retorno do excesso de arre-

para tal realização e, do estado dos mesmos, acabou a I. R. O. V. encampando a idéia, dando-lhe o prestígio do seu nome e a solidariedade financeira para tentarem de tal vulto. O resultado foi inesperado: o que seria um simples baile, transformou-se em festividades que duraram todo um dia, o 30 de Dezembro, data, para Bariri, inesquecível por muitos motivos. Ficou decidido que os fundos angariados pelo concurso para a escolha da Rainha da Mamona revertiriam em prol da Casa da Criança.

hantar as festividades. Na noite desse mesmo dia, na quadra de futebol do C. E. N. A. — entidade copromotora dos festejos —, realizou-se uma partida de basquete entre as turmas local e de São Carlos. Na manhã seguinte, o clérigo da Banda do 4.º Batalhão de Caçadores tocou a alvorada, no pátio da I. R. O. V., logo, depois, toda ela em percurso pela cidade já desperta pelos alegres dobrados. Alviassas de rojões, espocaram no ar, assando o grande dia. As Bandas do 4.º B. C. e local, que ajeitaram as demon-

strah e Lara do Sigma Fimental, que fez o percurso em 7 minutos e 3 segundos. Cerca de 14 horas, diversas demonstrações realizadas nas dependências do C. E. N. A. tais como provas de natação, saltos ornamentais, partidas de ping-pong e sensacionais demonstrações de jiu-jitsu por diversos «faixas pretas» e meninos de 10 a 14 anos, da Academia Linsense de Judo, atraíram a atenção de numerosa assistência. Às 16 horas, no campo de aviação, o jovem baririense Mauro Dalalio, da Escola de Paraquedistas do Exército, conduzido pelo hábil piloto contrerrieno Nenê Cabral, instrutor-chefe de nosso Aero Clube, deu magnífico salto a 600 metros de altura, entusiasmando a enorme multidão de bem 6.000 pessoas, que ficou em «suspenso», olhos voltados para o céu e acompanharem a subida do tec-teco do Aero Clube local, na expectativa do salto, que se efetivou, como dissemos, com absoluto êxito, demonstrando experiência e grande calma do jovem paraquedista.

ECOS DA 1.ª FESTA DA MAMONA EM BARIRI

ESCREVEU: DARCY

O ESPETÁCULO promovido, no dia 30 de Dezembro p. passado, em Bariri, pela «Indústria Resegue de Óleos Vegetais Ltda.», não pôde ficar adstrito somente ao seu aspecto festivo. Representa mais, muito mais, porque teve, também como finalidade, adquirir meios para ajudar a erigir em nossa cidade, a casa da criança desamparada. E o que representa a Casa da Criança? Uma das mais belas conquistas do sentimento humano. Um abrigo aos pequenos desamparados, aqueles que não possuem a ventura de ter um lar, o calor de um seio materno, o afago de uma mãe, o desvô de uma sãmba.

conclamada para batalhar ao lado daqueles que agem em função de uma ação nobilitante. E a festa foi realizada com o máximo esplendor, para que a criança desamparada pudesse em nosso meio ser restituída a um lar, sob as bênçãos de Deus. Não podemos olvidar de que os desamparados necessitam do nosso apoio. Somos todos filhos de um Deus poderoso que nos criou, ricos e pobres, à sua imagem e semelhança. Haverá porventura gesto mais digno e do interior agrado de Deus, do que aquele que ampara os pequeninos seres desprotegidos?

No mundo hodierno, quando o materialismo campeia infrene, não respaldando nem mesmo os melhores sentimentos, jogando ao léu da sorte, pequeninos seres, vítimas inocentes e imbeciles de uma sociedade encicrada, um gesto de filantropia, como o da «Indústria Resegue de Óleos Vegetais», surge no cenário da vida, qual farol de esperanças, a iluminar os caminhos escuros e pedregosos.

O sentido filantrópico ressaltado na festa da Indústria, que muito orgulha a todo Bariri, deve ser apreciado nos seus termos. Nobilita o homem. Faz concluir de que os melhores sentimentos — de muitos —, ainda não estão sepultados na vala comum dos interesses materiais.

Bariri terá em futuro próximo a sua Casa da Criança, o seu templo que abrigará os pequenos seres desamparados, o lar tão sonhado por aqueles que farão a grandza vindoura de Deus e da Pátria.

Bariri terá em futuro próximo a sua Casa da Criança, o seu templo que abrigará os pequenos seres desamparados, o lar tão sonhado por aqueles que farão a grandza vindoura de Deus e da Pátria.

Para a consecução dessa obra de beneficência, colaborou, também, a «Indústria Resegue de Óleos Vegetais», que se comprometeu a fornecer a família Resegue, ao ser

Para a consecução dessa obra de beneficência, colaborou, também, a «Indústria Resegue de Óleos Vegetais», que se comprometeu a fornecer a família Resegue, ao ser



Feliz flagrante tomado no campo de aviação local, quando da recepção aos Srs. Coripehu de Azevedo Marques e Cap. Pina Figueiredo, observando-se, entre outros, o Sr. Prefeito Municipal de Bariri, Diretores da I. R. O. V., Presidente e Membros da Câmara, bem como pessoas gradas de nossa sociedade.

Convidadas as gentes senhorinhas Dinah Farah, Irma Pultrini, Maric Quisrora, Maria Aparecida da Silva Figueiredo, Laurid Mantovani e Zuleika Pulpa de Mello, puzeram-se estas, logo, a fazer proselitismo, cabalando eleitores. A conjugação do trabalho de todas rendeu a apreciável quantia de Cr\$ 236.000,00, que será toda entregue à «Casa da Criança».

Essa, o primeiro aspecto da Festa.

Após a ação de graças, na Missa Campal rezada pelo Revmo. Pe. José Bonifácio Carreta, uma bem organizada «ginkana» prendeu a atenção de milhares de espectadores que torceram a valer pelos concorrentes. Participaram dessa «ginkana» os jovens Modesto Masson, Nestor Farah, Irldoro Farah, Lucilo Felipe, Ibrahim Paulo Masson e as senhorinhas Arlete Borsetti, Teresinha Bonatelli, Lara do Sigma Fimental, Iracy Carvalho e Maria Tereza B. Ferrarri, Veneza a dupla Irldoro Fa-

«show» a milhares de pessoas aglomeradas nos jardins, rodeando compactamente o coreto. Por mais de duas horas, os populares artistas e, com especial destaque, Mário Zan, fizeram as delicias da assistência, que não cansou de aplaudir essas expositos do rádio nacional. A Banda, como sempre, bizou o seu sucesso.



O Sr. Farid Jorge Resegue, Diretor-Geral da I. R. O. V., quando pronunciava seu brilhante discurso de analiseamento da festa e coroação da Rainha, S. S. nesse ocasião, salientou a ideia de sua Firma de promover, futuramente, novas celebrações, pela que foi muito aplaudido.

Nasceu, a idéia, de um grupo de funcionários dessa Firma. Seria, de início, um simples baile, onde haveria a coroação da Rainha da Mamona, visando à angariar meios para o Natal dos Pobres. Esse era o plano original. Problemas foram surgindo dos detalhes

A tarde de 29, chegava a Banda do 4.º Batalhão de Caçadores (Força Pública) de Bariri, para abri-

Veneza a dupla Irldoro Fa-

(continua na pág. seguinte)

Figura 19 – Propaganda eleitoral de Semi Jorge Resegue

25-5-1958 A TRIBUNA DE BARIRI 4.ª Página

**PARA DEPUTADO ESTADUAL
VOTE EM**



DR. SEMI JORGE RESEGUE

Fonte: A Tribuna de Bariri, 1957.

Figura 20 - Fachada do Estádio Municipal Farid Jorge Resegue em 2019



Fonte: Memórias de Bariri, 2019.

Figura 21 – Homenagem ao aniversário de José Jorge Resegue

Conceitos sobre a Honestidade

Todo o mundo sabe o que significa honestidade. A maioria compreende que ser honesto é cumprir com suas obrigações de acordo com as leis e as normas da moral. Ser honesto significa ter profissão definida e tratar e ser tratado pelo patrão, pelo cliente, pelos amigos, pelos freguezes, com propósitos sérios, claros e concisos, sem deixar uma dúvida na transação efetuada, no negócio transacionado, no trabalho feito, na construção edificada e no pagamento feito à outrem. Enfim, ser honesto é legitimar seus negócios à base da correção e do escrúpulo.

Há, porém, uma minoria que assim não compreende a honestidade. Acha que ser honesto consiste em emitir cheques sem fundos, dar desfalques nos bancos, assaltar a bolsa alheia, desfilar instituições de caridade, mentir com intuito deliberado de não pagar o credor, comprar uma coisa por dez e vendê-la por cem jurando que custou noventa e nove, emprestar dos amigos e esquecer de pagá-los, vadear e dizer que não precisa de ninguém, vender e comprar sem pagar imposto, ludibriar os incautos, explorar meretrizes, tudo isso, enfim, é de uma minoria que interpreta a honestidade como tal, e assim a quer, pois não se acostuma de modo diferente.

Há, também indivíduos que acham não existir Deus. A esses são tachados de ateus. Preferível mil vezes a existência de ateus que negam por ignorância O Todo Poderoso, mas que respeitam a honra alheia, pagam suas dívidas em dia, não roubam, não dão desfalques, não dão escândalos, não são velhacos, não mentem, do que aqueles que julgam a honestidade conforme é registrada no segundo parágrafo desta mensagem.

Domingo que vem tem mais.
São Paulo, Fevereiro de 1957.

B. H. C.

A Sociedade

ANIVERSÁRIOS

DR. JOSÉ JORGE RESEGUE



Transcorreu no dia 28 do mês transato o aniversário natalício do jovem médico, Dr. José Jorge Resegue. Os inúmeros amigos e admiradores, sabendo das festividades que essa efeméride ocasiona, scorreram a cumpriménto em sua residência onde foram recebidos com a costumeira fidelidade. Num ambiente colozido em que reinou harmonia e amizade, pôde se constatar a sinceridade de intenções de todos os presentes os quais acumularam o homenagem de afetuosos abraços e votos de ven-

turosa felicidade. Ao ágape rico de iguarias e gulosidades, assentaram as mais altas autoridades do município, o Meritíssimo Juiz de Direito da Comarca, o sr. Prefeito, Vice-Prefeito e Vereadores integrantes da maioria da Câmara Municipal e pessoas da mais alta posição social desta cidade. Falaram os seguintes oradores: o sr. Prefeito Municipal, Domingos Antonio Fortunato, que ofereceu um mimo em nome de um grupo de amigos. O sr. Senel Haddad, digno presidente da nossa Edilidade, que em

A Tribuna de Bariri

ASSOCIADA À SANTOS & SANTOS PUBLICIDADE S. A.
FUNDADA EM 19 DE MARÇO DE 1939 PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

PARA SEUS IMPRESSOS
PROCUREM A
Gráfica Baririense Ltda.
RAPIDEZ — CAPRICHOS

Prestigia o Itamaratí a Exposição Brasileira de Nova Orleans

breves e concisas palavras, salientou a personalidade do ilustre homenageado. A seguir, falou o sr. Dr. Amélio Tanganelli, médico-chefe do Centro de Saúde local, que em oração vibrante e entrecortada por aplausos gerais, pôs em destaque as qualidades do aniversariante e sua ação como médico e cidadão em nosso meio social. Logo após, falou o sr. Luis de Queiroz, Coletor Estadual, que exaltou a figura do sr. Dr. José, atribuindo ao homenageado e com os devidos méritos, uma frase criada pela seu falecido devonitor, sr. Antonio Queiroz, de saudosa memória, o qual, em ocasião oportuna, conferiu a frase a um médico.

ex-prefeito de Bariri, pelo seu acendrado amor à esta cidade: barirismo, é o neologismo significativo de quem ama e trabalha realmente pela grandeza de sua terra natal. Após os aplausos gerais, falou o sr. Prof. Ibraim Paulo Messon, em nome da classe estudantil desta cidade. A seguir, pediu a palavra o Meritíssimo Juiz de Direito da Comarca, Dr. Edgardo Severiano, que expressou a sua intensa alegria pela passagem do aniversário natalício do Dr. José, salientando as virtudes do homenageado e pondo em destaque a sua qualidade de médico sempre afeito em colaborar com a justiça nas questões criminais. A seguir, falou a srta. Mariad Queiroz, que em bonita oração saudou o aniversariante.

Finalmente, o ilustre aniversariante, com profunda emoção, tomou da palavra para agradecer a todos aquela manifestação de simpatia e apreço, assegurando a certeza de continuar com todas suas forças em trabalhar pela prosperidade de Bariri.

A «A Tribuna de Bariri» que se fez representar pelo seu Diretor, associou-se às homenagens prestadas ao distinto aniversariante com votos de felicidades.

Fez anos ontem, o jovem Elias Zakaib.

Fazem anos:

HOJE:

— o sr. Roberto de Almeida, nosso assinante, residente em Bauri;
— a sra. Eliza Fortunato Corrêa, esposa do sr. Euclydes Gabriel Corrêa, residente em São Carlos e proprietário nesta cidade;

— a srta. Wilma Fernandes, filha do sr. Luciano Fernandes, residente em Cornélio Procopio, Estado do Paraná;
— a srta. Maria Aparecida Silva Figueiredo, filha do sr. José Alves Figueiredo Junior, do comércio local;
— a menina Neusa, fi-

Com vistas à Exposição Brasileira de New Orleans, patrocinada pela Companhia Auxiliar de Empresas Elétricas Brasileiras, o Ministério das Relações Exteriores acaba de expedir instruções ao Consulado de nosso país naquela cidade e à Embaixada Brasileira em Washington, encarecendo a colaboração de ambos em tudo que contribua para abrilhantar a grande exibição.

Não é a primeira vez, forgozo se faz reconhecer, que a Casa de Rio Branco se move no sentido de prestigiar realizações desse teor, em que a iniciativa privada, justamente por se revestir de excepcional interesse para os organismos governamentais, reclamam o seu auxílio ativo e eficaz. O objetivo primordial da Exposição, que será efetuada em estreita cooperação com a American and Foreign Power Co., resume-se em polarizar a atenção do homem norte-americano, investidor ou turista potencial, que possa ser levado a manter contactos com a gente de nossa terra.

Para conseguir tal objetivo, as Empresas Elétricas Brasileiras e a American & Foreign Power Co. conjugam esforços no preparo da Exposição, cuidando-se da apresentação de diversos mostruários, fotomontagens, mapas e gráficos, focalizando aspectos variados da nossa economia, em que são realçados a modernização agrícola, o crescimento das cidades e o progresso industrial do país. Procura-se demonstrar, em suma, que o Brasil está no limiar de uma nova fase do seu desenvolvimento, sobremodo atraente aos investimentos estrangeiros.

Por outro lado, dando destaque ao avanço cultural e às belezas naturais do país, tentam os patrocinadores da Exposição in-

crementar o turismo norte-americano no Brasil. O aumento das despesas derivadas do turismo, contribuindo para aumentar nossas reservas de divisas e inflando no equilíbrio do nosso balanço de pagamentos, contribuirá mais um fator favorável ao desenvolvimento econômico de nossa pátria.

Visto por esse prisma, de importância capital para um país em plena expansão como o nosso, compreende-se bem o interesse demonstrado pelo Itamaratí com respeito à exibição. Mas não é só: uma Exposição como a que se vai realizar, muito contribuirá para estimular o intercâmbio comercial e para firmar as nossas relações com os bons amigos do norte, em bases sólidas e duradouras; percebendo que os objetivos da Exposição caminham paralelos às suas atribuições, o Itamaratí resolveu formar ao lado dos particulares brasileiros e americanos, a fim de obter os melhores resultados possíveis do empreendimento.

De 24 de março em diante, no International Trade Mart, instituição que nasceu da vontade empreendedora dos homens de negócios, imbuídos do espírito de colaboração internacional, a Exposição Brasileira será franqueada ao público. Prevista para funcionar durante o período de dois meses, será visitada por dirigentes de empresas, exportadoras e importadoras, assim como por vários cidadãos norte-americanos que se interessam por investimentos em países estrangeiros. Para lhes dar uma visão clara e objetiva das oportunidades que o nosso país oferece, as Empresas Elétricas Brasileiras e a American & Foreign Power Co. não têm medido esforços. Agora, com o oportuno auxílio das repartições diplomáticas brasileiras, será possível acelerar os preparativos finais, para apresentar, em New Orleans, ao homem de negócios americano, uma mostra concreta das possibilidades que o Brasil descortina aos seus investimentos.

Enche o Copo...

(APÓCRIFOS)

Enche o copo, garçon! Vamos! Depressa...
Que importa que eu fique embriagado?
Não há nada na vida que me impeça
D'eu ficar toda a noite neste estado.

O vapor da bebida já começa
A perturbar meu cérebro cansado!
O esquecimento... a paz... a dor que cessa
O espectro bestial e aparvalhado!

Dizes que o meu ser é abominável?
Que sabes tu da vida, miserável?
O que pensas de mim não me interessa!

Um bêbado? Um boêmio? Um vagabundo?
É só bebendo que eu tolero o mundo!
Enche o copo, outra vez! Vamos... Depressa!

Igreja Matriz

MISSAS DA SEMANA

Amanhã, às 7 horas, missa por alma de Augusto Ferrari; às 8 horas, pelas Almas.

Sábado, às 7 horas, missa por alma de Maria Libana Telles; às 8 horas, 7.º dia, por alma de Maria Justulini.

Domingo, missas às 7, 8 e 9 horas.

Curiosidades

4.ª feira, às 7 horas, missa em louvor a N. S. Aparecida; às 8 horas, por alma de Francisco Devito.

5.ª feira, às 7 horas, missa por alma de Elvira Bafelio Piotto; às 8 horas, por alma de Genoveva Jacó.

— A Llama da Bolívia, quando irritada, cospe em cima de quem a provoca.

— Vitor Hugo tomava um banho cada vez que tinha de sentar-se à mesa de trabalho, para escrever uma poesia ou redigir um discurso.

Figura 22 – Nomeação de José Jorge Resegue como presidente da Comissão de Construção da Casa da Criança

Nomeado o Dr. José Jorge Resegue Presidente da Comissão de Construção da "CASA DA CRIANÇA"

*Colaborarão em favor do empreendimento
o Juiz de Direito, o Promotor de Justiça,
o Prefeito Municipal e o vereador
José Omar Giacone*



Dr. José Jorge Resegue

A «A Tribuna de Bariri», congratula-se com a Sociedade de São Vicente de Paulo de Bariri, que, graças à colaboração que irá receber de homens de prestígio e de autoridades locais, não terá dificuldade em levar avante a construção da «Casa da Criança», obra de grande envergadura econômica e de importante alcance social.

Ao ensejo do lançamento da pedra fundamental daquele educandário e creche (hoje, às 10 horas), a «A Tribuna de Bariri» formula os melhores votos para que o empreendimento seja concluído dentro de pouco tempo, a fim de que se salvaguardem, quanto antes, os interesses da Pátria, através a assistência moral, material e religiosa dos menores órfãos e abandonados, futuros cidadãos de amanhã.

Fonte: A Tribuna de Bariri, 1957.